MARIA SUELI RIBEIRO DA SILVA

A LÍNGUA KAINGÁNG DA ALDEIA PAULISTA ICATU: UMA DESCRIÇÃO FUNCIONAL

São José do Rio Preto

2011

MARIA SUELI RIBEIRO DA SILVA

A LÍNGUA KAINGÁNG DA ALDEIA PAULISTA ICATU: UMA DESCRIÇÃO FUNCIONAL

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP/ São José do Rio Preto, como requisito para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Erotilde Goreti Pezatti
Área de Concentração: Análise Linguística
Linha de Pesquisa: Descrição funcional de língua oral e escrita
Bolsa Doutorado-Sanduíche no País: CNPq
(Processo: 300663/2009-9)

São José do Rio Preto

2011

Silva, Maria Sueli Ribeiro da.
A língua Kaingáng da aldeia paulista Icatu: uma descrição funcional / Maria Sueli Ribeiro da Silva. - São José do Rio Preto: [s.n.], 2011.
261 f. : il.; 30 cm.

Orientador: Erotilde Goreti Pezatti
Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas.

1. Linguística. 2. Funcionalismo (Linguística). 3. Língua Kaingáng – Análise linguística. 4. Índios Kaingáng – São Paulo (Estado). I. Pezatti, Erotilde Goreti. II. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 81-116.3

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
Campus de São José do Rio Preto - UNESP

MARIA SUELI RIBEIRO DA SILVA

O DIALETO KAINGÁNG PAULISTA DA ALDEIA ICATU: UMA DESCRIÇÃO FUNCIONAL

Membros componentes da banca examinadora:

Titulares

Profa. Dra. Erotilde Goreti Pezatti (Orientadora)
UNESP - *Campus* de São José do Rio Preto

Prof. Dr. Aryon Dall´Igna Rodrigues
UnB – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Wilmar da Rocha D´Angelis
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti
UNESP – *Campus* de Araraquara

Profa. Dra. Niminon Suzel Pinheiro
UNIRP – Centro Universitário de Rio Preto

Suplentes

Prof. Dr. Angel Corbera Mori
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

Profa. Dra. Roseana de Sá Amado
USP – Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Gisela Cássia de Sousa
UNESP – Campus de São José do Rio Preto

Aos* Kaingáng*, em especial às índias mais velhas da aldeia Icatu, dona Catarina (in memorian), Lídia e Maria Rita Campos, principais colaboradoras desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, suprema fonte de todo conhecimento e sabedoria, que dá a todos os povos o conhecimento e une, numa só fé, a diversidade das raças e línguas, que me inspira e me motiva à pesquisa acadêmica com sua luz, com sua ciência, com sua beleza e com sua proteção;

A Jesus, o filho de Deus e fonte inspiradora ao trabalho no bem, guia mentor deste estudo, que me mostra com seu amor, sua paz e sua humildade a certeza de que devemos partilhar o saber e o bem comum entre os irmãos, buscando servir e ser luz para o próximo com o trabalho que fizermos (e isso é a intenção deste estudo);

À Virgem Maria, a bem-aventurada serva de Deus sob o título de Nossa Mãe Aparecida, pela proteção, auxílio, acolhimento, força e encorajamento na elaboração deste estudo, com seu amor, sua mansidão, dulcilidade, sabedoria, ternura de Mãe e madrinha deste trabalho;

À minha família, sobretudo ao meu amado esposo Élio, à nossa pequena flor Aline e aos meus abençoados pais Geraldo e Valquiria, que me deram total apoio e vestiram a camisa deste trabalho, orando muito e tendo paciência, compreensão, carinho e participações muito especiais nos momentos mais difíceis e cruciais deste estudo;

Aos indígenas da aldeia Icatu, sobretudo líderes e professores indígenas, entre eles Ranulfo de Camilo (chefe do Posto Indígena Icatu e terena) e sua esposa Marina de Camilo (Kaingáng), Roberto Carlos Indubrasil (cacique da aldeia Icatu e Kaingáng), Adriano César Rodrigues Campos (vice-diretor da E.I. Índia Maria Rosa e professor Kaingáng), Carlos Indubrasil (professor Kaingáng), Márcio Terena (professor terena) e às Kaingáng mais velhas Catarina (*in memorian*), Lídia e Maria Rita Campos, por permitirem e aceitarem minha estada na aldeia, transmitindo seus saberes quanto à língua e à cultura, em especial a língua

Kaingáng, recebendo-me com muito carinho e contribuindo para que esta pesquisa fosse realizada;

À exímia orientadora desta pesquisa Dra. Erotilde Goreti Pezatti, agradeço (de coração) por ter me aceitado como orientanda já com este trabalho em andamento e por todo seu carinho, dedicação, atenção e conhecimentos transmitidos, para que eu pudesse desenvolver e, principalmente, finalizar esta pesquisa com muita sabedoria, discernimento e propriedade (Deus a abençoe sempre!);

Ao Prof. Dr. Wilmar da Rocha D´Angelis, que me aceitou como estagiária de doutorado-sanduíche e como membro de seu grupo de pesquisa "Conhecimento de Línguas Indígenas Brasileiras na Relação Universidade & Sociedade", na Universidade de Campinas – UNICAMP, transmitindo seu conhecimento e saber sobre a língua Kaingáng e, também, contribuindo com suas importantes e iluminadas sugestões para o desenvolvimento e aperfeiçoamento deste estudo, ao participar como membro da banca da qualificação desta tese;

À antropóloga e professora Dra. Niminon Suzel Pinheiro, querida amiga e maravilhosa colega de trabalho que me impulsionou a esta pesquisa, proporcionando-me o contato com as aldeias Icatu (Braúna-SP) e Vanuíre (Tupã-SP) e me apoiando na elaboração do livro "*Kotit-Kalivónohiko: um livro bilíngue para o ensino das línguas indígenas da aldeia Icatu*";

Ao Prof. Dr. José Horta Nunes, exímio pesquisador da Análise do Discurso de linha francesa, por sua orientação e seu apoio na fase inicial do processo de doutorado e pelos conhecimentos adquiridos, sobretudo durante minha participação como membro de seu grupo de pesquisa Documentação Linguística: Arquivo, Instrumentação e Divulgação (2006-2007), na Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de São José do Rio Preto;

Ao Prof. Dr. João Antonio Telles, por suas contribuições e sua supervisão na qualificação especial que desenvolvi na área de Linguística Aplicada, voltada ao Projeto

TeleTandem-Brasil, sob sua coordenação na Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de São José do Rio Preto;

À Profa. Dra. Marize Mattos Dall´Aglio Hattnher, por seus comentários e sugestões valiosos durante sua participação como membro da banca de qualificação desta tese;

Aos meus amigos fraternais e parentes Antonia Aparecida Francisco, Beatriz Ola de Azevedo, Bernadete Lourdes Santos Oliveira, Fernanda Moreira Veloso, Edimilson Dezan, Maria Aparecida Francisco, Maria Aparecida Lázaro, Paulo Vicente Ribeiro da Silva, Saraí Tárcia de Brito, Sandra Domingos Brito e Dona Ermelinda, que participaram mais diretamente desta pesquisa, seja nas bravas e infindáveis viagens à Icatu, seja com suas belíssimas e providenciais orações, que muito me fortaleceram para a finalização desta pesquisa;

Aos amigos e colegas deste percurso acadêmico Ana Maria Paulino Comparini, Crisciane Lara Barbosa Paiva, Denise Silva, Eduardo Alves Vasconcelos, Liliane Santana, Lisângela Aparecida Guiraldelli, Marcos Rogério Cintra, Marcelo Pinho de Valhery Jolkesky, Mariana Sasso, Michel Gonçalves Fontes, Solange Aparecida Gonçalves, Talita Storti Garcia e Valéria Vendrame, pelas trocas, conversas, desabafos, palavras amigas, contribuições (como *abstract*) e sugestões que me motivaram a continuar, principalmente nas etapas mais difíceis da elaboração desta tese;

Aos indígenas do Brasil das mais diversas etnias, com quem tive contato durante o desenvolvimento deste trabalho, sejam os amigos que fiz na aldeia Icatu (Braúna-SP) e na aldeia Vanuíre (Tupã-SP), sejam os amigos que fiz em congressos e encontros específicos da área da Linguística Indigenista, como o VI Encontro de Línguas e Culturas Macro-Jê (em 2008), na Universidade Federal de Goiás – UFG, e o VIII ELESI – Encontro de Leitura e Escrita em Sociedades Indígenas (em 2010), na Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD; muito obrigada pelas trocas de informações, experiências e vivências!

Aos membros do grupo de pesquisa em Gramática Funcional (GPGF), coordenado pelos exímios pesquisadores Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho e Profa. Dra. Erotilde Goreti Pezatti, na Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de São José do Rio Preto, pelos conhecimentos transmitidos, pelos debates e discussões que me propiciaram maior assimilação dos conceitos chaves da teoria funcionalista da Gramática Discursivo-Funcional (GDF);

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), órgão de fomento responsável pela concessão de bolsa de Doutorado-Sanduíche no País (SWP), pela oportunidade, estímulo e confiabilidade em minha pesquisa;

À Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), por permitir a realização do meu estágio de doutorado-sanduíche, durante o primeiro semestre de 2010, no Departamento de Linguística;

Ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – IBILCE/ UNESP – São José do Rio Preto - e à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), em Brasília – DF, pela aprovação e pelo consentimento ao desenvolvimento desta pesquisa, com base na ética e no respeito aos direitos da população indígena em estudo;

Aos funcionários da Pós-Graduação e da biblioteca do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – IBILCE/ UNESP – São José do Rio Preto, que muito me auxiliaram com suas informações pertinentes e essenciais durante o processo de doutorado e durante a elaboração da tese, como os brilhantes amigos Leonardo, Oscar, Rosemar, Silvinha e Soraia;

Enfim, meus sinceros agradecimentos e reconhecimento a todos aqueles que, direta ou indiretamente, apoiaram e contribuíram para que esta pesquisa fosse desenvolvida e finalizada.

"Todos nós somos capazes de produzir
E deixar algo para nossos semelhantes.
Temos que pensar:
Onde, quando, como, por que, para que e para quem podemos
Deixar algo melhor, algo inusitado, algo especial.
Temos e continuaremos a ter as nossas diferenças,
***Sejamos nós crianças, jovens, adultos ou mais velhos* Kaingáng.**
Mas juntos somos mais fortes
e podemos muito mais!"

(Adriano César Rodrigues Campos –
vice-diretor e professor Kaingáng da
E.I. Índia "Maria Rosa" da aldeia Icatu – Braúna - SP**)**

SILVA, M.S.R.da. **O dialeto Kaingáng paulista da Aldeia Icatu: uma descrição funcional.** 261f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2011.

RESUMO

Os índios Kaingáng do Oeste Paulista, após o processo de pacificação, foram levados a viver em aldeias, demarcadas pelo Governo e administradas pelo SPI – Serviço de Proteção ao índio (hoje FUNAI). A primeira aldeia que surgiu desse processo foi a de Icatu, localizada a 8 km da cidade Braúna, no Oeste Paulista. Os professores Kaingáng de Icatu atualmente demonstram a preocupação com o ensino da língua, já que, segundo eles, a fala e a escrita do Kaingáng do Sul não correspondem com a do Kaingáng de São Paulo e que há diferenças entre as duas variedades. Para verificar se as observações dos Kaingáng paulistas têm fundamento, propusemo-nos em descrever o dialeto Kaingáng paulista da aldeia Icatu, comparando-o com o dialeto Kaingáng do Sul. A hipótese é a de que a divergência entre as duas variedades do Kaingáng se deve ao contato do Kaingáng de Icatu com a língua terena, também falada nessa aldeia, e, principalmente, com o português, atualmente a primeira língua. Para tanto, investigamos a ordenação e as categorias Tempo, Modo e Aspecto (TAM), diferenciando aspectos morfossintáticos mais visíveis entre as duas variedades. Para averiguarmos a ordenação e a categorização do TAM no Kaingáng do Sul, utilizamos os trabalhos de Wiesemann (1967, 1971, 2002), D´Angelis (2004, 2005) e Gonçalves (2007, 2009a, 2009b, 2010a, 2010b). E, para mostramos os aspectos relacionados à sintaxe do Kaingáng paulista, embasamo-nos em Cavalcanti (1987), D´Angelis e Silva (2000), D´Angelis (2002a, 2002b, 2006a, 2006b, 2008a, 2008b). O *corpus* analisado compõe-se de sentenças e narrativas produzidas por professores Kaingáng da aldeia paulista de Icatu, com a ajuda de uma das falantes mais velhas. Ao compararmos o dialeto paulista de Icatu com o do

Sul, notamos que, apesar de sua obsolescência e sua ortografia distanciada da ortografia do dialeto do Sul, a morfossintaxe da variedade de Icatu não diverge da do dialeto do Sul. Como o Kaingáng do Sul, o Kaingáng paulista de Icatu configura-se como uma língua posposicional, em que predomina a ordem SOV, em sentenças transitivas, e SV em intransitivas. Quanto à categoria Aspecto, o Kaingáng paulista distingue o Aspecto Perfectivo, o Imperfectivo e o Fasal, com as marcas expressas no final da oração. A categoria Modo, em ambos, é marcada por partículas gramaticais e lexicais, expressando as modalidades doxástica, dubitativa, epistêmica e deôntica. Tanto o dialeto do Sul como o paulista de Icatu marcam a categoria Tempo com expressões lexicais e elementos gramaticais. As duas variedades expressam apenas tempo Presente e Futuro. Diferentemente do Kaingáng do Sul, o dialeto paulista vem reduzindo o uso de marcas gramaticais de Tempo, de Modo e, mais raramente, de Aspecto. Os resultados demonstram que, de fato, o dialeto Kaingáng paulista de Icatu está mudando, em razão do multilinguismo em que vive a aldeia. Essa diversificação linguística no Kaingáng, como esclarece D´Angelis (2008a), é uma consequência natural da autonomia de seu povo sobre sua língua e deve, portanto, ser respeitada.

Palavras-Chave: Kaingáng paulista, aldeia Icatu, multilinguismo, ordenação de palavras, TAM (tempo, aspecto e modo).

SILVA, M.S.R. da. ***The dialect Kaingáng of the São Paulo village Icatu*: un functional description.** 261f. Thesis (PhD degree in Linguistic Studies) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2011.

ABSTRACT

The Kaingáng Indians from the western region of the State of São Paulo, after undergoing a pacification process, were taken to live in villages lined off by the government and managed by the Indian Protection Service [SPI - *Serviço de Proteção ao Índio*] (currently, FUNAI). Located 8 km away from the city of Braúna, in western São Paulo State, Icatu is the first village built out of this process. Currently, Kaingáng teachers from Icatu show concern about teaching the language, since, according to them, the spoken and written aspects of the Kaingáng from the South do not correspond to those of the Kaingáng from São Paulo. They also claim that there are differences between these two varieties. In order to verify that those claims about the Kaingáng from São Paulo are accurate, we endeavored in describing the Kaingáng dialect from São Paulo State, specifically from Icatu, comparing it to the Kaingáng dialect from the South. Our hypothesis suggests that the differences between both varieties of the Kaingáng are explained by the contact of the Kaingáng people from Icatu with the *Terena* language, also spoken in this village, and, mainly, with the Portuguese language, currently their first language. So, we investigated both the order and the Time, Mode and Aspect categories [TAM - *Tempo, Modo, Aspecto*], differentiating the most visible morphosyntactic aspects between the two varieties. In order to verify the order and the TAM categories in the Kaingáng from the South, we used written materials from Wiesemann (1967, 1971, 2002), D´Angelis (2004, 2005) and Gonçalves (2007, 2009a, 2009b, 2010a, 2010b). Also, in order to show the syntax-related aspects of the Kaingáng from São Paulo, we based our study on Cavalcanti (1987), D´Angelis e Silva (2000), D´Angelis (2002a, 2002b, 2006a, 2006b, 2008a,

2008b). The analyzed *corpus* is comprised of sentences and narratives put together by Kaingáng teachers from Icatu with the help of one of the oldest female speakers of the language. When comparing the dialect from Icatu to the one from the South, we observed that, despite being obsolete and despite its orthography not being equal to the one from the Southerner dialect, the morphosyntax of the language from Icatu is not different from that of the South. Just like the Kaingáng from the South, the Kaingáng from São Paulo is basically a postpositional language in which the SOV order is predominant in transitive clauses, and the SV order is predominant in intransitive ones. Concerning the Aspect category, the Kaingáng from São Paulo differentiates the Perfective, Imperfective and Phasal Aspects by using the corresponding marks expressed at the end of the clause. The Mode category, in both cases, is marked by grammatical and lexical particles, expressing the doxastic, dubitative, epistemic and deontic modalities. Both the dialect from the South and the one from São Paulo (Icatu) demonstrate the Time category by using lexical expressions and grammatical elements. Both varieties express only Future and Present time. Differently than the Kaingáng from the South, the one from São Paulo has been mitigating the use of grammatical marks such as Time, Mode, and, more rarely, Aspect. The results show that, in fact, the Kaingáng dialect from São Paulo (Icatu) has been changing because of the multilinguism existing in the village. According to D´Angelis (2008a), such linguistic diversification observed in the Kaingáng language represents a natural consequence of its people's autonomy over their language and must, therefore, be respected.

Keywords: Kaingáng of the São Paulo; village Icatu; multilingualism; ordering of words; TAM (tense, aspect e mode).

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Páginas

FIGURAS

Figura 01: Famílias Linguísticas do Tronco Tupi 28

Figura 02: Famílias Linguísticas do Tronco Macro Jê 29

Figura 03: Distribuição das línguas do Tronco Macro Jê 30

Figura 04: Aldeias Kaingáng 37

Figura 05: Escola Estadual de Primeiro Grau “Índia Maria Rosa” (Antes) 51

Figura 06: Escola Índigena “Índia Maria Rosa” (Atualmente) 51

Figura 07: Domínio Kaingáng no Estado de São Paulo no século XIX 131

QUADROS

Quadro 01: Diferenças lexicais entre as obras de Wiesemann e a ortografia atual do Kaingáng paulista 21

Quadro 02: Semelhanças e diferenças do léxico de línguas da Família Jê 32

Quadro 03: Dissertações e teses sobre a língua Kaingáng a partir da década de 80 44

Quadro 04: Tempo em Kaingáng 105

Quadro 05: Categoria Tempo no Kaingáng do Sul 109

Quadro 06: Aspectos Perfectivos do Kaingáng concomitante ao Modo Realis 114

Quadro 07: Aspectos Perfectivos do Kaingáng concomitante ao Modo Irrealis 115

Quadro 08: Aspectos Imperfectivos do Kaingáng concomitante ao Modo Irrealis 116

Quadro 09: Mudanças na escrita de pronomes pessoais 145

Quadro 10: Ortografia de algumas palavras do Kaingáng paulista 146

Quadro 11: Número de ocorrências dos tipos de estruturas no Kaingáng de Icatu 159

Quadro 12: Marcas de Aspecto no Kaingáng Paulista de Icatu 185

Quadro 13: Marcas de modalidade no Kaingáng Paulista de Icatu 192

Quadro 14: Reformulação de Bertinetto (1986) da referência Tempo 193

Quadro 15: Marcas da categoria Tempo no Kaingáng paulista de Icatu 195

Quadro 16: Diferenças entre o dialeto do Sul e o dialeto de Icatu quanto à ordenação... 224

Quadro 17: Diferenças entre o dialeto do Sul e o dialeto de Icatu quanto

às marcas morfossintáticas 225

Quadro 18: Diferenças entre o dialeto do Sul e o de Icatu quanto à categoria Aspecto ...234

Quadro 19: Diferenças de marcas de modalidade entre o Kaingáng de Icatu e o do Sul..241

Quadro 20: Diferenças entre o Kaingáng de Icatu e o do Sul quanto à categoria Tempo..246

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

1: primeira pessoa

2: segunda pessoa

3: terceira pessoa

ATEL: atélico

ASP: aspecto

BENEF: beneficiário

CERT: certeza, modalidade doxástica

DEF.M: artigo definido masculino

DEM: demonstrativo

DUB: modalidade dubitativa

DUR: durativo

ENF: ênfase

EXORT: exortativo

F: feminino

FASAL: marca de aspecto fasal

FUT: futuro

HAB: habitual

IMPERF: aspecto imperfectivo

INDEF: artigo indefinido

INTENS: intensificador

INTER: pronome interrogativo

INTERJ: interjeição

L_1: primeira língua

L_2: segunda língua

M: masculino

MOD: modalidade

NEG: negação

NOM: nominativo

NUM: numeral

O: objeto

PAS: passado

PERF: aspecto perfectivo

PERF.PAS: aspecto perfectivo no passado

PL: mais de um, plural

PROSP: aspecto prospectivo

RES: aspecto resultativo

S: sujeito

SG: singular

TEL: télico

TOP: tópico

V: verbo

VOC: vocativo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 19

PARTE I PRESSUPOSTOS TEÓRICOS 25

CAPÍTULO 1 O KAINGÁNG 26

1.1 Troncos e Famílias 26

1.2 O Kaingáng e seus macrodialetos 33

1.3 Estudos sobre o Kaingáng 38

PARTE II UNIVERSO DE PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 47

CAPÍTULO 2 METODOLOGIA 48

2.1 A Escola Indígena "Índia Maria Rosa" 50

2.2 O tipo de pesquisa 52

2.3 Coleta de Dados 54

2.4 A construção do *corpus* 56

PARTE III ANÁLISE DO DIALETO DO SUL E DO DIALETO PAULISTA 78

CAPÍTULO 3 O KAINGÁNG DO SUL 79

3.1 Ordem 80

3.2 TAM 85

3.3 O Kaingáng do Sul 94

CAPÍTULO 4 O KAINGÁNG PAULISTA 129

4.1 Aspectos da história e cultura dos Kaingáng paulistas 129

4.2 Aspectos linguísticos do Kaingáng paulista 133

4.3 As marcas sintáticas no Kaingáng paulista 138

4.4 A morfossintaxe no Kaingáng paulista de Icatu 149

PARTE IV GENERALIZAÇÕES E IMPLICAÇÕES TEÓRICAS 198

CAPÍTULO 5 SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE O KAINGÁNG PAULISTA DE ICATU E O KAINGÁNG DO SUL 199

5.1 Quanto à ordenação 202

5.2 Quanto ao TAM 226

CONSIDERAÇÕES FINAIS 247

REFERÊNCIAS 250

INTRODUÇÃO

Os índios Kaingáng do Oeste Paulista, após o processo de pacificação, foram levados a viver em aldeias, demarcadas pelo Governo e administradas pelo SPI – Serviço de Proteção ao índio (hoje FUNAI). A primeira aldeia que surgiu desse processo foi a de Icatu, localizada a 8 km da cidade Braúna; posteriormente, surgiu à aldeia de Vanuíre, que fica próxima do município de Arco-Íris, localizada a 23 km da cidade de Tupã.

Além dos Kaingáng, outros povos indígenas foram levados a habitar essas aldeias: os Terena (Icatu) e os Krenak (Vanuíre). Em cada uma delas existe um posto indígena supervisionado pela FUNAI, responsável pela organização e ordem das aldeias, o que fez com que alguns "não indígenas" se dirigissem para lá, seja para constituírem família com membros desses povos, seja para exercerem uma atividade dentro das aldeias, como a de enfermeiros, a de chefe desses postos, entre outras. Segundo D'Angelis (2006a), essas outras etnias provocaram uniões interétnicas, o que dificultou a transmissão da cultura e da própria língua.

Os Kaingáng pertencem à família linguística Jê e representam, no Brasil, um dos cinco povos indígenas mais populosos no Brasil; portanto, constitui uma das línguas indígenas mais faladas no Brasil. De acordo com D´Angelis (2006a), a língua Kaingáng, como toda língua indígena em território brasileiro, é ágrafa. No entanto, na década de 60, Ursula Wiesemann definiu um alfabeto para essa língua, desenvolvendo, posteriormente, outros trabalhos sobre o Kaingáng, como a elaboração do dicionário bilíngue do Kaingáng.

Como se sabe, a partir de 1998, com a criação do Núcleo de Educação Indígena – NEI/SEE, do Estado de São Paulo, as escolas sediadas em terras indígenas contrataram professores indígenas bilíngues, com o objetivo de garantir educação escolar diferenciada, específica, intercultural e bilíngue, conforme Parecer CNE n. 14/99 referente às Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena.

A Resolução CNE/CEB n. 3, de 10 de novembro de 1999, fixa as diretrizes nacionais para o funcionamento das Escolas Indígenas. No artigo 2º, determina como um dos elementos básicos para a organização, a estrutura e o funcionamento da escola indígena, que o ensino seja ministrado nas línguas maternas das comunidades atendidas, como uma das formas de preservação da realidade sociolinguística do povo indígena. E, no seu artigo 8º, diz que atividade docente na escola indígena será exercida prioritariamente por professores indígenas oriundos de sua respectiva etnia.

Em contato com a comunidade de Icatu, devido a nossa participação como membro na Comissão Étnica dessa aldeia, em 2007, foi possível notar, entre os professores Kaingáng paulistas, a preocupação com o ensino da língua e o descontentamento em relação ao trabalho lexicográfico efetuado por Wiesemann (1971). Segundo esses professores, há diferenças entre a descrição efetuada por Wiesemann e o uso que os falantes fazem do Kaingáng nessa aldeia.

O Kaingáng abrange os Estados do Paraná, de Santa Catarina, de São Paulo e do Rio Grande do Sul. De acordo com professores Kaingáng de Icatu, a fala e a escrita do Kaingáng do Sul não corresponde à fala e à escrita do Kaingáng do Estado de São Paulo. Apesar de utilizarem o dicionário elaborado por Wiesemann (1971), que, como consta em sua introdução, abrange vocábulos usados em todo contexto falado do Kaingáng (Sul e Oeste Paulista), os Kaingáng paulistas insistem que há diferença entre as duas variedades, principalmente no léxico, como se pode observar pelo quadro abaixo:

LÉXICO EM PORTUGUÊS	WIESEMANN (1971)	WIESEMANN (2002)	KAINGÁNG DE ICATU (2007)
MENINO	*ũn-sĩ*	*ũn gré tĩ*	*un gré tin*
MENINA	*ũn-sĩ-fi*	*tytá, tytán*	*tãtá tin*
CRIANÇA	*ũn-sĩ, gĩr*	*gĩr*	*kotit*

Quadro 01: Diferenças lexicais entre as obras de Wiesemann e a ortografia atual do Kaingáng paulista

Os professores indígenas da aldeia paulista de Icatu afirmam não haver uma correspondência entre a descrição do Kaingáng do Sul e a de São Paulo, como podemos observar pela transcrição, em que a palavra *criança* corresponde a *gĩr*, no exemplo (1), e a *kotit*, em (2); além disso, o Nominativo é marcado por *tóg* e *wã*, respectivamente, no Sul e no Oeste Paulista.

Vejamos os exemplos:

(1) Kaingáng do Sul (Wiesemann, 2002)

Gĩr_ag	*tóg*	*ver,*	*rãnhrã*	*kufy*	*han*	*vãnh*	*nỹtĩgtĩ*
Criança_PL	NOM	ainda	serviço	pesado	fazer	NEG	ASP

‘As crianças não podem fazer serviço pesado’

(2) Kaingáng Paulista (Professores Kaingáng de Icatu, 2009)

Kotit_e	*ti-wã*	*iamĩ_kuprí*	*kakané*	*pehut*	*nha-tĩ*
Criança_PL	3SG-NOM	pão_branco	fruta	comer	ASP-ir

'As crianças foram comer pão e fruta.'

Para os professores de Icatu, essas diferenças, por exemplo, dificultam o ensino dessa língua às crianças da Escola Indígena Maria Rosa, da aldeia Icatu, já que o material utilizado (no caso, o dicionário bilíngue Kaingáng-português de Wiesemann) não corresponde à variedade efetivamente utilizada pelas falantes nativas do Kaingáng de Icatu.

Há muito tempo os professores da Escola Indígena de Icatu desejam ter um registro em um livro, pensando até mesmo em fazer uma gramática de sua língua. Com tais informações, a proposta deste estudo é descrever a língua Kaingáng da aldeia Icatu (no Oeste Paulista), comparando-a como o Kaingáng do Sul (Santa Catarina e Rio Grande do Sul), para assim contribuir com a investigação das línguas nativas brasileiras.

Para isso, contamos com a colaboração dos professores Kaingáng dessa aldeia e com a ajuda de uma das falantes mais velhas do Kaingáng, que traduziram as sentenças e textos que compõem o *corpus* desse estudo.

A hipótese é a de que a divergência entre as duas variedades do Kaingáng se deve ao contato do Kaingáng de Icatu com a língua terena, da família Aruák, que também é falada nessa aldeia, e, principalmente, com o português, que atualmente é a primeira língua (L_1).

Objetivamos, então, a partir de descrições já efetuadas por outros pesquisadores, principalmente do Kaingáng do Sul, verificar se as observações dos Kaingáng paulistas têm fundamento, e quais aspectos linguísticos são de fato distintos.

Assim, nossa tese é a de que o Kaingáng paulista está de fato mudando e que essa mudança se deve ao multilinguismo, próprio dessa aldeia. Dessa forma, trataremos de alguns aspectos morfossintáticos mais visíveis entre as duas variedades.

Para tanto, este trabalho divide-se em cinco capítulos. No Capítulo 1, faremos uma apresentação geral da língua Kaingáng, seu tronco, família e macrodialetos. Serão ainda abordados vários estudos sobre essa língua indígena.

No Capítulo 2, tratamos da metodologia aqui utilizada, focalizando a Escola Indígena Maria Rosa e sua relação com esta pesquisa, mostrando ainda o tipo de pesquisa, a coleta e construção do *corpus*, bem como a forma de análise dos dados.

O Capítulo 3 traz uma introdução sobre o estudo tipológico, com base em Greenberg (1973, 1966), sobre a ordenação, baseando-nos em Câmara Junior (1977), Pezatti (1992); este capítulo mostra alguns estudos sobre as categorias Tempo, Aspecto e Modo (doravante TAM), com base em vários autores, entre eles Comrie (1976), Lyons (1977), Hengeveld e Mackenzie (2008), Castilho (2010); por fim, nesse capítulo, apresentamos uma descrição do Kaingáng do Sul, baseando-nos em Wiesemann (1967, 1971, 2002), D´Angelis (2004, 2005) e Gonçalves (2007, 2009a, 2009b, 2010a, 2010b), enfocando sua ordenação de palavras e suas categorias de TAM.

Já, no Capítulo 4, apresentamos aspectos da história e da cultura dos Kaingáng paulistas, com base em Cava (2004), D´Angelis (2008a), Silva (2009), Mantovanelli da Silva (2010); mostramos aspectos linguísticos do Kaingáng paulista, segundo Cavalcante (1987), D´Angelis (2002a, 2005, 2008a), Cotui e Barbosa (2008), Campos (2008), abordando ainda o conceito de *pidgin*, conforme Tarallo e Alkmim (1987), e de multilinguismo, segundo Couto (2009); tratamos, ainda, das marcas sintáticas no Kaingáng paulista, conforme D´Angelis (2004, 2008a) e Silva (2010); e, por fim, descrevemos a morfossintaxe no Kaingáng paulista de Icatu, apresentando sua ordenação de palavras e as marcas do TAM.

Finalizando, o Capítulo 5 trata das semelhanças e diferenças encontradas entre o Kaingáng paulista de Icatu e o Kaingáng do Sul, em que retomamos alguns trabalhos que

comparam essas duas variedades, como Cavalcanti (1987), D´Angelis e Silva (2000), D´Angelis (2002a, 2002b, 2005 e 2008a), Jolkesky (2010), e, ainda, mostramos a comparação quanto à ordenação e ao TAM entre estes dialetos. Na sequência, apresentamos as considerações finais dessa tese.

Mais do que ser um estudo linguístico, essa pesquisa pretende levar uma conscientização da importância de se vivificar uma língua indígena no Brasil, respeitando suas diferenças, suas variedades e sentidos, mesmo que o português seja mais falado do que a língua nativa da comunidade, como é o caso de Icatu.

PARTE I:

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

CAPÍTULO 1

O KAINGÁNG

Para compreendermos o que é atualmente o Kaingáng paulista de Icatu, é necessário contextualizarmos a língua Kaingáng em relação às demais línguas indígenas do Brasil.

Desse modo, nesse capítulo, primeiramente tratamos dos troncos e famílias linguísticas das línguas indígenas do Brasil, segundo Rodrigues (2002). Em seguida, destacamos a Família Jê à qual pertence o Kaingáng. Também definimos o conceito de 'dialeto' nessa pesquisa, mostrando, com base em Wiesemann (1967, 1971, 2002) e D´Angelis (2008a, 2008b), os dialetos do Kaingáng.

1.1 Troncos e famílias

Para Rodrigues (2002, p.17) "as línguas dos povos indígenas do Brasil são inteiramente adequadas à plena expressão individual e social no meio físico e social em que tradicionalmente têm vivido esses povos." No entanto, quando há uma divisão de comunidades, criando-se mais subcomunidades – como, por exemplo, o Kaingáng do Sul e o Kaingáng paulista, diminui-se a necessidade de ajustes e aumenta a diferenciação linguística entre eles. Muitos elementos linguísticos tendem a desaparecer com o tempo.

Rodrigues nos mostra ainda que essa diferenciação - e até mesmo a redução de línguas indígenas que vem ocorrendo no Brasil – é uma das consequências do extermínio e caça a escravos, na era Colonial, que se prolongou por muitos anos. Ainda hoje, os povos indígenas sofrem perseguições por parte de latifundiários, que ambicionam suas reservas ou seus

aldeamentos. Essa trágica realidade histórica, pela qual ainda passam muitos indígenas, se reflete na língua desses povos, como muito bem diz o autor:

> Cada língua indígena brasileira não só reflete, assim, aspectos importantes da visão de mundo desenvolvida pelo povo que a fala, mas constitui, além disso, a única porta de acesso ao conhecimento pleno dessa visão de mundo que só nela é expressa. (RODRIGUES, 2002, p.27)

Na língua de um povo nativo, está expressa, portanto, a sua visão de mundo, e o que ela tem de diferenças e semelhanças em relação às demais línguas indígenas, sendo, desse modo, classificadas em troncos e famílias linguísticas.

Câmara Junior (1977, p.142), ao tratar da origem comum das línguas, diz que:

> [...] decorreu um processo geral para classificar as línguas do mundo em função da origem comum: a divisão das línguas em "famílias"; desde então, quando se diz que uma língua A pertence a uma família linguística X, isso significa que a língua A provém de uma protolíngua X justamente com as línguas B, C, D, E, reunidas todas na mesma família.

Assim, a família linguística corresponde a um conjunto composto por línguas que se diferenciaram há menos tempo, como, por exemplo, o português, uma língua que pertence ao tronco Indo-Europeu e à família Latina.[1]

De acordo com Rodrigues (2002), tem-se no Brasil dois troncos linguísticos: o tronco Tupi e o tronco Macro-Jê. O tronco Tupi, representado na figura 01, abrange as dez famílias linguísticas: Tupí-Guaraní (AM), Arikém (RO), Awetí (MT), Jurúna (MT), Mawé (AM, PA), Mondé (RO), Puruborá (RO), Mundukurú (AM, PA), Ramaráma (RO) e Tuparí (RO).

[1] Cf. Portal do Instituto Socioambiental (2010)

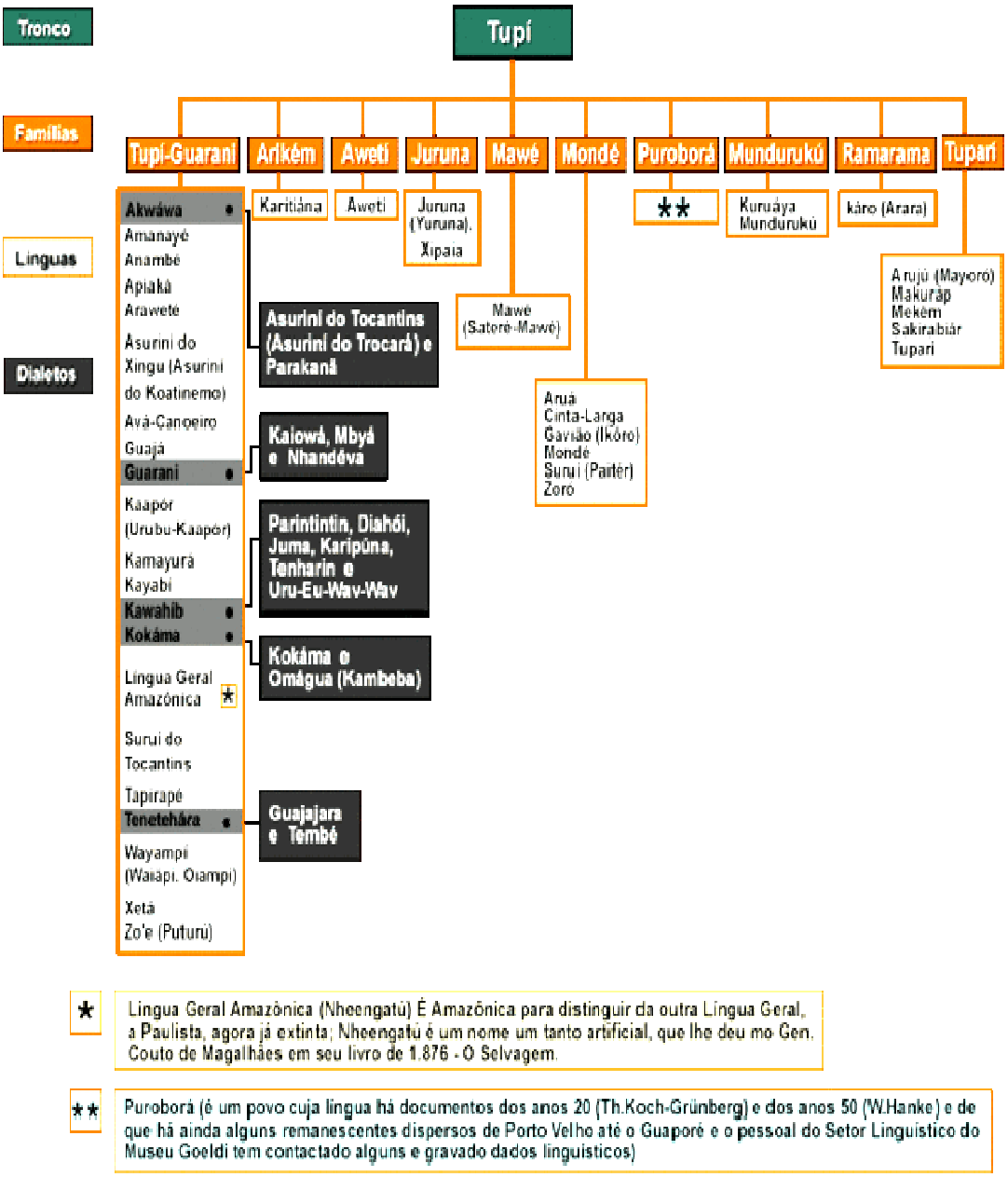

FIGURA 01: Famílias do Tronco Tupi

Fonte: Tommasino (2001 *apud* Portal do Instituto Socioambiental, 2010)

Já o tronco Macro-Jê, como se observa na figura 02, compreende nove famílias linguísticas: Boróro (MT), Krenák[2] (MG, SP), Guató (MS), Jê (GO, MA, MG, MT, PA, PR, RS, SC, SP), Karajá (GO, MT), Maxakalí (BA, MG), Ofayé (MS), Rikbaktsá (MT), Yatê (PE). Rodrigues (2002, p.47) esclarece que "as línguas que hoje conhecemos da família Jê se subdividem nos seguintes grupos": Timbira (GO, MA, PA), Kayapó (MT, PA), Akwén (GO, MG, MT), Kaingáng (PR, RS, SC, SP). Para o autor (idem, p.48), o Kaingáng "é, realmente, o grupo mais diferenciado da família Jê".

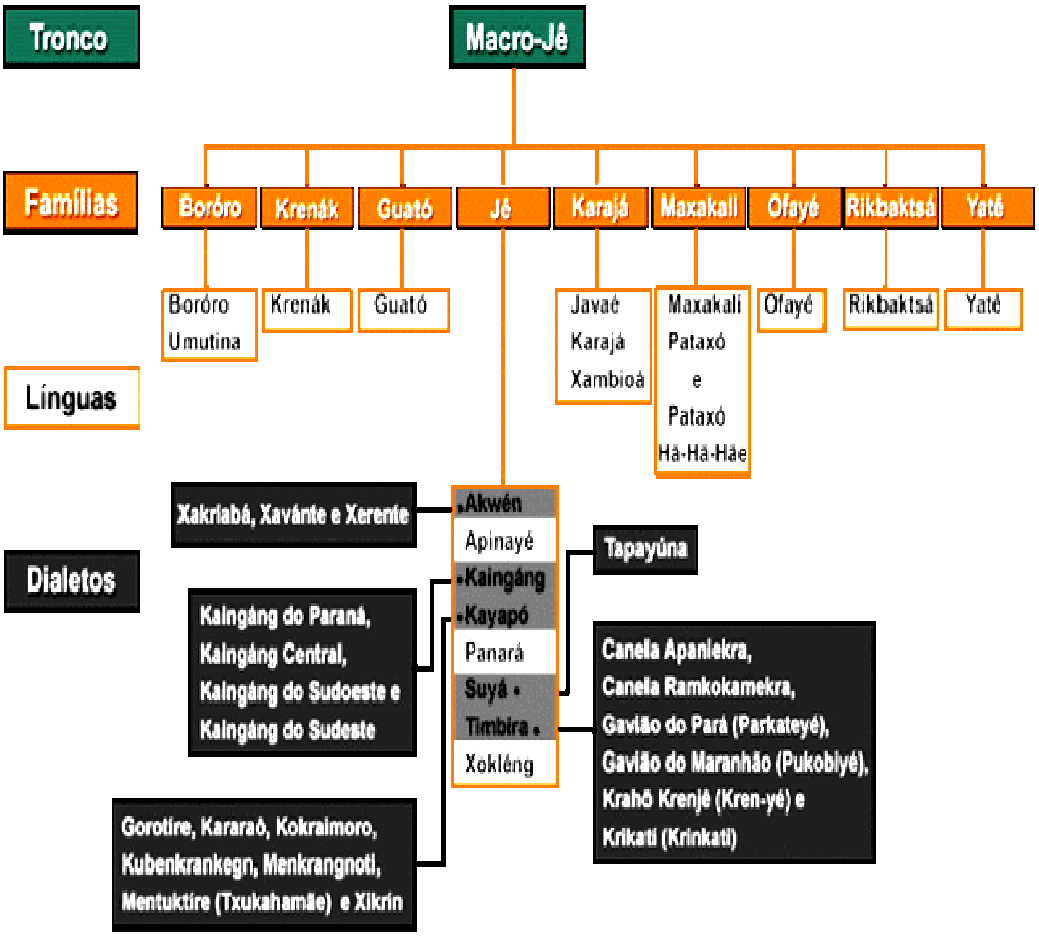

FIGURA 02: Famílias Linguísticas do Tronco Macro-Jê

Fonte: Tommasino (2001 *apud* Portal do Instituto Socioambiental, 2010)

[2] Segundo Rodrigues (2002, p. 49), o Krenák é um subgrupo da família Botocudo. "Da família Botocudo tenta-se hoje, com grande dificuldade, obter algum conhecimento da língua dos poucos sobreviventes que restam de dois de seus subgrupos, os Krenak e os Nakrehé [...]."

Para esta pesquisa, interessa ressaltar o tronco linguístico Macro-Jê, mais especificamente a família Jê, que, conforme se observa na figura 2, é a maior família deste tronco. Outra peculiaridade do tronco Macro-Jê é o fato de estar presente exclusivamente em território brasileiro. É, portanto, o único tronco que não tem representantes em línguas faladas em quaisquer outros países da América. Vejamos sua distribuição destas línguas no mapa que segue:

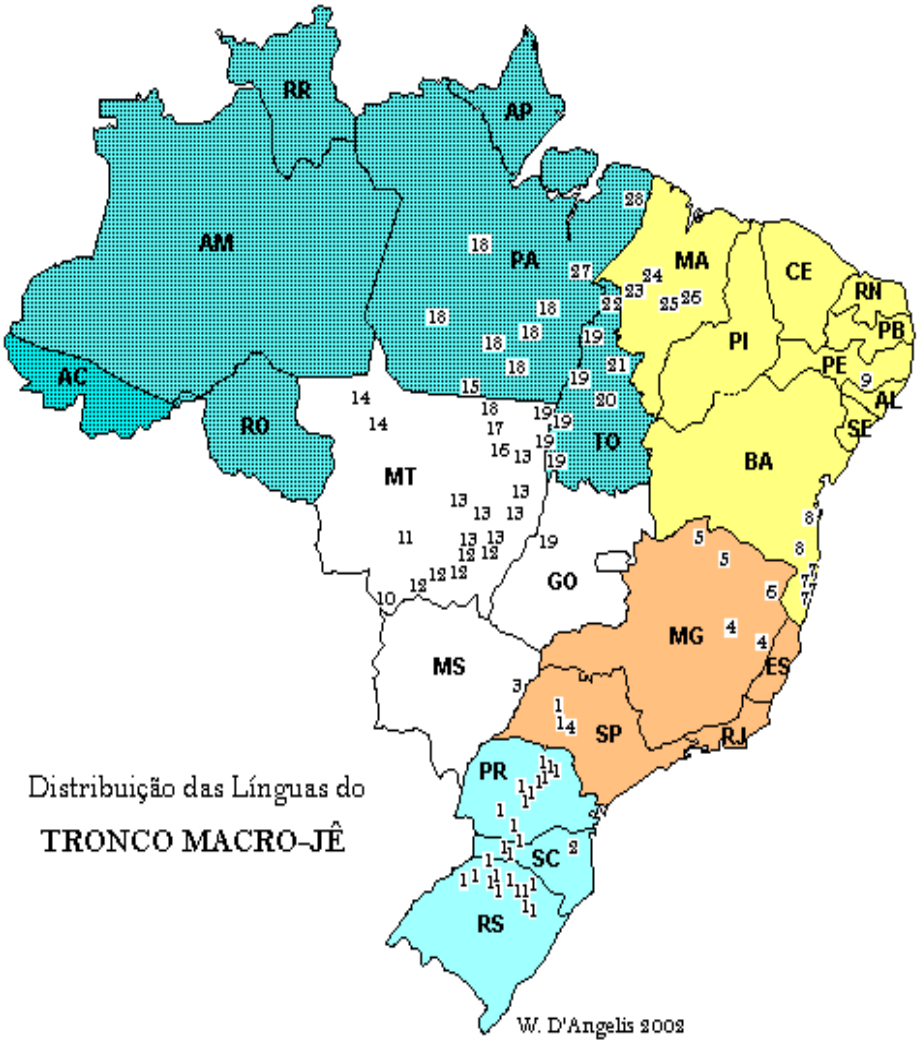

FIGURA 03: Distribuição das línguas do tronco Macro-Jê

Fonte: D´Angelis (2002 *apud* Portal do Instituto Socioambiental, 2010)

A Figura 03 mostra o Mapa referente à distribuição de 28 línguas do tronco Macro Jê e já destaca a língua Kaingáng em seus quatro contextos de uso, a saber: (1) **o Kaingáng (RS, SC, PR, SP);** (2) o Xokléng (SC); (3) o Ofayé (MS); (4) o Krenák (MG, SP); (5) Xakriabá (MG); (6) o Maxakalí (MG); (7) o Pataxó (BA); (8) Pataxó Hã-hã-hãe (BA); (09) o Yatê/ Fulniô (PE); (10) Guató (MT); (11) Umutína/ Boróro (MT); (12) Boróro (MT); (13) Xavánte (MT); (14) Rikbaktsá (MT); (15) Panará (PA); (16) Suyá (MT); (17) Tapayúna (MT); (18) Kayapó – Mebengokre (PA, MT); (19) Karajá (GO, MT, TO); (20) Xerénte (TO); (21) Krahô (TO); (22) Apinayé (TO); (23) Krikatí (MA); (24) Pukobyé (MA); (25) Apaniekra (MA); (26) Rankokamekra (MA); (27) Kreyê (PA); (28) Parakateyê (PA).

Rodrigues (2002) apresenta algumas regularidades nas línguas das famílias desse tronco, como a correspondência regular entre os sons e a identidade histórica de certo número de palavras, bem como as seguintes características gramaticais:

1. Todas exprimem a relação entre um objeto e seu possuidor por meio de elementos gramaticais antepostos ao nome do objeto;
2. Esses elementos são, a princípio, prefixos (ou seja, partes dos nomes);
3. A maioria distingue duas terceiras pessoas possuidoras, além da primeira (meu) e da segunda (teu), ou seja, uma terceira pessoa é não reflexiva (dele), a outra é reflexiva (dele mesmo). Por exemplo: *João machucou a mão dele* (isto é, a mão de seu amigo José) ou ainda *João machucou a mão dele mesmo* (ou seja, a do próprio João).

Para este autor, o Kaingáng passou a usar *ti* (dele), e uso reflexivo, para a forma não reflexiva, introduzindo o pronome *ã* (teu) – que é idêntica ao pronome de segunda pessoa - para a forma reflexiva, como notado no quadro que segue:

LÉXICO	KAINGÁNG (RS)	XAVÁNTE (MT)	MAXAKALÍ (MG)
PÉ	*pẽn*	*paara*	*pata*
BRAÇO	*pẽ*	*pano*	-----
MEL	*mỹng*	*pĩ*	*pang*
MARIDO	*mèn*	-----	*pen*
MEU	*iñ*	*ii-*	*ỹk*
TEU	*ã*	*a-*	*ã-*
DELE	*ti-*	*ĩ-*	*ỹ-*

QUADRO 02: Semelhanças e diferenças do léxico de línguas da Família Jê
Fonte: adaptado de Rodrigues (2002, p.55)

No Quadro 02, comparamos duas línguas da família Jê (as línguas Kaingáng e Xavánte) com uma da família Maxakalí (a língua Maxakalí); todas elas pertencentes ao tronco Macro-Jê. Notamos que essas línguas e famílias apresentam semelhanças em determinadas palavras, como ocorre com a palavra *pé* (*pẽn/ paara/ pata)* e o pronome *teu* (*ã / a / ã-*), e, às vezes, escrevem diferentemente, como se nota com as palavras *marido* (*mèn/ --- / pen*) e *mel* (*mỹng/ pĩ/ pang*).

Para Seki (2000), do ponto de vista tipológico, as línguas indígenas brasileiras são diversificadas, no que diz respeito tanto à organização dos sistemas de sons quanto à estrutura gramatical. Segundo a autora, as línguas do tronco Macro-Jê apresentam, normalmente, um sistema composto por nove vogais orais, como é o caso do Xerénte e do Kaingáng.

A família Jê compreende os seguintes ramos: Jê Meridional (línguas: Kaingáng, Xokléng), Jê Central (línguas: Xavánte, Xerénte) e Jê Setentrional (línguas: Timbira, Apinajé, Kayapó, Panará, Suyá). (Cf. JOLKESKY, 2010) Estes ramos podem nos levar a outras comparações e ponderações sobre as semelhanças e diferenças entre as línguas dessa família.

Jolkesky (2010, p.6), em seu estudo linguístico histórico-comparativo sobre as línguas Jê Meridional, esclarece-nos que:

> A classificação interna da família Jê ainda é uma questão de debate, visto que todas as propostas foram elaboradas a partir de evidências advindas de uma quantidade bastante reduzida de dados. Tais estudos comparativos, apesar de contribuírem para problematizar e dar caminhos a novas investigações, também não contemplam de forma sistemática todas as línguas em seus levantamentos [...]. Ainda hoje, apesar da existência de documentação lexicográfica razoável para um bom número de línguas Jê e do aumento do número de publicações científicas acerca de suas estruturas fonológicas e morfossintáticas, estudos comparativos sobre cada um dos ramos da família Jê ainda são insuficientes [...].

Como vimos nas figuras 02 e 03, o Kaingáng é uma língua bastante representativa na Família Jê. D´Angelis (2006a) afirma que quase 50% de toda população dos povos de línguas Jê correspondem ao Kaingáng, sendo um dos cinco povos indígenas mais populosos do Brasil. Em nossa pesquisa, a comparação se dá entre dialetos do Kaingáng, que é uma das línguas do ramo Jê Meridional.

Vejamos, então, na sequência, como se compõem os dialetos do Kaingáng, conforme Wiesemann (1971, 2002) e os macrodialetos Kaingáng, segundo D´Angelis (2008b), além outros estudos sobre o Kaingáng.

1.2 O Kaingáng e seus macrodialetos

Segundo Câmara Junior (1977, p.176), “[...] em todas as línguas existem subgrupos de falantes, que têm mais contato entre si do que com os dos outros subgrupos. Cada um dos

subgrupos desenvolve uma maneira particular de falar, com mudanças não adotadas pelos demais.” O autor refere-se “à fala particular de cada subgrupo um dialeto da língua.”

De acordo com Tarallo e Alkmim (1987, p.22), “uma determinada língua é usada por indivíduos pertencentes a grupos sociais que, por sua vez, relacionam-se (ou não) com outros grupos sociais”, como é o caso dos dialetos de uma língua. Para esses autores, o dialeto é “uma variedade linguística associada a um local específico, isto é, uma variedade geográfica de uma dada língua”. E, segundo eles, “quanto mais distantes geograficamente, mais se diferenciarão os dialetos.”

Destacam ainda que “falantes bilingues frequentemente apresentam interferência sistemática entre os dois códigos envolvidos na situação de contato.” (TARALLO E ALKMIM, 1987, p.23)

Tudo isso ocorreu com o Kaingáng de Icatu, que constitui um dialeto distante geograficamente dos demais e tem falantes bilíngues, já que, nessa aldeia, há mais falantes do português do que do Kaingáng. Os indígenas de Icatu aprendem, primeiramente, a língua portuguesa e depois a língua indígena. Atualmente há apenas duas falantes nativas do Kaingáng: as irmãs Lídia Campos e Maria Rita Campos.

A noção de dialetos do Kaingáng se atribui a Wiesemann; em 1967, ela foi responsável por preparar um material de ensino do Kaingáng para os missionários, denominado “*Introdução na língua Kaingáng*”. Com esse material, estabeleceu uma sugestão de ortografia oficial para essa língua e explicou questões fonológicas e gramaticais, iniciando a produção de cartilhas para alfabetização em Kaingáng.

Já nesse primeiro material, Wiesemann afirma que a língua Kaingáng é dividida em cinco dialetos: o de São Paulo, o do Paraná, o Central (entre o Paraná e Santa Catarina), o Sudoeste (sul do Rio Uruguai e oeste do Rio Passo – RS), e o do Sudeste (sul do Rio Uruguai e leste do Rio Passo – RS). (Cf. WIESEMANN, 1967)

Na década de 70, a partir de um convênio entre FUNAI, SIL (*Summer Institute of Linguistics*) e IECB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), ela fundou a primeira escola para formar monitores indígenas bilíngues, no Posto Indígena de Guarita (RS). (Cf. TOMMASINO, 2001; GONÇALVES, 2007)

Em 1971, Wiesemann publica um dicionário bilíngue Kaingáng-português, com a colaboração de alguns Kaingáng. Essa obra lexicográfica recebeu, em 2002, nova versão revisada e ampliada. A autora, em seu texto introdutório, faz menção a outros trabalhos lexicográficos, como os *Diccionarios Kainjgang-Portugez e Portugez-Kainjgang* do frei Mansueto Barcatta de Val Floriana, de 1920, com edição já esgotada.

Wiesemann (2002), buscando harmonizar os cinco dialetos, também mencionados em sua obra lexicográfica de 1971, afirma que esses dialetos passam por constantes transformações. Assim, a autora apresentou em sua nova versão lexicográfica, a seguinte classificação dos dialetos Kaingáng:

a) Dialeto de São Paulo – que abrange aldeias do norte do Rio Paranapanema no Estado de São Paulo;
b) Dialeto do Paraná – que abrange a área entre os rios Paranapanema (SP) e Iguaçu (PR);
c) Dialeto Central – que abrange a área entre os rios Iguaçu (PR) e Uruguai (RS);
d) Dialeto Sudoeste – que abrange a área Sul do rio Uruguai (RS) e a área Oeste do rio Passo Fundo (RS);
e) Dialeto Sudeste - que compreende a área Sul do rio Uruguai (RS) e a área Leste do rio Passo Fundo (RS).

Como podemos notar, não há mudanças na denominação em relação ao seu trabalho de 1967 (*Introdução da Língua Kaingáng*). É importante ressaltar ainda que o dicionário de Wiesemann (2002) envolveu a contribuição de todos os dialetos e regiões, menos a dos Kaingáng de São Paulo, segundo a autora. Talvez iniciasse, a partir desse fato, a insatisfação do trabalho lexicográfico dessa autora por parte dos Kaingáng de Icatu, já que não participaram da elaboração desse dicionário, tendo sido apenas mencionado pela autora. Desse modo, os Kaingáng de Icatu não veem essa obra lexicográfica como satisfatória e significativa para sua realidade.

D´Angelis (2008b), discordando dessa subdivisão feita por Wiesemann (1971), afirma que as linhas divisórias que ela propõe não estão corretas em alguns casos. Para a autora, a aldeia Nonoai e a de Votouro pertencem a regiões dialetais diferentes[3]. Segundo D´Angelis (2008b), elas têm dialetalmente pontos comuns, não sendo adequada a subdivisão feita por Wiesemann. Em sua pesquisa de fonologia histórica do Kaingáng do Oeste de Santa Catarina e de praticamente todas as áreas do Rio Grande do Sul, D´Angelis (2008b) distingue esta região toda como um único macrodialeto. Assim, para ele, o Kaingáng compreende três macrodialetos[4].

a) Kaingáng do Sul ;

b) Kaingáng do Paraná;

c) Kaingáng de São Paulo.

[3] D´Angelis, em suas observações gerais da qualificação desta tese, esclarece que, para Wiesemann, Votouro e Nonoai, ou Votouro e Serrinha têm dialetos distintos, mas isso não se sustenta. Ao contrário disso, Guarita e Inhacorá, que deveriam integrar o mesmo dialeto que essa área, distinguem-se claramente em sua fala. Na parte Oeste do Passo Fundo, igualmente, há uma distinção do dialeto de Cacique Doble em relação aos outros, mas isso também não cabe na divisão de Wiesemann. Também, para o autor, a história das relações históricas das aldeias do Paraná sugere que deve haver marcada distinção dialetal separando Guarapuava, Ivaí e Faxinal daquelas mais ao norte (como a de Apucaraninha, de São Jerônimo) e daquelas bem a oeste (a do Rio das Cobras, a de Mangueirinha)'. Por esta razão, para D´Angelis, a proposta de Wiesemann é restrita.

[4]Ainda, nas observações gerais da qualificação desta tese, D´Angelis afirma que, ao estabelecer a fonologia do Proto-Jê-Meridional, em sua pesquisa de pós-doutorado, mostra-se suficiente distinguir 3 dialetos e 1 língua (ou 4 dialetos): Kaingáng paulista, Kaingáng paranaense, Kaingáng Sul e Xokléng.

A Figura 04 mostra as aldeias pertencentes aos macrodialetos do Kaingáng:

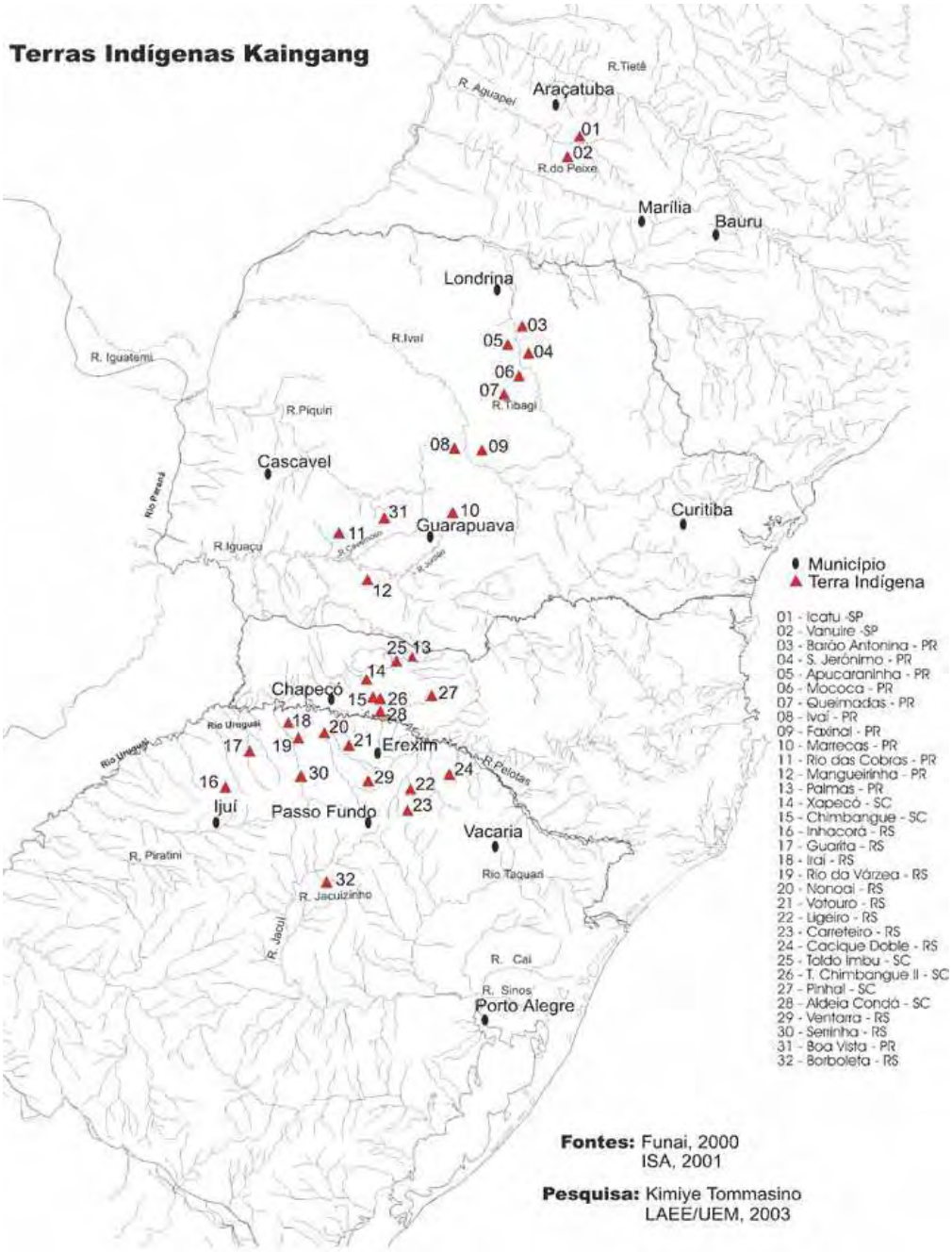

FIGURA 04: Aldeias Kaingáng

Fonte: Tommasino (2003*apud* Portal do Instituto Socioambiental, 2010)

Em nossa pesquisa, com base em D´Angelis (2008b), mostramos o macrodialeto do Kaingáng paulista, mais especificamente o de Icatu, usando as seguintes terminologias: *dialeto Kaingáng de São Paulo*, *dialeto paulista* e, mais especificamente, o *Kaingáng paulista de Icatu*.

Como vimos anteriormente, o ensino do Kaingáng inicialmente foi promovido por um convênio entre FUNAI, SIL e Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), iniciando-se, assim, um dos primeiros programas de educação escolar indígena bilíngue no Brasil.

D´Angelis (2002) nos esclarece, porém, que este tipo de educação ocorreu em uma ótica de transição, em que a língua indígena não era valorizada. Ao contrário, servia apenas de ponte para o ensino em português. Em contato permanente com as comunidades Kaingáng do Oeste de Santa Catarina, norte do Rio Grande do Sul e sudoeste do Paraná desde 1977, D´Angelis avalia que a introdução deste tipo de ensino bilíngue, que, na verdade, acelerou um processo de abandono da língua pelas gerações Kaingáng mais jovens, as quais passaram a usar mais a língua portuguesa.

Passemos, então, a tratar sobre os estudos do Kaingáng, mostrando um panorama histórico de seus primeiros registros e, ainda, os primeiros interesses em se estudar as línguas indígenas brasileiras, que parece ter contribuído mais ao uso do português em detrimento das línguas nativas, entre elas, o Kaingáng.

1.3 Estudos sobre o Kaingáng

Nesta seção, com o objetivo de ressaltar os primeiros interesses e motivações ao estudo e à aprendizagem dessa língua indígena, desde a vinda dos primeiros jesuítas às missões evangélicas, destacamos os estudos já efetuados sobre essa língua focalizando

primeiramente os principais registros do primeiro século, baseando-nos em Tommasino (2001)[5], que fez um estudo etno-histórico incluindo o Kaingáng; D´Angelis (2003), que elaborou um panorama histórico sobre o Kaingáng; e Gonçalves (2007), que mostrou uma breve retrospectiva histórica da língua Kaingáng. Em seguida, mostramos os trabalhos mais recentes sobre o Kaingáng, a partir dos anos 80.

D´Angelis (2003) nos mostra que o primeiro registro publicado do Kaingáng deve-se a Chagas Lima (1842), mas esclarece que há "um registro bastante anterior, em documentação manuscrita", tratada por ele como sendo de um grupo Xokléng (grupo aparentado dos Kaingáng).

> Refiro-me ao registro de uma expressão e uma frase na língua indígena como falada, então, no Paraná, com a respectiva tradução, anotada pelo missionário jesuíta Padre Antonio Ruiz de Montoya, em uma carta ânua de 1630 [...]. (D´ANGELIS, 2003, p. 2)

Além disso, outros materiais catequéticos - incluindo uma gramática e um vocabulário preparados por Pe. Francisco Diaz Taño (Montoya, 1630) – foram perdidos. Assim, a publicação "Memória sobre o Descobrimento e colônia de Guarapuava", de autoria de Chagas Lima (1842), é considerada por D´Angelis (2003) como a primeira que traz informação sobre a língua Kaingáng. Chagas Lima, neste trabalho, apresenta a transcrição de palavras e de uma frase em Kaingáng, chegando a mostrar a conjugação do verbo "*comer*", em Kaingáng ("*Có*").

Há que se ressaltar ainda a importância do trabalho de um capuchinho italiano, Frei Mansueto Barcatta de Val Floriana. Val Floriana (1918, 1920 apud Gonçalves, 2007) elaborou os primeiros trabalhos sobre a língua Kaingáng, sendo eles: uma gramática e um dicionário. Anteriormente, havia apenas estudos sobre o vocabulário Kaingáng.

[5] Cf. Portal do Instituto Socioambiental (2010)

A história do Brasil remete-nos ao século XVI; um século depois, inicia-se o interesse e o desejo de compreender o Kaingáng, com o material catequético perdido de Pe. Francisco Diaz Taño, conforme assinala Montoya (1630 *apud* D´Angelis, 2003) em seus escritos.

É bem verdade que esses primeiros interesses vieram de ordem religiosa. Isso ocorre a partir de 1549, quando os primeiros jesuítas desembarcaram na Bahia, tendo como superior o Pe. Manuel da Nóbrega, com a vinda das missões jesuítas para catequizar os indígenas. (Cf. FERREIRA JUNIOR E BITTAR, 2004).

Posteriormente a essa expedição, chegou ao Brasil outro grupo de missionários jesuítas portugueses e, entre eles, o Pe. José de Anchieta. A Companhia de Jesus, à qual pertenciam esses missionários, determinava o aprendizado da língua nativa do local em que estivessem em missão. Logo, os jesuítas aprendiam as línguas indígenas e ensinavam aos índios a sua. Foi dessa forma que surgiu a primeira gramática da língua tupi de autoria do Pe. José de Anchieta, tendo sido publicada em Coimbra, em 1595.

Já no Sul do país, também vieram missões jesuíticas espanholas, primeiramente no Paraná (1610) e, em seguida, no Rio Grande do Sul (1612), locais onde se encontravam os Kaingáng. No entanto, em 1767, Sebastião José de Carvalho e Mello, o marquês de Pombal, desencadeou uma reforma no país, que anulava os poderes legais dos jesuítas nas aldeias indígenas, o que levou, nesse ano, a expulsão de todos os jesuítas das colônias e domínios portugueses. Os jesuítas foram expulsos, mas os materiais catequéticos, elaborados nas línguas indígenas do respectivo povoado ou comunidade que estivessem em missão, permaneceram no Brasil, incluindo o material catequético em Kaingáng elaborado pelo Pe. Francisco Diaz Tãno. (Cf. MONTOYA, 1630 *apud* D´ANGELIS, 2003)

Como podemos observar, o interesse pelas línguas indígenas brasileiras teve, primeiramente, motivação religiosa, de ordem católica. Posteriormente, vários estudos antropológicos, linguísticos e religiosos surgiram. Em 1905, foi publicado o “Annuário *do*

Estado do Rio Grande do Sul", que corresponde a trabalhos catequéticos junto aos "*Coroados*" – incluindo um vocabulário dos "*bugres*", de autoria do jesuíta Carlos Teschauer. (Cf. D´ANGELIS, 2003)

Esse jesuíta mostrou ascendentes dos Kaingáng, apresentando algumas denominações referentes a esse povo, como segue na citação:

> De acordo com Teschauer (1927), os Guayanás que viviam na costa atlântica entre Angra dos Reis e Cananéia seriam ascendentes dos Kaingáng. Os nomes Guayaná, Goyaná, Goainaze, Wayanaze, seriam denominações dadas aos Kaingáng daquela região. O nome Guayaná continuou sendo utilizado até 1843 juntamente com outros como Coroado, Coronado, Shokleng, Xokren; Guanana, Gualachos, Gualachí, Chiqui, Cabelludo; Tain, Taven, Tayen, Ingain, Ivoticaray; Nyacfateitei; Votoron, Kamé, Kayauruké, Dorin; Tupi (Kaingáng que viviam em Misiones – norte da Argentina – e no extremo oeste do Rio Grande do Sul, às margens do rio Uruguai). (TOMMASINO, 2001, p.01)

No entanto, no final do século XIX, Telêmaco Augusto Éneas Morosini Borba (historicamente reconhecido como Telêmaco Borba) introduziu a denominação "*Caingangue*" (hoje, "*Kaingáng*")[6]. (Cf. D´ANGELIS, 2003)

De acordo com D´Angelis (idem, p. 22), em 1908, em sua publicação "*Actualidade Indígena*", Telêmaco Borba apresenta "uma série de orações num '*diálogo na lingoa dos Caingangues*' [...], um 'ensaio de conjugação de verbos' [...], um ensaio de etimologia para alguns topônimos [...] e quatro vocabulários [...]".

Num primeiro momento, os Kaingáng e os Xokléng foram considerados pertencentes a uma única etnia, contendo dialetos diferentes. Métraux (1946) denominou os Xokléng de *Aweikoma-Kaingáng*, em seu *Handbook of South American Indians*. Urban (1992 apud Tommasino, 2001) considerou que as duas etnias têm um passado comum; contudo, em razão

[6] A partir de 1953, quando foi realizada uma convenção promovida pela Associação Brasileira de Antropologia, antropólogos, indigenistas, missionários e linguistas empregam os nomes dos povos e das línguas indígenas sem flexão de gênero e de número. Além disso, passou-se a usar as letras *p, b, t, d, k,* g para sons oclusivos, não podendo, portanto, serem usadas as letras *c e q* em lugar de *k*, nem *gu* em lugar de *g*. (RODRIGUES, 2002)

da separação histórica, desenvolveram processos socioculturais específicos, tornando-se etnias diferenciadas.

Também no século XX, na década de 30, veio à tona o trabalho "*Les Kaingángs de Sao Paulo*", no 23º. Congresso de Americanistas, em Nova York. Esse trabalho foi elaborado por Henrich Henrikowitch Manizer, um etnólogo integrante de uma expedição russa à América do Sul. Manizer conviveu entre 1914 e 1915 com os Kaingáng do Oeste Paulista, no aldeamento organizado pelo Serviço de Proteção ao Índio – SPI (atual Fundação Nacional do Índio – FUNAI). Seu estudo foi considerado a melhor etnografia sobre os Kaingáng de São Paulo e foi publicado postumamente. (Cf. D´ANGELIS, 2003)

O trabalho de Manizer trouxe alguns pontos de vista sobre a articulação e a fonética da língua Kaingáng, em uma comparação com língua dos Botocudos, além de algumas palavras do Kaingáng.

> Curiosa, igualmente, é a coincidência da articulação do assovio pela língua: para esse efeito, a língua é introduzida em forma de colher entre os lábios; esse procedimento é comum às duas tribos.[...] Os léxicos fornecem algumas semelhanças isoladas (k=*kr ĩ*, b = *krεn*, a cabeça; k= *pĩ*, b= *pεk*, o fogo). A negação se coloca atrás da palavra à qual ela se refere. (MANIZER, 2006, p. 57)[7]

Em seu trabalho, Manizer refere-se ao Kaingáng de São Paulo como uma "*língua*", e não como "*dialeto*". No final da década de 50, Wiesemann (1959 apud Manizer, 2006) elabora o trabalho "*Notas sobre o proto-Kaingáng: um estudo de quatro dialetos*", apresentando um estudo sobre a língua Kaingáng na aldeia de Rio das Cobras (PR).

Mais uma vez, o Kaingáng é foco de estudo e de interesse religioso; mas, dessa vez, são missionários evangélicos que pretendem aprender essa língua, e não jesuítas da Igreja

[7]O trabalho de Manizer (1930) - *Les Kaingángs de Sao Paulo* - foi traduzido para o português, em 2006, por Juracilda Veiga; seu título, em português, é "*Os Kaingáng de São Paulo*".

Católica. O intuito é o de poderem "direcionar a educação indígena pública para a alfabetização na língua indígena, imprescindível ao projeto de conversão pela tradução da *Bíblia*." (BARROS, 2004, p.71)

Como se vê, tanto o trabalho dos jesuítas como o dos missionários evangélicos - embora envolvessem questões e interesses políticos e, sobretudo, religiosos – foram importantes para a descrição da língua Kaingáng. No entanto, não tratam de questões estritamente linguísticas sobre as línguas indígenas, como ocorre com os trabalhos pioneiros de Câmara Junior, posteriormente, como os de Rodrigues (2002).

Rodrigues (2002) traz várias contribuições aos estudos de línguas indígenas no Brasil, sendo um dos pesquisadores que incentivou os estudos do Kaingáng, sendo que "seu primeiro contato com aldeia foi entre os Kaingáng". Em 1951, elaborou uma pesquisa de campo com os Kaingáng de Mangueirinha (PR). Os resultados desta experiência foram também apresentados, em 2001, em uma comunicação sobre a "*Classificação Social dos Animais em Kaingáng*". (Cf. SANTOS; PONTES, 2002; D´ANGELIS, 2006b, p.01[8])

Além de contribuir com a história da Linguística no Brasil, ao lado de outros ilustres linguistas como Câmara Junior[9], Rodrigues influenciou outros pesquisadores da linguagem, vindo a formar vários grupos e pesquisadores em línguas indígenas nas universidades brasileiras.

Para não nos estendermos, no quadro 03, apresentamos as dissertações e teses desenvolvidas sobre o Kaingáng a partir dos anos 80, mostrando as abordagens linguísticas por eles utilizadas:

[8] Artigo elaborado por D´Angelis, em homenagem à Rodrigues, cujo título foi "*Aryon das Línguas Rodrigues*".
[9] Em 1977, elaborou a obra "Introdução às línguas indígenas brasileiras".

PERÍODOS e LOCAIS	PESQUISADORES DO KAINGÁNG	TRABALHOS	ABORDAGENS TEÓRICAS
1986 (EUA)	Silvia Lúcia Bigonjal Braggio	**"The sociolinguistics of literacy: a case study of the Kaingáng"** (Tese de Doutorado) - Kaingáng PR (Guarapuava)	Gerativista (enfoque no processo de alfabetização das crianças)
1987 (UNICAMP)	Marita Porto Cavalcante	**"Fonologia e morfologia da lingua Kaingáng: o dialeto de São Paulo comparado com o dialeto do Paraná"** (Tese de Doutorado) - Kaingáng SP (Vanuíre) e Kaingáng PR	Gerativista (enfoque no processo fonológico e morfofonológico)
1988 (UNICAMP)	José Baltazar Teixeira	**"Contribuição para a fonologia do dialeto Kaingáng de Nonoai (RS)"** (Dissertação de Mestrado) - Kaingáng RS (Nonoai)	Estruturalista (enfoque no processo fonológico)
1995 (UFSC)	Silvia Helena Lovato Nascimento	**"Aspectos morfológicos e sintáticos e marcação de caso da língua Kaingáng"** (Dissertação de Mestrado) - Kaingáng RS (Noroeste)	Gerativista (enfoque no processo morfológico e sintático com base em Dixon)
1996 (UEL)	Célia Ribeiro Silva	**"História crítica da construção da escrita do Kaingáng"** (Dissertação de Mestrado) - Kaingáng PR	Estudo Lexical (enfoque dos aspectos lexicais)
1998 (UNICAMP)	Wilmar da Rocha D´Angelis	**"Traços de Modo e Modos de Traçar Geometrias: Línguas Macro-Jê e Teoria Fonológica"** (Tese de Doutorado) - Kaingáng SC e RS	Estudo Fonético e Fonológico
2004 (PUCRS)	Marco Antonio Bomfoco	**"Ergatividade em Kaingáng: um estudo descritivo funcional"** (Tese de Doutorado) - dialetos Kaingang Sudeste e Sudoeste, ambos falados no Rio Grande do Sul	Estudo da Ergatividade sob a perspectiva da gramática funcional de Givón

2006 (UEL)	Luciana Pereira Tabosa	**"Construções Causativas da língua Kaingáng"** (Dissertação de Mestrado) - Kaingáng PR	Funcionalismo (enfoque na teoria funcionalista de Givón)
2007 (UNICAMP)	Solange Aparecida Gonçalves	**"Aspectos no Kaingáng"** (Dissertação de Mestrado) - Kaingáng do Sul	Trata a categoria Aspecto sob várias teorias, fazendo referência também à Gramática do Português Falado
2008 (UEL)	Leriana de Almeida	**"A marcação de (tempo), modo e aspecto na língua Kaingáng: uma proposta de análise"** (Dissertação de Mestrado) - Kaingáng PR	Funcionalismo (enfoque na teoria funcionalista de Givón)
2008 (UEL)	Valéria Cristina Leite Baccili	**"Reflexões sobre a influência da língua materna Kaingáng no aprendizado do português com segunda língua"** (Dissertação de Mestrado) - Kaingáng PR (Apucaraninha)	Linguística Contrastiva (enfoque no modelo de análise de erros e análise da interlíngua)
2009 (UEL)	Emília Rezende Rodrigues de Abreu	**"Descrição do sistema pronominal na estrutura frasal em Kaingáng"** (Dissertação de Mestrado) - Kaingáng PR	Funcionalismo (enfoque na teoria funcionalista de Givón)
2010 (UNICAMP)	Marcelo Pinho de Valhery Jolkesky	**"Reconstrução Fonológica e Lexical do Proto Jê-Meridional"** (Dissertação de Mestrado) – Kaingáng Sul, PR e SP	Linguística histórico-comparativa, com perspectiva estruturalista
2011 (UNICAMP)	Moana de Lima Silva	**"Português Indígena Kaingang: uma questão de concordância"** (Dissertação de Mestrado) Kaingáng do Sul	Bilinguismo em sociedades indígenas Kaingáng

QUADRO 03: Dissertações e teses sobre a língua Kaingáng a partir da década de 80

Como pesquisadores da linguagem, sabemos que há diferentes visões quanto ao tratamento da língua e da linguagem, o que notamos pelas várias abordagens teóricas mostradas no quadro 03. Assim, para abordarmos a morfossintaxe da língua Kaingáng na presente pesquisa, tomamos por base os estudos de Cavalcante (1987), Gonçalves (2007) e Almeida (2008), apresentados no quadro 03, além dos trabalhos de Wiesemann (1967, 1971, 2002) e D´Angelis (2002a, 2002b, 2004, 2005, 2006a, 2006b, 2008a, 2008b), que serão retomados nos capítulos que seguem.

PARTE II:

UNIVERSO DE PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

D´Angelis (2002b, p.127) mostra que processos de normatização, com a "valorização de um dialeto em detrimento de outros", fixam a "forma canônica imposta como 'correta' em relação a variantes, estigmatizadas como 'incorretas'". O autor também afirma que:

> No caso do Kaingáng, as tentativas de síntese e análise gramatical já feitas foram todas externas à sociedade indígena e, por isso mesmo, nenhuma delas foi incorporada pelos professores indígenas como uma boa representação de sua língua. Ademais, nenhuma gramática pedagógica foi elaborada para servir à reflexão linguística interna à sociedade Kaingáng. Em certo sentido, o jovem Kaingáng acredita que a língua portuguesa é melhor que a sua, porque o português pode ser analisado com critérios, mostrando regularidades e sistematicidade. (D´ANGELIS, 2002b, p.127)

Esta pesquisa propõe-se a verificar se há divergência, de fato, entre o Kaingáng do Sul e o Kaingáng paulista, por conta do contato com o português, tendo como hipótese de que a divergência se deve ao contato do Kaingáng de Icatu com o terena, que também é usado na aldeia, e, principalmente, com o português, que atualmente é a L_1.

O objetivo geral deste estudo é, portanto, mostrar as divergências entre o Kaingáng do Sul e o Kaingáng paulista. Mais especificamente, pretendemos:

a) descrever o Kaingáng do Sul em relação à ordenação, ao tempo, ao aspecto e à modalidade;
b) descrever o Kaingáng Paulista quanto à ordenação, ao tempo, ao aspecto e à modalidade;
c) comparar o Kaingáng do Sul e o Kaingáng Paulista, mostrando as divergências entre eles em relação à ordenação e ao TAM (tempo, aspecto e modo).

A partir da hipótese e dos objetivos desta pesquisa, formulamos estas perguntas norteadoras do presente estudo:

1) O Kaingáng paulista está mudando?
2) A mudança se deve ao multilinguismo?
3) Que aspectos morfossintáticos são mais visíveis dentro da distinção entre o Kaingáng paulista e o Kaingáng do Sul?

O interesse pela descrição da variedade do Kaingáng da aldeia Icatu tem início em 2006, no contato com a comunidade Icatu por meio da Escola Indígena Índia Maria Rosa.

Em Icatu, notamos, em diálogo com as falantes mais velhas do Kaingáng, que por muito tempo houve certo "descaso" ou "desinteresse" por parte dos jovens em saber ou aprender a língua dos mais velhos. Hoje, segundo elas, com a presença da Escola Indígena na aldeia (fundada em 2005), há maior interesse, embora tardio, por parte dos professores, e dos pais das crianças em ouvir e falar a sua língua, ou seja, o Kaingáng. Elas, no entanto, têm muito orgulho de poderem ir à Escola Indígena e falarem às crianças na sua língua.

Observamos que a língua mais falada nessa aldeia é a língua portuguesa, que se configura como primeira língua (L_1). Não só o Kaingáng, mas também o Terena é aprendido, na escola indígena, como segunda língua (L_2). Ali, atualmente, existem apenas duas falantes mais velhas do Kaingáng, e é possível sentir a luta constante desse povo para conquistar suas metas em termos educacionais e linguísticos nessa aldeia.

No final de 2009, houve uma perda muito grande para toda comunidade, em razão da morte da índia mais velha da aldeia – dona Catarina – da etnia Kaingáng. Alguns até dizem que, sem ela, não poderiam mais transmitir a língua e a cultura Kaingáng para as crianças, mesmo tendo ainda a presença de suas irmãs (Dona Rita e Dona Lídia), que falam Kaingáng.

Isso porque dona Catarina se tornou um mito da cultura e da língua Kaingáng para toda a aldeia, por ter sido a índia mais importante e mais respeitada por todos da comunidade, seja Kaingáng seja Terena.

Assim, o *corpus* coletado reflete um pouco do que Dona Catarina[10], que participou em alguns momentos das reuniões de nossa pesquisa, deixou a essa comunidade e a todos nós, porque esse *corpus* é parte do seu legado, que permanece e permanecerá para sempre entre seus descendentes e futuros pesquisadores, embora não tivesse participado diretamente como informante desta pesquisa.

2.1 A Escola Indígena "Índia Maria Rosa"

Um espaço que motiva os Kaingáng paulistas à preservação linguístico-cultural é a escola indígena da aldeia, que conta com Educação Infantil e Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano. O ensino da cultura e da língua é feito a partir da Educação Infantil, por meio da língua oral e, nos demais ciclos, pela língua escrita. No currículo da escola, já estão inseridos os períodos e os dias destinados ao estudo da cultura e da língua indígena.

O nome da escola é o de uma índia Oti-Xavante, que foi criada, desde pequena, pelos Kaingáng: a índia Maria Rosa. Contam as mais velhas que seus antepassados guerrearam com os Oti-Xavante e os vencedores, como era costume, roubaram os filhos dos vencidos, um deles era essa indígena. Na aldeia Kaingáng, Maria Rosa passou a educar e ensinar as crianças a ler e a escrever embaixo de uma árvore. Foi, portanto, a primeira professora indígena da aldeia e, por essa razão, homenagearam-na atribuindo o seu nome à escola indígena de Icatu: *Escola Indígena Índia Maria Rosa*.

[10] Muitas vezes, Dona Catarina chegava durante as reuniões e começava a conversar com Dona Maria Rita (sua irmã e informante desta pesquisa), na língua Kaingáng, auxiliando a compreensão de algumas sentenças de sua língua. Por motivos de saúde, D. Catarina não pôde participar como informante direta desta pesquisa, mas apenas indiretamente nos momentos, como já dito, de conversação com as irmãs (Lídia e Maria Rita).

Figura 05: Escola Estadual de Primeiro Grau “Índia Maria Rosa” (Antes)

Figura 06: Escola Indígena “Índia Maria Rosa” (Atualmente)

2.2 O tipo de pesquisa

O macrodialeto paulista abrange as seguintes aldeias: (i) Icatu, próxima à cidade de Braúna; (ii) Vanuíre, em Arco-Íris, na região de Tupã; (iii) Araribá, em Avaí, na região de Bauru. No início desta pesquisa, tentamos contato para pesquisarmos também em Vanuíre. Contudo, os professores da Escola Indígena "Índia Vanuíre", da aldeia Vanuíre, não manifestaram interesse por esse tipo de pesquisa, mesmo a vice-diretora dessa escola de etnia Kaingáng (Profa. Valdenice) e o cacique da aldeia de etnia Krenak (Sr. Gerson) tenham aprovado a nossa permanência na aldeia como pesquisadora. No caso da aldeia Araribá, em Avaí, as etnias predominantes são a dos Guarani e a dos Terena, havendo poucos Kaingáng nessa comunidade. Por essa razão, a presente pesquisa sobre o dialeto paulista Kaingáng se restringiu à aldeia Icatu, em Braúna (SP).

Na aldeia Icatu, tivemos o apoio do chefe do Posto Indígena Ranulfo de Camilo, que é terena, do vice-diretor Adriano César Rodrigues Campos, que é Kaingáng, e dos professores Carlos Indubrasil (Kaingáng) e Márcio Pedro (Terena).

Como ressaltamos na Introdução deste estudo, há tempos[11] os Kaingáng sentiam a necessidade de apoio de um linguista que os ajudasse na descrição de sua língua e na elaboração de um livro para sua Escola Indígena, como observado por Mantovanelli da Silva (2010, p.8), durante sua pesquisa em Icatu:

> A situação dos índios Kaingáng que vivem na região paulista é complicada em dois sentidos, segundo indicaram os interlocutores desta pesquisa: são pouco lembrados por pesquisadores e considerados como populações aculturadas [...]. Assim, parecem ocupar [...] a menor visibilidade nos discursos acadêmicos.

[11] Lembrando que o contato maior com pesquisa acadêmica que tiveram, relacionada à Linguística, foi na Convenção Linguística 2000, organizada por D´Angelis. Tratamos desta Convenção, posteriormente, no capítulo IV.

Em reunião com alguns membros da comunidade, com os professores da escola indígena e as autoridades da aldeia, foi assinado um documento de compromisso e preservação da identidade dessa comunidade, posteriormente, aprovado pelo Comitê de Ética da UNESP- São José do Rio Preto. Neste documento a pesquisadora se compromete a participar e a permanecer na aldeia apenas durante a coleta de dados, bem como a elaborar um livro bilíngue para a Escola Indígena.

Desse modo, o contato com os Kaingáng se iniciou no final de 2007 e se estendeu até o final de 2009. Durante este período, desenvolvemos o projeto de elaboração do livro bilíngue da aldeia, envolvendo as duas línguas: Kaingáng e Terena. Esse projeto foi premiado pelo Programa de Ação Cultural – PAC n. 10/2008, concedido pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Assim, surgiu o livro "*Kotit-Kalivónohiko:* um livro bilíngue para o ensino das línguas indígenas da aldeia Icatu", cujos capítulos e atividades foram elaborados pelos professores Kaingáng e Terena. Alguns dos textos desse livro foram incluídos no *corpus* desse estudo, conforme especificaremos posteriormente.

Buscando sempre nos enquadrarmos à maneira e ao tempo dessa comunidade indígena, na pesquisa de campo, tomamos sempre o cuidado de respeitar sua realidade, ideias e princípios. Assim nos pautamos em Nelson et al (1992) e Godoi et al (2006), que consideram, respectivamente, que:

> Pesquisa qualitativa é um campo interdisciplinar, transdisciplinar e, às vezes, contradisciplinar. Ele permeia as humanidades e as ciências físicas e sociais, sendo muitas coisas ao mesmo tempo e tendo um foco multiparadigmático. Os pesquisadores que a adotam são sensíveis à relevância de sua abordagem multimetodológica. Estão comprometidos com sua perspectiva naturalística e com o entendimento interpretativo da experiência humana. (p.4)

> A perspectiva qualitativa é influenciada pelas transformações geradas pela filosofia da linguagem, na qual a própria função da linguagem passa da representação à ação, e o nível de análise deixa a interioridade psíquica para se situar na interação. Ao ocupar-se de formas simbólicas, a visão qualitativa passa a interessar-se não pela sua gramática ou estrutura interna, mas pelo seu caráter comunicativo de mediador e formador das experiências e das necessidades sociais. (p. 92)

Para Godoi *et al* (2006, p.257), a técnica empregada por longo tempo no campo, permite “observar o comportamento dos informantes no seu contexto e identificar padrões de ação/interação”.

No contato com os professores indígenas e com D. Maria Rita, falante do Kaingáng e colaboradora desta pesquisa, observamos o comportamento e a interação entre eles. Neste contato, procuramos interferir o menos possível no momento de interação entre os falantes, respeitando as conversas espontâneas entre as irmãs Kaingáng, Lídia e Maria Rita - que nem sempre eram traduzidas para nós. Respeitamos ainda o tempo de coleta de dados por eles estabelecido e a ortografia também sugerida por eles. Assim, procuramos interpretar os fenômenos linguísticos dentro de seu contexto de produção.

2.3 Coleta de Dados

Para a coleta dos dados, conforme sugerido pelos professores, foram efetuadas reuniões mensais, no período da manhã, com duração de três a quatro horas aproximadamente, no pátio da Escola Indígena “Índia Maria Rosa”.

Essas reuniões eram agendadas previamente e confirmadas, via telefone e e-mail, na semana anterior à visita, para não comprometer as aulas da Escola Indígena, e também para não atrapalhar as tarefas ou atividades da falante mais velha que participou da pesquisa.

Foram realizadas vinte e duas reuniões, só interrompidas nos meses de julho e dezembro de cada ano, em razão das férias escolares. A maioria delas foi gravada em áudio, algumas filmadas e todas fotografadas. As gravações, filmagens e fotos servem para comprovação e registro do trabalho ali realizado, de documentação para a própria escola indígena e de memória histórica de uma vivência única entre uma pesquisadora não-indígena (embora descendente de boróro) e de educadores e sábios mais velhos do Kaingáng.

Os colaboradores dessa pesquisa foram três Kaingáng: o professor Adriano César Rodrigues Campos, que atualmente desempenha o papel de vice-diretor da Escola Indígena Índia Maria Rosa; o professor Carlos Indubrasil, que ministra as aulas de cultura e língua Kaingáng às crianças – ambos têm o português como primeira língua (L_1); e Dona Maria Rita Campos, uma das falantes mais velhas do Kaingáng nessa comunidade e avó das crianças que frequentam a escola indígena "Índia Maria Rosa" de Icatu. Dona Maria Rita mostrou interesse em colaborar com essa pesquisa, dispondo-se a formular oralmente as sentenças e os textos que fazem parte do *corpus*, ajudando, assim, os professores Kaingáng a reproduzi-las ortograficamente. A participação de Dona Rita nessa pesquisa também foi sugerida pelos próprios professores Kaingáng, que consideram importante a contribuição e a sabedoria dos mais velhos – o que é uma tradição entre os povos indígenas em geral.

Neste período de coleta de dados, a escola contava com apenas dois professores Kaingáng (Prof. Carlos, do Ensino Fundamental; Prof. Álvaro, da Educação Infantil), dois professores Terena (Prof. Márcio, Ensino Fundamental; Prof. Lícia, Educação Infantil) e vice-diretor e professor Kaingáng (Prof. Adriano); a faixa etária destes professores estava entre 30 a 40 anos.

Para obtenção dos registros escritos, doamos cadernos, lápis, canetas, borrachas e folhas de papel sulfite que foram distribuídos durante os encontros, finalizando a reunião com um breve lanche entre a pesquisadora, os professores indígenas e a falante nativa.

2.4 A construção do *corpus*

O *corpus* é constituído de dois tipos de dados: (i) tradução para o Kaingáng de sentenças formuladas em português; (ii) sentenças extraídas de textos escritos em Kaingáng.

No primeiro caso, foram formuladas 121 sentenças em português, que foram vertidas para o Kaingáng pelos informantes. Nesta fase, foram encontradas dificuldades da seguinte ordem: a informante mais velha, às vezes, tinha dificuldades para se lembrar de determinada construção no Kaingáng, nem sempre elaborando, naquela reunião, as sentenças dadas, alegando que precisava consultar suas irmãs (D. Lídia e D. Catarina Campos[12]); além disso, os informantes Kaingáng que transcreviam as sentenças traduzidas pela indígena mais velha, às vezes, não mantinham a mesma grafia de uma palavra já escrita em reunião anterior. Por exemplo: *nim/ nĩ* (dar); *bâk/ bák* (bastante); *ungré wi* (os homens)/ *ũgré e* (os homens).[13] Para checar se as transcrições estavam corretas, confrontávamos com as gravações feitas e as sentenças produzidas. Assim, da coleta de dados, tomamos para análise apenas cento e vinte e uma sentenças, que apresentavam bem definidas construções transitivas, intransitivas, bitransitivas, predicativas e existenciais, contendo ainda ilocuções diversas – declarativa, negativa, exortativa, imperativa, interrogativa total e parcial), de modo a observar como se dá a estruturação de palavras e o TAM neste dialeto.

(1) *Kotit* *ko* *lengró*
criança comer feijão
'A criança come feijão.'

(2) *Kotit* *kronia* *goio*
criança beber água
'A criança bebe água.'

(3) *Kotit_e* *bâk* *ko* *lengró*
criança_PL INTENS comer feijão
'As crianças comem muito feijão.'

[12] Como já dito, D. Catarina era a Kaingáng mais velha de Icatu e veio a falecer em setembro de 2009.
[13] Para verificarmos construções que contemplam outras situações comunicativas, solicitamos a eles a escrita de textos elaborados a partir da fala da indígena mais velha, colaboradora da pesquisa. A princípio, percebemos certo receio em nos passar informações sobre sua língua.

(4) *Kotit_e* *bâk* *kronia* *goio*

criança_PL INTENS beber água

‘As crianças bebem muita água.’

(5) *Kotit_e* *koia* *iamĩ_kuprí* *kakané*

criança_PL comer pão_branco fruta

‘As crianças comem pão e fruta.’

(6) *Ungré_tĩ* *koia* *iamĩ_kuprí* *kakané*

Homem_pequeno comer pão_branco fruta

‘O menino come pão e fruta.’

(7) *Kotit_e* *ti-wã* *iamĩ_kuprí* *kakané* *pehut* *nha-tĩ*

criança _PL 3SG-NOM pão_branco fruta comer ASP-HAB

‘As crianças foram comer pão e fruta.’

(8) *Ẽ* *kakrẽ* *guere* *krẽ*

2SG sogro milho plantar

‘Teu sogro planta milho.’

(9) *Kotit_tĩ* *nhewe* *nha-tĩ*

Criança_pequeno animal ASP-HAB

‘O menino caçou o animal.’

(10) *Tãtâ_ tĩ* *wa-komi* *no*

mulher_pequena NOM-pegar flecha

‘A menina pegou a flecha.’

(11) *Kotit_ tĩ* *wã* *no* *komĩ*

criança_pequena NOM flecha pegar

‘A flecha foi pega pelo menino.’

(12) *Ik* *koia* *lengró* e

1SG comer feijão INTENS

‘Eu comi bastante feijão.’

(13) *Lengró* *koia* *e*

Feijão comer INTENS

‘O feijão, comi bastante.’

(14) *Kotit_ e* *wuru* *ko*

Criança_PL FUT comer

‘As crianças vão se alimentar (vão almoçar).’

(15) *Tãtâ_ tĩ* *koió* *wé*

mulher_pequena papagaio ver

‘A menina viu o papagaio.’

(16) *Ti-wã* *rere* *wé* *tõ*

3SG.M-NOM sol ver NEG

‘Ele não viu o sol.’

(17) *Ti-wã* *tchopré* *tẽ* *kamã* *un* *tẽ* *inha*

3SG.M-NOM onça matar ter_costume INDEF matar ASP

‘Ele, que costuma matar onça, matou uma.’ (O caçador matou uma onça.)

(18) *Ti-wã* *goio_kupri* *kronia*

3SG.M-NOM água_branca beber

‘Ele bebe leite.’

(19) *Ak* *wã* *rĩhô* *ko* *hâ*

3PL.M NOM tatu comer agora

‘Eles comem tatu agora.’

(20) *Wi* *wã* *rĩhô* *tẽ* *kara* *ko*

3SG.F NOM tatu matar para comer

‘Ela matou o tatu para comer.’

(21) *Ak* *wã* *Kaingág* *tẽ* *inha* *rĩhô*

3PL.M NOM Kaingáng matar ASP tatu

‘Os Kaingáng mataram um tatu

kara *kofâra* *pire* *mẽ* *inha* *kara* *ko*

e peixe NUM pegar ASP e comer

e pescaram um peixe e comeram.’

(22) *Ik* *wã* *goio_kupri* *kohâ*

1SG NOM água_branca gostar

‘Eu gosto de leite.’

(23) *Ti-wã* *rĩhô* *ko* *wẽ*

3SG.M-NOM tatu comer MOD

‘Ele come tatu (mas não comeu).’

(24) *Kotit* *thu* *koia* *lengró*

criança NEG comer feijão

‘A criança não come feijão.’

(25) *Kotit* *thu* *kronia* *goio*

criança NEG beber água

‘A criança não bebe água.’

(26) *Kotit_e* *thu* *bâk* *koia* *lengró*

criança_PL NEG INTENS comer feijão

‘As crianças não comem muito feijão.’

(27) *Kotit_e* *thu* *bâk* *kronia* *goio*

criança_PL NEG INTENS beber água

‘As crianças não bebem muita água’

(28) *Kotit* *lengró* *koia*

criança feijão comer

‘A criança come feijão?’

(29) *Kotit* *goio* *krot*

criança água beber

‘A criança bebe água?’

(30) *Kotit_e* *bâk* *lengró* *koia*

criança_PL INTENS feijão comer

‘As crianças comem muito feijão?’

(31) *Kotit_e* *bâk* *goio* *krot*

criança_PL INTENS água beber

‘As crianças bebem muita água?’

(32) *Tãtâ_tĩ* *goiotchô* *krot*

Mulher_pequena café beber

‘A menina bebe café?’

(33) *Wi* *wã* *goiotchô* *krot*

3SG.F NOM café beber

‘Ela bebe café?’

(34) *Ẽ-wã* *goiotchô* *kronia*

2SG-NOM café beber

‘Você bebe café?’

(35) *Kotit* *lengró* *koia* *tõ*

criança feijão comer NEG

‘A criança não come feijão?’

(36) *Kotit_e* *bâk* *lengró* *koia* *tõ*

criança_PL INTENS feijão comer NEG

‘As crianças não comem muito feijão?’

(37) *Kotit* *goio* *krot* *tõ*

criança água beber NEG

‘A criança não bebe água?’

(38) *Kotit_e* *bâk* *goio* *krot* *tõ*

criança_PL INTENS água beber NEG

‘As crianças não bebem muita água?’

(39) *Wi* *wã* *goiotchô* *krot* *tõ*

3SG.F NOM café beber NEG

‘Ela não bebeu café?’

(40) *Tãtâ_tĩ* *ne* *krot*

mulher_pequena INTER beber

‘O que a menina bebe?’

(41) *Ungré_ tĩ* *wã* *nenu* *krot*

homem_pequeno NOM algo beber

‘O menino bebe algo?’

(42) *Unã* *goio* *krot*

INTER água beber

‘Quem bebe água?”

(43) *Tãtâ_tĩ* *rentâ* *goiotchô* *krot*

mulher_pequena INTER café beber

‘Onde a menina bebe café?’

(44) *Tãtâ_tĩ* *wã* *renki* *goiotchô* *krot*

mulher_pequena NOM INTER café beber

‘Quando a menina bebe café?’

(45) *Tãtâ_tĩ* *tigue* *goiotchô* *kronia*

mulher_pequena INTER café beber

‘Quanto café a menina bebe?’

(46) *Ne* *tãtâ_ tĩ* *goiotchô* *kronia* *kamã*

INTER mulher_pequena café beber sempre

‘Por que a menina sempre bebe café?’

(47) *Tãtâ_tĩ* *goiotchô* *kronia* *mô*

mulher_pequena café beber MOD

‘A menina pode beber café?’

(48) *Tãtâ_tĩ* *goiotchô* *krot* *wẽ*

mulher_pequena café beber MOD

‘A menina bebe café (mas não bebeu).’

(49) *Wi* *wã* *goiotchô* *krot* *wẽ*

3SG.F NOM café beber MOD

‘Ela bebe café (mas não bebeu).’

(50) *Kronia* *goio*

beber água

‘Beba água.’

(51) *Goio kronia kotit*

água beber VOC

‘Beba água, criança!’

(52) *Goiotchô kronia tãtâ_tĩ*

café beber VOC

‘Beba café, menina!’

(53) *Lengró koia kotit*

feijão comer VOC

‘Coma feijão, criança!’

(54) *Goiotchô kronia*

Café beber

‘Beba café, tá!’

(55) *Lengró koia kotit_ e mõti*

feijão comer VOC INTENS

‘Comam mais feijão, crianças!’

(56) *Goio kronia kotit_e mõti*

água beber VOC INTENS

‘Bebam mais água, crianças!’

(57) *I-ma-nim*

1SG-BENEF-dar

‘Dá para mim.’

(58) *Ti mâ nim*

3SG.M BENEF dar

‘Dá para ele.’

(60) *Lengró koia kotit tõ*

feijão comer VOC NEG

‘Não coma feijão, criança!’

(61) *Goio kronia kotit tõ*

água beber VOC NEG

‘Não beba água, criança!’

(62) *Goio kronia tõ*

água beber NEG

‘Não beba água.’

(63) *Goiotchô kronia tõ mõti*

café beber NEG INTENS

‘Não beba muito café.’

(64) *Lengró koia kotit_e tõ mõti*

feijão comer VOC NEG INTENS

‘Não comam muito feijão, crianças!’

(65) *Goio kronia kotit_e tõ mõti*

água beber VOC NEG INTENS

‘Não bebam mais água, crianças!’

(66) *Goiotchô kronia tõ*

Café beber NEG

‘Não bebamos café.’

(67) *Tahap kotit_e lengró ko*

EXORT VOC feijão comer

‘Vamos comer, crianças!’

(68) *Tahap nenu koia*

EXORT algo comer

‘Vamos comer alguma coisa!’

(69) *Tahap goiotchô kronia*

EXORT café beber

‘Vamos beber café!’

(70) *Kotit_tĩ wewó*

criança_pequena correr

‘O menino correu.’

(71) *Kotit_tĩ tchanhera*

criança_pequena andar_rápido

‘A criança anda rápido.’

(72) *Tãtâ_ tĩ tchanhera*

mulher_pequena andar_rápido

‘A menina corre.’

(73) *Tãtâ_tĩ_e wẽwó bâk gág*

mulher_pequena_PL correr INTENS terra

‘As meninas correm muito na terra.’

(74) *Ti_tĩ wã fã*

3SG.M_pequeno NOM chorar

‘O menino chora.’

(75) *Ti_tĩ wã kutẽ inha*

3SG.M_pequeno NOM cair ASP

‘O menino caiu.’

(76) *Tãtâ_ tĩ* *wã* *kutẽ*

mulher_pequena NOM cair

‘A menina caiu.’

(77) *Ti_tĩ* *wẽwó* *kamã*

3SG.M_pequeno correr sempre

‘O menino corre sempre.’

(78) *Ti-wã* *tere*

3SG.M-NOM matar

‘Ele morreu.’

(79) *Kofá* *inhut* *kéia*

velho já chegar

‘O velho já chegou.’

(80) Ak k*ofá* *inhut* *kéia*

3PL.M velho já chegar

‘Os velhos já chegaram.’

(81) *Ti-wã* *kotit_tĩ* *ti-wã* *inhut* *kéia*

3SG.M-NOM criança_pequeno 3SG.M-NOM já chegar

‘Aquele menino que chegou.’

(82) *Ungré_ tĩ_ e* *wẽhâ* *ka_e* *bâk*

homem_pequeno_PL caçar árvore_PL INTENS

‘Os meninos caçam muito na mata.’

(83) *Kaingág_e* *wã* *takui* *iamã* *tĩ*

Kaingáng_PL NOM aqui aldeia ASP

‘Os Kaingáng moram em Icatu.’

(84) *Tãtâ_ tĩ* *wẽwó*

mulher_pequena correr

‘A menina corre?’

(85) *Tãtâ_ tĩ* *wẽwó* *wẽ*

mulher_pequena correr MOD

‘A menina corre (mas não correu)?’

(86) *Wẽwó* *tãtâ_ tĩ* *mô*

correr mulher_pequena poder

‘A menina pode correr?’

(87) *Ti_tĩ* *wẽwó*

3SG.M_pequeno correr

‘O menino corre?’

(88) *Unã* *wẽwó*

INTER correr

‘Quem corre?’

(89) *Unã* *wẽwó* *tõ*

INTER correr NEG

‘Quem não corre?’

(90) *Tchanhera* *kotit*

andar_rápido VOC

‘Vem rápido, criança!’

(91) *Wẽwó* *tãtâ_tĩ*

Correr VOC

‘Corra, menina!’

(92) *Wẽwó tõ ma-hâ*

correr NEG BENEF-bom

‘Não corra, tá bom?’

(93) *Tahap wẽwó*

EXORT correr

‘Vamos correr?’

(94) *Wẽwó tõ tãtâ_tĩ*

correr NEG VOC

‘Não corra, menina!’

(95) *Wẽwó tõ*

correr NEG

‘Não corramos.’

(96) *Goiotchô wã nim*

café NOM dar

‘Me dá café.’

(97) *Ẽ wã goiotcho*

2SG NOM café

‘Tem café?’

(98) *Goiotchô wã tõ*

Café NOM NEG

‘Não tem café.’

(99) *Goiotchô wã tõ*

Café NOM NEG

‘Não tem café?’

(100)*Tãtâ_tĩ* *goiotchô*

VOC café

‘Ei! Menina! Tem café?’

(101)*Eng* *wã* *goiotchô*

1PL.F NOM café

‘Nossa...tem café!’

(102)*Wá* *goiotchô* *wã* *tõ*

INTERJ café NOM NEG

‘Credo... não tem café!’

(103)*Takui* *goiotchô*

aqui café

‘Aqui tem café.’

(104)*Ik* *wã* *Kaingág*

1SG NOM Kaingáng

‘Eu sou Kaingáng.’

(105)*Ti* *wã* *fok_tchâ*

3SG.M NOM branco_preto (outro índio)

‘Ele é terena.’

(106)*En* *wã* *Kaingág*

1PL NOM Kaingáng

‘Nós somos Kaingáng.’

(107)*Ti_tĩ* *iãguetara*

3SG.M_pequeno triste

‘O menino é triste.’

(108) *Ti_tĩ* *wã* *iãguetara*

3SG.M_pequeno NOM triste

‘O menino está triste.’

(109) *Ti_tĩ* *wã* *fâ* *nĩ*

3SG.M_pequeno NOM chorar ASP

‘O menino chorou (ficou triste).’

(110) *Ik* *hâ* *tĩ* *tĩ*

1SG bom HAB HAB

‘Estou bem!’

(111) *Ik* *wã* *kãgá*

1SG NOM doente

‘Estou doente!’

(112) *Ik* *wã* *uri* *korék*

1SG NOM hoje ruim

‘Estou mal hoje!’

(113) *I-wã* *nhak* *wé* *ka* *i-ma-hâ* *tĩ* *tĩ*

1SG-NOM você ver por 1SG-BENEF-bom HAB HAB

‘Fico feliz em te ver!’

(114) *Wi* *weié* *krĩ-hâ*

3SG.F flor cabeça-boa

‘Ela dá a flor para a professora.’

(115) *Wi_e* *weié* *krĩ-hâ*

3SG.F_PL flor cabeça-boa

‘Elas dão a flor para a professora.’

(116) *Ti wã rat nhawe krĩ-hâ*

3SG.M NOM dar livro cabeça-boa

‘Ele deu o livro para o professor.’

(117) *Ti wã rat nhawe_ e krĩ-hâ*

3SG.M NOM dar livro_PL cabeça-boa

‘Eles deram os livros para o professor.’

(118) *Ti-wã pehô i-ma-nim*

3SG.M-NOM abóbora 1SG-BENEF-dar

‘Ela deu a abóbora para mim.’

(119) *Ak wã e-ma ẽ pehô nim*

3PL_F NOM 1PL-BENEF 1PL abóbora dar

‘Elas deram as abóboras para nós.’

(120) *Ma-nim kofâra*

BENEF-dar peixe

‘Me dá peixe!’

(121) *Ma-nim kamó*

BENEF-dar banana

‘Me dá banana!’

No segundo caso, foram glosados três textos elaborados pela falante mais velha, cujos gêneros são: lenda, receita e canto. Esses textos também estão no livro bilíngue da aldeia “*Kotit-Kalivónohiko:* um livro bilíngue para o ensino das línguas indígenas da aldeia Icatu”, por eles elaborado:*“Wẽ lark tchopré” (A lenda da onça); “Pẽfuron nhere tchâ” (Receita do Penfurão de Milho Preto); “Koemâ Kaingág” (Canto Kaingáng).*

A. LENDA

(122)*Tchopré* *gag* *nhô-kamã*

Onça terra brava-sempre

'Quando a onça está no chão, fica brava sempre.'

(123)*Ti-wã* *ka-kui* *nhe-pru*

3SG.M-NOM árvore-em ATEL-cima (subir)

'Sobe na árvore'

(124)*Ti-wã* *katĩ* *praia* *ti-wã* *fa*

3SG.M-NOM galho morder 3SG.M-NOM chorar

'Ela morde o galho e chora.'

(125)*Ti-wã* *kaingág* *piri* *tere* *mek*[14]

3SG.M-NOM Kaingáng NUM matar sentir

'Ela sabe (sente) que um índio vai morrer.'

(126)*Mã* *kaingág* *piri* *tere* *mek*

Dali_a_pouco Kaingáng NUM matar sentir

'Dali a pouco um índio morre.'

(127)*Tiné* *wi*[15] *koma* *takui*[16] *bret* *ni-mã*

Porque 3SG.F alma aqui morar PROSP-DUB

'Porque (provavelmente) a alma dela ia morar aqui.'

(128) *Wi* *koma* *kaiké* *te* *bre-tĩ*

3SG.F alma céu LOC morar-ASP

'A alma dela vai morar no céu (para o céu).'

[14] De acordo com Wiesemann (1971, p.280), o termo *mẽ* ou *mẽg* significa '*sentir*'.
[15] No dialeto paulista, geralmente o *'wi'* é pronome pessoal *'ela'* (3ª. pessoa singular, feminino); neste caso, funciona como um demonstrativo (*dela*).
[16]Segundo D´Angelis (em comunicação pessoal), a palavra '*takui*' é composta por*: ta (isto) + kui (em) = aqui.*

(129) *Ik* *wã* *pẽfuron* *hat* *kã* *krot* *ka*

1SG NOM penfurão fazer depois beber para

'Eu vou fazer penfurão para depois beber.'

(130) *I-wé*[17] *hike-ra*

1SG-quebrar carregar-MOD

'Eu quebro e carrego o milho.'

(131) *I-wã* *pẽfuron* *krot* *ka*

1SG-NOM penfurão beber para

'Eu bebo penfurão porque ...'

(132) *I-wã* *ma-hâ*

1SG-NOM BENEF-bom

'... para mim, é bom.'

(133) *I-wã* *pẽfuron* *hat*

1SG-NOM penfurão fazer

'(Então) eu faço penfurão.'

(134) *Nguere nguere* *tchâ* *petot*

Milho milho preto panela

'(Colocar) os milhos pretos na panela.'

(135) *Kara* *kunguk* *karak* *kenhen*

Depois mingau peneira coar

'Depois coar o mingau na peneira'

(136) *Kara* *goio* *ran*

Depois água esquentar

'Depois esquentar água'

[17] Segundo Wiesemann (1971, p.271-272), a forma *vê* corresponde a *fãn*, que significa '*quebrar milho*'; e a forma *rĩnh* significa '*carregar*'.

(137) *Ka* *kin* *goio* *fot* *wot*

Para então água quente colocar

'Para, então, colocar a água quente.'

(138) *Kara* *ti-nei* *nim*

Depois 3SG.M-cozinhar dar

'Depois pôr para cozinhar.'

(139) *Kara* *kunoin* *kutcha*

Depois tirar esfriar

'Depois tirar e esfriar'

(140) *Ka* *ẽ-wã* *krot*

Para 2PL-NOM beber

'Para vocês beberem.'

B. CANTO

(141) *Fók* *nâ* *peinh*[18] *ũn* *ã* *gag*

Homem_branco ENF roubar alguém[19] 3PL terra

'O branco roubou nossa terra.'

(142) *Fók* *nâ* *ti* *tẽ* *kaingág*

Homem_branco ENF 3SG.M morrer Kaingáng

'O branco matou os índios.'

(143)*Fók* *nâ* *nã* *tere* *ka*

Homem_branco ENF ASP morrer mata

'O branco acabou com a natureza.'

[18] Em Wiesemann (1971, p. 237), a palavra *pèju* significa '*roubar*'. Os professores Kaingáng de Icatu a grafaram com '*nh*' (*peinh*).

[19]Também em Wiesemann (op.cit., p. 265) o termo *ũn* corresponde ao pronome '*alguém*'.

(144) *Fók* *nâ* *peinh* *ũn* *ã* *kofâra*

Homem_branco ENF roubar alguém 3PL peixe

'O branco acabou com os peixes.'

(145) *Uri* *kaingág* *mâ* *fã*

hoje KaingángASP chorar

'Hoje os índios estão chorando.'

Como se pode notar, as sentenças selecionadas para análise foram glosadas de acordo com o método de descrição tipológica denominada "*Leipzig Glossing Rules*", desenvolvido em parceria com *Department of Linguistics of Max Plank Institute for Evolutionary Antropology* (Departamento de Linguística do Instituto de Antropologia Evolucionária Max Plank) e *Department of Linguistics of the University of Leipzig* (Departamento de Linguística da Universidade de Leipzig). (BICKEL; COMRIE, 2004)

Este método engloba dez regras para sintaxe e semântica de glosas interlineares e um apêndice com um léxico de rótulos categoriais abreviados. Dependendo do propósito que se deseja, tais regras permitem flexibilidade em vários aspectos e opções. As regras tomadas para elaboração das glosas do *corpus* desta pesquisa são:

Regra 1: Alinhamento palavra por palavra.

As glosas interlineares são verticalmente alinhadas à esquerda.

Exemplo:

(62) *Goio* *kronia* *tõ*

água **beber** **NEG**

'Não beba água.'

Regra 2: Correspondência morfema por morfema.

Os morfemas segmentáveis são separados por hífen, tanto no exemplo como na glosa.

Exemplo:

(18) ***Ti-wã*** *goio_kupri* *kronia*
3SG.M-NOM água_branca beber
'Ele bebe leite.'

Regra 3: Rótulos de categoria gramatical

Os morfemas gramaticais são representados por rótulos abreviados da categoria gramatical, sendo impressos em letra maiúscula.

Exemplo:

(45) *Wẽwó* ***tõ*** *tãtâ_tĩ*
correr **NEG** VOC
'Não corra, menina!'

Regra 4: Correspondência de um para muitos.

Quando um único elemento da língua alvo é representado por vários elementos metalinguísticos, estes são separados por pontos. Essa regra subdivide-se em A, B, C, D e E. Tomamos para elaboração das glosas a *regra 4 A*, que diz que, se um elemento da língua alvo não é nem formal e nem semanticamente segmentável, e somente ocorre a metalinguagem por faltar uma palavra equivalente, pode ser usado o sublinhado em vez do ponto.

Exemplo:

(105) ***Ti*** *wã* ***fok_tchâ***
3SG.**M** NOM **branco_preto (não índio)**
'Ele é terena.'

Regra 5: Rótulos de pessoa e número.

Número e pessoa não são separados por ponto, quando co-ocorrem nessa ordem. Exemplo:

(125)	***Ti*-*wã***	*kaingág*	*piri*	*tere*	*mek*
	3SG.M-NOM	Kaingáng	NUM	morrer	sentir
	‘Ela sabe (sente) que um índio vai morrer.’				

Após apresentarmos os procedimentos metodológicos dessa pesquisa, mostrando a que se propõe esse estudo e o *corpus* a ser utilizado na análise, passemos às questões gramaticais que norteiam esse trabalho, destacando, no próximo capítulo, alguns autores que tratam de estudos tipológicos, como Greenberg (1966) e Câmara Junior (1977), dos conceitos Tempo, Aspecto e Modo, como Reinchebach (1948 *apud* Côroa, 2005), Comrie (1976), Lyons (1977) e Hengeveld e Mackenzie (2008), e, por fim, de marcas sintáticas, da ordenação de palavras e do TAM no Kaingáng do Sul, como Wiesemann (1967), D´Angelis (2005) e Gonçalves (2007).

PARTE III:

ANÁLISE DO DIALETO DO SUL E DO DIALETO PAULISTA

CAPÍTULO 3

O KAINGÁNG DO SUL

Neste capítulo, buscamos mostrar a ordenação de constituintes em sentenças do Kaingáng do Sul e as marcas de Tempo, Aspecto e Modo (doravante TAM), usadas nesse dialeto.

Num primeiro momento, abordamos a questão da ordem, apresentando os estudos tipológicos em geral e a tipologia sintática, em particular, apresentando o modelo de Greenberg (1966), que influenciou vários trabalhos, entre eles o de Pezatti (1992), que tratou em sua tese dos aspectos tipológicos e funcionais da ordem de palavras em português. Com base em Câmara Junior (1977) e Pezatti (1992), fazemos um breve panorama histórico sobre a classificação tipológica de línguas e a tipologia sintática.

Em seguida, apresentamos o conceito de Tempo, Aspecto e Modo sobre a perspectiva de vários teóricos, como Reinchebach (1948 *apud* Corôa, 2005), Comrie (1976), Lyons (1977, 1979), Givón (1984), Bertinetto (1986), Bhat (1999).

Por fim, abordamos os estudos pioneiros de ordenação de constituintes em sentenças do Kaingáng do Sul, apoiando-se nos trabalhos de Wiesemann (1967, 1971, 2002), e outros mais recentes sobre a ordenação de palavras e o TAM neste dialeto, entre eles D´Angelis (2004, 2005), Gonçalves (2007, 2009a, 2009b, 2010a) e Almeida (2008).

Com isso, mostramos qual a ordem predominante no dialeto do Sul, suas marcas sintáticas e as categorias de TAM nele presentes, visando, posteriormente, à comparação desses dados com os do Kaingáng paulista de Icatu.

3.1 Ordem

Segundo Câmara Junior (1977), no século XIX, a questão da classificação de línguas faz surgir dois tipos distintos: a classificação tipológica e a genética.

A classificação tipológica foi fixada pelo linguista August Schleicher (*apud* Câmara Junior, 1977), que notabilizou a divisão de línguas em: isolantes, aglutinantes e flexionais. De acordo com Schleicher (op.cit.), a língua isolante tem vocábulos que não se pode decompor, nem apresentam flexão e derivação, como é o caso do chinês.

Já a língua aglutinante tem vocábulos que acumulam afixos distintos em seu radical, expressando, assim, relações gramaticais, como ocorre em turco. A língua flexional apresenta radical (ou raiz) que se une a afixos, indicando variados acidentes gramaticais, como acontece com línguas indo-europeias. (Cf. CÂMARA JUNIOR, 1977; PEZATTI, 1992)

O critério histórico, com base no método genético de classificação de línguas, de acordo com Câmara Junior (1977, p. 142) “surgiu naturalmente da própria ciência linguística, que se constituíra quando se sentiu a relação de origem entre certas línguas asiáticas da Índia e da Pérsia com numerosas outras da Europa”. Assim, foi elaborada a gramática histórica e o comparativismo linguístico, que contrasta as línguas para verificar se geneticamente se relacionam.

Conforme Câmara Junior (1977, p.168-169):

> A classificação de Shleicher – línguas isolantes, aglutinantes e flexionais – [...] não é satisfatória [...]. Alguns lingüistas têm procurado torná-la mais precisa, ou menos vaga e menos superficial, aumentando o número de “tipos”, como, por exemplo, o das chamadas línguas polissindéticas. O polissindetismo foi utilizado amplamente nos primeiros estudos de intenção científica, no século XIX, sobre as línguas indígenas americanas [...].

Câmara Junior (2009) destaca ainda o trabalho de classificação tipológica proposto por Sapir, no capítulo VI do livro *Linguagem, introdução ao estudo da fala* (1921). Para Câmara Junior essa classificação é complexa e exige um conhecimento aprofundado da língua que está sendo examinada.

Em sua teoria baseada na constituição mórfica e natureza da constituição nocional dos vocábulos, Sapir (1971 *apud* PEZATTI, 1992) propõe uma classificação para as línguas com base em três critérios: (i) os tipos de conceitos representados na língua; (ii) a natureza da constituição mórfica dos vocábulos; (iii) a natureza da constituição nocional dos vocábulos. Para esse autor, segundo o primeiro critério as línguas podem ser classificadas em: simples de relação pura, complexas de relação pura, simples de relação mista e complexas de relação mista. Já com base no segundo critério são divididas em: isolantes, aglutinantes, fusionantes e simbólicas. E, de acordo com o terceiro critério, são classificadas em: analíticas, sintéticas e polissintéticas.

Os estudos tipológicos foram motivados pela própria realidade humana que apresenta aspectos universais, grupais e individuais. Greenberg, em seus *Ensaios de Linguística* (1957), apresenta uma nova classificação tipológica à de Sapir.

De acordo com Greenberg (1973), o termo *tipologia* foi primeiramente utilizado, na Linguística, em 1928 por linguistas da Escola de Praga. Na segunda metade do século XX, duas abordagens distintas sobre o estudo de universais linguísticos se destacam. De um lado, os estudos hipotéticos-dedutivos, com base na investigação de estruturas abstratas de uma única língua, filiados à Gramática Gerativo-Transformacional de Noam Chomsky. Por outro lado, um estudo indutivo que analisa uma gama de línguas e busca estabelecer universais com base em fatores psicolinguísticos, cognitivos, semânticos e pragmáticos, denominado por Hawkins (1983) de Gramática Tipológica Universal. Essa gramática irá embasar o estudo

tipológico apresentado por Greenberg, que irá sugerir uma tipologia sintática com critério voltado à ordem dos constituintes da sentença.

Para Lehmann (1978 *apud* PEZATTI, 1992, p. 51), os tipologistas dão ênfase à sintaxe por considerar este componente o mais tipicamente característico das línguas humanas, sendo, portanto, considerado "o mais significativo para a lingüística tipológica, que o toma como componente central, baseando sua análise na estrutura da sentença e em seus constituintes".

A abordagem tipológica possibilita, conforme Maia (1986), a investigação dos seguintes níveis básicos na organização de um sistema linguístico: o fonológico, o morfológico, o sintático e o semântico.

Os estudos tipológicos direcionam-se para a análise da ordem dos constituintes principais da oração – Sujeito (S), Verbo (V), Objeto (O), bem como a ordem de constituintes dos sintagmas nominais. Um dos problemas fundamentais desses estudos é o de estabelecer a ordem básica em uma dada língua. Para Comrie (1981), é comum as línguas apresentarem ordens diferentes para suas diversas construções. Assim, estabelecer qual das ordens será considerada a básica é uma tarefa muito complexa.

Considerado pioneiro nos estudos de tipologia sintática, Joseph H. Greenberg, em seu artigo *Some Universals of Grammar with Particular Reference to the Order of Meaningful Elements* (1966), estabeleceu a importância dos universais implicacionais, fornecendo conceitos básicos que conduzem a uma forma lógica de investigação de universais. Em seu trabalho, Greenberg detalhou características sintáticas e morfológicas de sentenças declarativas (com sujeito expresso) de trinta línguas diferentes, formulando um total de quarenta e cinco generalizações, que envolvem universais absolutos, tendências estatísticas, universais não-implicacionais e, sobretudo, universais implicacionais.

Há línguas em que os elementos modificadores e limitadores são antepostos aos elementos que modificam ou limitam; em outras, eles são pospostos. Há ainda aquelas em que

ambos (antepostos/pospostos) podem ocorrer. Com base nisso, Greenberg apresenta uma tipologia envolvendo bases de fatores para a ordem das palavras. Essa tipologia é conhecida como tipologia da ordem básica. Assim, o autor estabeleceu três conjuntos de critérios que possibilitam estabelecer a tipologia de ordem básica:

a) A existência de pré-posições (anteposição) assim como de pós-posições nas línguas;
b) A ordem relativa dos principais constituintes da oração – Sujeito (S), Verbo (V) e Objeto (O);
c) A posição do adjetivo qualificador em relação ao nome.

Esse autor também mostrou que, dentre as seis possibilidades de combinações lógicas entre o sujeito, o verbo e o objeto, existem três tipos básicos de línguas, segundo a posição do verbo:

(i) Verbo na posição inicial – VSO
(ii) Verbo na posição medial – SVO
(iii)Verbo na posição final – SOV

A maioria das línguas tem várias ordens, mas há uma dominante. Assim, de acordo com o critério de Greenberg, a posição relativa de sujeito (S) e o objeto (O) é uma constante, sendo esse seu primeiro universal implicacional.

Posteriormente, para estabelecer a coerência conceitual de seus universais, o autor postula, ao final da pesquisa, dois princípios subjacentes à tipologia de ordem básica, que são: o Princípio da Dominância e o Princípio da Harmonia entre os padrões gramaticais.

Pezatti nos mostra que, no português arcaico, a ordem predominante era VSO. Atualmente, o português, segundo a autora, caracteriza-se como uma língua híbrida, apresentando tanto estrutura SVO como estrutura VS. Para a autora “é equivocado classificar o português como uma língua SV(O)”. E traz a seguinte conclusão:

> [...] os dados empíricos mostram haver duas ordens predominantes de acordo com o tipo de verbo: SV (O), com verbos transitivos e intransitivos não existenciais, e VS, com intransitivos existenciais. A cada uma dessas seqüências corresponde um padrão de construção: a ordem SV (O) marca o padrão nominativo, enquanto a VS indica o ergativo, tendo cada um funções específicas dentro da língua. (PEZATTI, 1992, p.199-200)

Além de Greenberg (1966, 1967, 1973), outros pesquisadores trouxeram contribuições à tipologia sintática, como Vennemann (1974), Lehmann (1973), Hawkins (1983), e, posteriormente, Dryer (1991) que "defende a posição de Lehmann e Vennemann, com base na alegação de que as propriedades de ordem de palavras das línguas SVO diferem muito pouco das propriedades das línguas VSO e VOS", tendo-se "uma divisão básica entre as línguas VO e OV. (PEZATTI, 1992, p. 52-53)

Dos trabalhos e pesquisas sobre tipologia aqui destacados, utilizamos como base para nossa análise o trabalho de Greenberg (1966) referente aos universais implicacionais da ordem de palavras e o de Pezatti (1992) referente à ordem de palavras no português. Como um dos objetivos de nosso estudo é verificar a ordem nas sentenças do Kaingáng paulista, tomamos por base apenas três dos 45 universais apresentados por Greenberg[20], que são:

a) **Universal 1**: em sentenças declarativas, com Sujeito e Objeto nominais, a ordem dominante é quase sempre aquela em que o Sujeito precede o Objeto;
b) **Universal 4**: com mais ampla predominância do que casual frequência, línguas com ordem normal SOV são posposicionais;
c) **Universal 12**: se uma língua tem VSO como ordem dominante nas sentenças declarativas, ela sempre coloca as palavras ou sintagmas interrogativos em primeiro lugar nas perguntas com palavras interrogativas; se ela tem a ordem SOV dominante nas sentenças declarativas, nunca existe tal regra invariável.

[20] Tradução feita por D´Angelis dos universais de Greenberg (1966).

Como visto no capítulo anterior, por ser o português a primeira língua na aldeia Icatu, nossa hipótese é a de que o Kaingáng de Icatu, por conta desse contato, esteja mudando a ordem nas sentenças Kaingáng. Por essa razão, utilizamos o trabalho de Pezatti (1992) que trata das mudanças na ordem do português. Em seu trabalho, a autora conclui que o português é uma língua híbrida, configurando-se ora com a ordem SVO ora com VS. O que nos interessa saber é se isso se reflete no Kaingáng de Icatu, por influência do contato com o português.

3.2 Tempo, Aspecto e Modo (TAM)

Antes de adentrarmos nos estudos das categorias Tempo, Aspecto e Modo do Kaingáng do Sul, passamos, primeiramente, à compreensão de como essas categorias devem ser entendidas nessa pesquisa.

A expressão TAM (Tempo, Aspecto e Modo) foi introduzida por Givón (1984) como categorias complexas agrupadas por características semânticas e pragmáticas. Para Givón (1984, p. 272), o TAM compreende três pontos diferentes do que se entende por Tempo (*time*), que são:

1. **Tempo** (*tense*): que envolve um ponto precedente e um subsequente;
2. **Aspecto** (*aspect*): que se refere a um intervalo de tempo, com ponto inicial, médio e final;
3. **Modalidade** (*modality*): que se relaciona à atitude do falante quanto à proposição.

De acordo com Givón (1984), há uma tendência dessas categorias do TAM se agruparem morfologicamente, por meio de clíticos em torno dos verbos. Pode ocorrer a formação de um *portemanteau* entre os marcadores do TAM, ou com marcadores de negação ou, ainda, com marcadores de concordância pronominal.

Anteriormente a Givón, na década de 1970, Dahl elaborou uma investigação sobre o sistema Tempo e Aspecto com um grande número de línguas. Essa investigação gerou um banco de dados com aproximadamente 64 línguas, que auxiliaram na comparação sobre o sistema Tempo-Aspecto-Modo. De acordo com Dahl (1985 *apud* GONÇALVES, 2007), a categoria de TAM está ligada a conceitos essenciais do pensamento humano, que abarcam: 'tempo', 'ação' e 'evento'. Assim, para o autor, as pesquisas sobre o TAM geralmente partem da noção semântica.

3.2.1 **Tempo**

Câmara Junior (1970, p.88) não separa tempo verbal de modo e diz que aquele "se refere ao momento da ocorrência do processo, visto do momento da comunicação"; já este refere-se "a um julgamento implícito do falante a respeito da natureza, subjetiva ou não, da comunicação que faz."

O autor assinala uma distinção binária na categoria tempo, esclarecendo que tal categoria "repousa essencialmente na dicotomia passado/presente, exprimindo-se no presente os fatos vindouros em que não há uma tonalidade modal". (CÂMARA JUNIOR, 1972 *apud* CÔROA, 2005, p. 45)

O tempo inerente ao próprio processo é considerado "aspecto"; o tempo do processo em relação ao momento de enunciação e ao sistema fixo de referência temporal é considerado "*tempus*". *Tempus* é uma propriedade, ao mesmo tempo, da sentença e da enunciação; já o

aspecto é propriedade apenas da sentença, pois não se refere ao momento da enunciação. (KLEIN, 1974 *apud* CORÔA, 2005)

Bertinetto (1986, p. 23) refere-se ao momento da fala ao definir Tempo linguístico:

> Entende-se, ao contrário, o sistema de relações temporais que podem ser veiculadas pelos signos linguísticos. Estes têm seu fundamento no momento de fala, ou seja, na existência do processo de enunciação: quando emitimos uma mensagem, fixamos também (explícita ou implicitamente) um ponto de apoio com respeito ao que podemos calcular que vem antes ou depois. (*apud* GONÇALVES, 2009a, p. 251)[21]

Pezatti (1992, p. 71) também se refere ao momento de fala ao tratar da categoria Tempo, mostrando que "cada língua natural tem duas variedades de dêiticos: o sistema pronominal, que envolve a orientação do falante "eu", e o sistema temporal, cujo foco é o "agora", o momento da fala." Para a autora, as línguas podem apresentar um sistema de flexão de tempo ou uma classe lexical de qualificadores de tempo, ou ainda ambos.

Castilho (2010, p. 418) também assevera que "tempo é uma propriedade da predicação cuja interpretação tem de ser remetida à situação de fala. [...] O tempo também depende da noção de intervalo ou de duração entre um ponto e outro". Afirma o autor que "o tempo pressupõe o aspecto, mas este não pressupõe aquele". Ao tratar da categoria Aspecto, Castilho (1968) ressalta que, em termos de representação, o aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e seu desenvolvimento, sendo, portanto, uma categoria léxico-sintática.

Gonçalves (2009a) estabelece como parâmetro do seu trabalho, que trata do tempo do Kaingáng do Sul, as representações expostas por Hans Reinchebach. Reinchebach (1948 *apud* CORÔA, 2005, p. 23) "foi o primeiro a dar uma interpretação temporal às línguas naturais baseando-se na lógica". Assim, a partir de Reinchenbach (1948 CORÔA, 2005, p.41), os estudos voltados a tempos verbais têm girado sempre em torno de três construtos temporais:

[21] *Si intende invece il sistema di relazioni temporali che possono essere veicolate dai signi linguistici. Queste hanno il proprio fulcro nell´atto di parola, ossia nell´attualità del processo di enunciazione: quando emettiamo un messaggio, noi fissiamo anche (esplicitamente o implicitamente) un punto di ancoraggio rispetto al quale possiamo calcolare un prima o un dopo.*

a) **Momento da Fala (MF):** momento da comunicação

b) **Momento do Evento (ME):** momento de realização do predicado

c) **Momento de Referência (MR):** sistema temporal fixo com respeito ao qual se definem simultaneidade e anterioridade

Gonçalves (2009a, p. 252) também destaca que Reinchebach:

> [...] sugeriu um modelo para estruturação dos tempos verbais para o inglês (mas pressupondo que poderia ser extensivo a outras línguas) assumindo que os Tempos verbais exprimem o tempo em relação ao momento do ato de fala de um enunciado e a um terceiro momento conhecido como Momento de Referência.

Vejamos um dos exemplos, em português, de Gonçalves (2009a, p. 253), analisado segundo a proposta reichenbachiana:

(5) Maria saiu antes de Paulo chegar.

A autora nos mostra, em (5), que o evento 'Maria saiu' ocorre anteriormente ao Momento da Fala (MF); já o Momento de Referência (MR) está situado junto ao Momento do Evento (ME). Logo, esquematicamente, esta sentença apresenta a seguinte representação temporal: ME,MR-MF.

3.2.2 **Aspecto**

Para Jakobson (1971 *apud* CORÔA, 2005), o aspecto caracteriza-se como evento narrado em si mesmo sem envolver seus participantes e sem referência ao evento da fala.

"O aspecto apresenta uma oposição binária: perfectivo e imperfectivos. [...] Além desta oposição não há aspecto, o que há são alguns fenômenos intimamente ligados a eles." (ŠABRŠULA, 1972 *apud* CORÔA, 2005, p. 63)

Comrie (1976) considera que o aspecto trata da constituição temporal interna de uma situação e distingue *tempo* de *aspecto*:

> O aspecto não está relacionado com o tempo relativo da situação em qualquer ponto temporal, mas sim com a constituição temporal interna de uma situação; pode-se referir a diferença entre a situação temporal interna (aspecto) e a situação temporal externa (tempo)[22]. (COMRIE, 1976, p. 5)

Lyons (1977), por seu turno, entende que:

> Distinções aspectuais são mais obviamente espaciais ou 'espaciáveis' do que as distinções de tempo. Situações são entidades de segunda ordem, cuja relação de tempo é comparável com a relação que entidades de primeira ordem têm com o espaço. Eventos ocorrem em pontos particulares do tempo, enquanto estados e processos se desenvolvem através de certo período de tempo.[23] (p. 719)

Lyons (1977 apud Corôa, 2005, p. 44) considera ainda que "a futuridade nunca é um conceito puramente temporal, pois inclui necessariamente um elemento de predicação ou alguma noção modal." Como Comrie (1976), Lyons afirma que "o aspecto, diferentemente do tempo, não é uma categoria dêitica e não se refere ao momento do enunciado."

Comrie (1976), também quanto à categoria Aspecto, distingue Perfectividade e Imperfectividade. O autor mostra que "Perfectivo é um olhar de fora sobre a situação, sem distinguir, nela, estruturas internas, enquanto que Imperfectivo é um olhar de dentro, ou seja, da estrutura interna da situação". Comrie (1976) apresenta ainda uma divisão do Imperfectivo em Habitual e Contínuo, dizendo ainda que habitualidade difere de iteratividade. Segundo o

[22] *Aspect is not concerned with relating the time of the situation to any other time-point, but rather with the internal temporal constituency of the one situation; one could state the difference as one between situation - internal time (aspect) and situation - external time (tense).* (Cf. COMRIE, 1976,p.5)

[23] *Aspectual distinctions are even more obviously spatial, or spatializable, than tense-distinctions. Situations are second-order entities whose relation to time is comparable to the relation that first-order entities have to space. Events occur at particular points in time, whereas states and processes endure throughout a certain period of time*. (Cf. LYONS, 1977, p. 719)

autor, “uma característica comum a todos os habituais é descreverem uma situação que é característica de uma extensão de período de tempo”, sendo que “a iteratividade pode ou não estar presente”. (GONÇALVES, 2010a, p.250)

Já Bertinetto (1986) apresenta uma distinção entre o Aspecto Perfectivo e o Aspecto Imperfectivo. Ele refere-se ao Aspecto Perfectivo como aquele que apresenta o ponto final de um evento ou, ainda, aquele que tem a perspectiva do final do evento. Para este autor, o Aspecto Perfectivo corresponde a um evento precisamente determinado no seu plano temporal. Já, quanto ao Aspecto Imperfectivo, diz que não é normalmente compatível com expressões de duração determinada, com exceção de alguns habituais e contínuos.

Outro autor que trata de distinções aspectuais entre Perfectivos e Imperfectivos é Bhat (1999). Para ele, o Aspecto indica a estrutura temporal de um evento, ou seja, o modo que o evento se realiza no tempo, podendo ser: (a) completado ou em progresso; (b) começando, continuando ou terminando; (c) iterativo ou semelfactivo; entre outros.

Segundo Bhat (1999), as línguas diferem na gramaticalização, podendo ter uma ou mais distinções em seus sistemas de Aspecto. Essas distinções se dividem em três grupos:

a) **Perfectivos e Imperfectivos**: seguindo Comrie (1976), considera que o Perfectivo tem a visão do evento como um todo de uma perspectiva externa; já o Imperfectivo abrange uma visão interna do evento;

b) **Ingressivos, Progressivos, Egressivos e Resultativos**: fazendo uso do termo ‘phasal aspects’ de Dik (1989), Bhat afirma que esses aspectos distinguem diferentes ‘fases’ do evento; com isso, o falante pode falar de um evento do ponto de vista de uma dessas fases individuais, apresentando ou não marcadores flexionais da língua em uso;

c) **Semelfactivos, Iterativos, Habituais ou Frequentativos**: estão relacionados à quantificações aspectuais do evento; o semelfactivo ocorre uma só vez, o 'iterativo' corresponde aos eventos repetidos na mesma ocasião, o 'frequentativo' são os eventos repetidos em diferentes ocasiões e, diferentemente do 'iterativo' e do 'frequentativo', o 'habitual' é um evento indutivo, e não dedutivo.

Já, para Hengeveld e Mackenzie (2008), em cada caso a especificação aspectual relaciona a Propriedade Configuracional a um ponto de referência temporal, havendo ainda outras possibilidades no domínio do Aspecto Fasal que são a de Aspecto Ingressivo e Egressivo. A oposição Perfectivo-Imperfectivo indica se um estado-de-coisas é apresentado como um único todo (Perfectivo), ou, como visto de dentro (Imperfectivo)[24].

Para nossa análise, retomamos, posteriormente, o conceito de Aspecto apresentado por Comrie (1976), Bhat (1999), Hengeveld e Mackenzie (2008), aprofundando um pouco mais a visão teórica, em relação à categoria Aspecto, destes autores e mostrando as distinções entre Aspecto Perfectivo, Imperfectivo e Fasal.

3.2.3 **Modo**

Na concepção de Lyons (1979), o Modo é uma categoria que se realiza pela flexão do verbo ou pela sua modificação por meio de auxiliares. O Modo é por assim dizer uma categoria linguística que, gramaticalmente, marca a atitude do falante em relação ao *status* factual do que se está dizendo. Para o autor, as frases declarativas, por exemplo, são não-marcadas quanto ao modo, já que são neutras com respeito à atitude do falante em relação ao que se diz.

[24] *Other possibilities in the domain of Phasal Aspect are the Ingressive and Egressive Aspects. The Perfective-Imperfective opposition indicates whether a State-of-Affairs is presented as a single whole (Perfective), or as viewed from within (Imperfective).*(HENGEVELD E MACKENZIE, 2008, p. 211)

De acordo com esse autor, há três escalas básicas de modalidade: (i) Desejo/ Intenção; (ii) Necessidade/ Obrigação; (iii) Certeza/ Possibilidade.

Para Lyons (1979, p. 324), existe de um lado "uma afinidade entre as frases imperativas e as modalidades de 'desejo' e da 'necessidade' e, por outro, entre as interrogativas e a modalidade da 'possibilidade'."

Como Lyons (1979), Bhat (1999) trata da existência de uma categoria Modo, afirmando também que esta categoria evidencia a atitude do falante em relação ao *status* factual do que se está dizendo ou da atualização do evento por parte do falante.

Para Bhat (1999), existem três parâmetros diferentes que estabelecem distinções modais utilizados pelas línguas, que são:

a) **Julgamento:** falante considera o evento real ou irreal, imaginário ou hipotético, certo ou errado;
b) **Evidência:** falante usa de evidências (que especificam a realidade do evento) ou de possibilidade (o evento pode ser inferido, deduzido ou derivado pela indução);
c) **Necessidade/Obrigação:** diferentes graus de compulsoriedade externa ou interna forçam o evento a se realizar.

Na visão de Bhat (1999, p. 64), os dois primeiros parâmetros correspondem ao Modo Epistêmico, que é baseado no conhecimento; e o terceiro parâmetro forma o Modo Deôntico, que se baseia na ação. Para ele, as interrogativas são extensões do Modo Epistêmico; e as imperativas, do Modo Deôntico.

Outra distinção estabelecida por Bhat (1999), dentro da categoria Modo é o *Realis*, que denota o evento que acontece ou aconteceu, e o *Irrealis*, em que o evento está no âmbito do pensamento ou do imaginário, referindo-se tanto a um futuro como a um desejo, uma

vontade ou intenção. Para o autor, a categoria Modo se divide, portanto, em: (a) Realidade (*Realis x Irrealis)*; (b) Modalidade (capacidade, obrigação, intenção); (c) Evidência.

Diferentemente de alguns linguistas, Lyons (1979) e Bhat (1999) concebem as interrogativas e as imperativas como sentenças modais. Assim, os parâmetros de modalidade de Bhat se assemelham aos de Lyons. Um diferencial é que Bhat divide a categoria Modo em Realidade, Modalidade propriamente dita e Evidência. (Cf. ALMEIDA, 2008)

Para Hengeveld e Mackenzie (2008), a modalidade afeta a parte relacional do enunciado expresso por um predicado e seus argumentos e diz respeito à relação entre um participante em um estado-de-Coisas e a realização potencial de um estado-de-coisas. De acordo com os autores, modalidades orientadas para o evento descrevem a existência de possibilidades, obrigações gerais e outras, sem o Falante assumir responsabilidade por esses julgamentos. Essas modalidades podem ser de natureza epistêmica, facultativa, deôntica e volitiva. Estes autores também distinguem os seguintes tipos de modalidade: a doxástica (certeza), a dubitativa (dúvida), a epistêmica (possibilidade) e a deôntica (obrigação).

Nesta pesquisa, tratamos, na categoria Modo, especificamente do conceito de modalidade, baseando-nos em Lyons (1979), Bhat (1999) e Hengeveld e Mackenzie (2008), que serão retomados no capítulo posterior, ao descrevermos o Kaingang paulista de Icatu.

3.3 O Kaingáng do Sul

Como já visto, o macrodialeto Kaingáng do Sul abrange os Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

Nesta seção, tratamos das marcas sintáticas, da ordenação de palavras e das categorias do TAM nesta variedade do Kaingáng, com base nos principais pesquisadores, como

Wiesemann (1967, 1971, 2002), D´Angelis (2002a, 2004, 2005[25]), e estudos mais recentes sobre este dialeto, como Almeida (2008) e Gonçalves (2007, 2009a, 2009b, 2010a, 2010b).

Retiramos destes autores algumas sentenças para analisar a ordenação de palavras e o TAM deste dialeto e também para comparação, posteriormente, com o dialeto paulista de Icatu. Estas sentenças também foram glosadas segundo o método de descrição tipológica *Leipzig Glossing Rules*, que é usado nesta pesquisa.

3.3.1 **Ordem**

Wiesemann, em seu trabalho de 1967, afirma que, no Kaingáng, o sujeito é geralmente marcado. Segundo a autora (op.cit., p. 34), "algumas palavras sempre indicam sujeito. Elas seguem o sujeito e indicam que a parte que as precede tem a função de sujeito na frase". As palavras mais frequentes que marcam o sujeito na sentença Kaingáng são *tòg, vỹ, nỹ, ne, mỹ, jè*, como se observa nos seguintes sentenças, que, para maior clareza, foram glosadas aqui de acordo com o método de descrição tipológica denominado "*Leipzig Glossing Rules*", já descrito no capítulo II desse estudo.

a) **Tòg**: para indicar que o sujeito da frase é também agente da ação

(1)	*Ti-to*	*sòg*[26]	*hà*	*nĩ*
	3SG.M-DEM	(1SG)NOM	bom	dar
	'Eu gosto dele'		(Wiesemann, 1967, p. 34)	

[25] Artigo retirado do Portal Kaingáng, de D´Angelis e Veiga (2005).

[26] De acordo com Wiesemann (1971, p. 285), "a forma sòg [...] é uma redução de inh e tóg 'eu agente'." Também Gonçalves (2007, p.16) pressupõe a 1ª. pessoa do singular (por isso o parênteses) com a marcação de sujeito ao se referir à descrição da palavra '*sóg*'.

b) **Vỹ**: para indicar sujeito enfático

(2) *Kajèr* *vỹ* *nĩ*

macaco NOM dar

'Macacos existem (ouTinha um macaco)' (Wiesemann, 1967, p. 34)

c) **Nỹ:** para indicar sujeito enfático, ou contrastivo com *vỹ*

(3) *Jãtã* *vỹ* *jẽ,* *garĩnh* *nỹ* *nĩ*

urubu NOM em_pé galinha NOM sentar

'O urubu (os urubus) fica de pé enquanto as galinhas sentam'(Wiesemann, 1967, p.34)

d) **Ne:** para indicar que o sujeito é agente também iniciante, responsável pela ação

(4) *Kỹ* *ti-ne* *ã-japỹ* *pũn* *mũ*[27]

Então 3SG.M-NOM 2SG-roça queimar ASP

'Então ele queima a sua roça' (Wiesemann, 1967, p.34)

e) **Mỹ:** para indicar tudo o que o sujeito é

(5) *Ã-mỹ* *hà*

2SG-NOM bom

'Você vai bem?' (Wiesemann, 1967, p.34)

f) **Jè:** 'o falante pede ao sujeito para fazer a ação' (p.34)

(6) *I-jè* *tĩg* *ha*

1SG-NOM ir agora

'De certo eu vou' (Wiesemann, 1967, p.34)

[27] Wiesemann (1971, p. 60) considera também a palavra '*mũ*' como um indicador de aspecto, podendo apresentar o sentido de "fazendo, narrativo, ação única, consequência." E apresenta o seguinte exemplo:
"*Ẽg mỹ tag han mũ*? Vamos fazer isto?"

Segundo Wiesemann (1967), algumas dessas marcas podem se combinar, como neste exemplo:

(7) *Ẽn-vỹtòg* *tĩ* *mũ*
3SG-NOM ir ASP
'Aquele vai' (Wiesemann, 1967, p.35)

A marca "*tòg"* aparece no Kaingáng do Sul, muitas vezes, como "*ta"* e serve para indicar sujeito, que pode ser tanto um sujeito impessoal como se referir a um sujeito mencionado anteriormente:

(8) *Inh-mỹ* *ta* *hà*[28] *tĩ*
1SG-BENEF NOM bom ASP
'Eu gosto dele' (de quem já falei) (Wiesemann, 1967, p.35)

Estas marcas, no entanto, podem não ocorrer, como se observa em (9):

(9) *Hà* *ti* *tĩ*
Bom 3SG.M ir
'(Ele) Está bem (ou Ele vai bem)' (Wiesemann, 1967, p.35)

Em seu trabalho lexicográfico de 2002, Wiesemann acrescenta quatro palavras (*ta, vê pijé, pi*) como marcadores de Sujeito no Kaingáng do Sul, totalizando dez marcas de Nominativo: *tòg, vỹ, ne, mỹ, jé, tỹ, ta, vé, pijé, pi.* (Cf. WIESEMANN, 2002; GONÇALVES, 2007)

[28] Conforme Wiesemann (2002, p.60), a expressão "*mỹ há*" corresponde a 'gostar de'. Ex.: "*Inh mỹ tóg há tĩ*" (*Gosto disto – é bom para mim.*)

D´Angelis (1994 *apud* 2004, p.73)[29], por outro lado, afirma que apenas "as partículas *tag, tóg, tỹ, vỹ e ne* são marcas de caso Nominativo [...] ainda que comportem diferenças relacionadas a papel temático e modo", como em (10), em que '*tỹ*' indica o agente:

(10) *Kófa tỹ jun huri.*
Velho NOM chegar já
'O velho já chegou' (adaptado[30] D´Angelis, 2004, p.72)

Como Wiesemann (1967), D´Angelis (2005, p.5) também afirma que "o Kaingáng sempre marca o sujeito da 'frase' com uma palavra especialmente para isso."

D´Angelis (2005), Gonçalves (2007) e Almeida (2008) consideram que o Kaingáng constitui-se basicamente como uma língua SOV (Sujeito – Objeto – Verbo), com sujeito marcado morfologicamente e o objeto anteposto ao verbo, como se vê em (12) e (13):

(12) *Kofá tóg pỹn tãnh* (adaptado D´Angelis, 2005, p.5)
Velho NOM cobra matar
S **O** **V**
'O velho matou a cobra.'

(13) *Kanhgág ta no ta kajẽr pin*
Índio NOM flecha com macaco atirar
S **Instr** **O** **V**
'O índio atirou no macaco com a flecha.' (adaptado Gonçalves, 2007, p. 16)

[29] "*Ergatividade em Kaingáng?*" - comunicação de D´Angelis (2004) no GT "Estudos Kaingáng" apresentada, posteriormente, no I Encontro do CelSul, na Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis. (D´ANGELIS, 2004, p.73)

[30] Quando nos referimos a dado "adaptado", significa que somente a glosa foi modificada, para se manter o método de descrição tipológica adotado nesta tese, como abordado no capítulo II.

Em (13), é possível observar que os elementos não obrigatórios, como, por exemplo, um adjunto adverbial, podem ser intercalados entre o Sujeito e o Sintagma Verbal; contudo, nada pode ser intercalado entre o Objeto e o Verbo. (Cf. GONÇALVES, 2007)

D´Angelis (2005) também afirma que o objeto indireto ou o beneficiário da ação, por serem marcados pela posposição "*mỹ*", podem, assim, ocupar diferentes lugares na sentença, como mostram (14) e (15):

(14) *Inh prũ fi tóg* ***Maria mỹ*** *kukrũ nĩm*

1SG esposa 3SG.F NOM Maria BENEF panela dar

S **OI** **OD** **V**

'Minha mulher deu a panela para Maria.' (adaptado D´Angelis, 2005, p.5)

Ou:

(15) Inh *prũ fi tóg kukrũ nĩm* ***Maria mỹ***

1SG esposa 3SG.F NOM panela dar Maria BENEF

'Minha mulher deu a panela para Maria.' (adaptado D´Angelis, 2005, p.5)

S **OD** **V** **OI**

Segundo Gonçalves (2007), em oração intransitiva o Kaingáng mantém a ordem SV, como se nota em (16):

(16) *Rẽkétá inh jóg ta jun*

Ontem 1SG pai NOM chegar

S **V**

'Ontem meu pai chegou.' (adaptado Gonçalves, 2007, p.16)

Em interrogativas totais, normalmente o sujeito é seguido por "*mỹ*", e tudo que o segue é a parte interrogada:

(17) *Ã-mỹ* *hà*

3S-NOM bem

‘Você está bem?’ (adaptado Wiesemann, 1967, p. 12)

Já as interrogativas parciais são marcadas por um pronome, próprio para cada constituinte interrogado: *ũ (quem?), ne (o que?), hẽ (qual)*. As respostas para essas interrogativas são, geralmente, marcadas por *“vẽ” (é por certo)*, como nota no exemplo (18):

(18) *Ũ-kósin* *nẽ*

INTER-criança é

‘Quem é a criança?’ (adaptado Wiesemann, 1967, p. 12)

Resposta:

Maria *kósin* *vẽ*

Maria criança é por certo

‘A criança é Maria.’ (adaptado Wiesemann, 1967, p. 12)

Segundo Wiesemann (1967, p. 17), sentenças imperativas, indicando permissão, são marcadas pela palavra *“ha” (agora)*, no início da sentença, combinada com “*ge*”, em posição final: *“ha tĩg ge” (agora vai então).* Numa situação, em que se pede ou se encoraja uma ação, o termo “*ha*” aparece sozinho: “*ha tĩg” (por favor vai).*

Sumarizando os estudos dos autores que embasam a descrição do Kaingáng do Sul, verificamos que, com relação à ordenação de constituintes na sentença, essa variedade Kaingáng se caracteriza pelo que segue:

1) O caso nominativo é sempre marcado por partículas, como *tag, tóg, tỹ, vỹ e ne*.
2) Em sentenças declarativas transitivas:

    a. a ordem predominante é SOV;
    b. a adjacência OV jamais pode ser interrompida;
    c. contituintes não obrigatórios são colocados entre o Sujeito e o Verbo;
    d. o objeto direto pode ficar entre o S e o V ou ir para a posição final.

3) Em sentenças declarativas intransitivas a ordem é SV
4) Em sentenças interrogativas totais o sujeito é marcado por ‘mỹ’
5) Sentenças interrogativas parciais são marcadas por partículas especiais (pronomes) de acordo com o tipo de constituinte interrogado
6) Sentenças imperativas têm marcas especiais:
    a. para ilocução imperativa de permissão é usado ‘ha...ge’
    b. para ilocução exortativa é usada apenas ‘ha’

Seguindo o Universal 4 de Greenberg (1966), que diz que línguas com ordem básica SOV são posposicionais, notamos que a ordenação de palavras no Kaingáng do Sul segue esse Universal.

3.3.2 Tempo, Aspecto e Modo

3.3.2.1 Tempo

Nesta seção, tomamos por Tempo (em maiúscula) o ‘tempo linguístico’ ou, como apresenta Comrie (1976), o termo “*tense*” do inglês. Sobre Tempo em Kaingáng, uma das primeiras observações foi feita por Mansur Guérios (1942 *apud* GONÇALVES, 2007, p. 70):

> [...] como todas as línguas primitivas, o caingangue desconhece as distinções temporais nos verbos, pelo menos como o fazemos nas línguas mais evoluídas [...] O discurso caingangue obedece às arcaicas distinções do aspecto (a ação é caracterizada pelo seu desenvolvimento). Para isto, as partículas usadas que não passam de advérbios, mais ou menos, todavia se aproximam de certas diferenças temporais das nossas línguas modernas.

Frei Mansueto Barcatta de Val Floriana, em seu estudo sobre a gramática do Kaingáng na região do Tibagi (PR), afirma sobre o Tempo em Kaingáng:

> O Presente indica-se com a terminação '*mo*', o Imperfeito com as terminações '*ve*' e '*ja*' e os outros Passados com a terminação '*ke*'. O Futuro pode ser indicado com a mesma terminação para Presente '*mo*', ou com a partícula '*hána*'. Já o Futuro intencional, faz-se com o verbo '*ke, kémo'*. (VAL FLORIANA, 1918 *apud* GONÇALVES, 2007, p. 68)

Mansur Guérios (1942, p.128) observa que o Tempo Presente em Kaingáng pode ser expresso pela partícula "*mo" (já, agora),* como em "*ixóg koi mo" (eu como)* e "*ixóg krôd mo" (eu bebo).* Esclarece, contudo, que tal partícula, às vezes pronunciada *"mu"*, reflete uma ação que se realiza duradouramente, devendo essas sentenças ser traduzidas como "*eu estou comendo"* e *"eu estou bebendo"*.

Ao citar Val Floriana (1918), Mansur Guérios (1942 *apud* Gonçalves, 2007) nota, por outro lado, que o Imperfeito é marcado pela partícula *"vê"(ou wé)* como se verifica em (19), e pode ser seguido por *"ha" (agora),* como observamos em (20):

(19)	*I_xóg*	*pan*	*tãin_xór*	***wé***
	1SG_NOM	cobra	matar	IMPERF
	'Eu a cobra matar queria.'			(adaptado de Gonçalves, 2007, p. 72)

(20) *I_xóg* *wâipéiú* *tin* ***wé*** ***ha***

1SG_NOM fugir ir IMPERF agora

'Eu fugindo ia' ou 'Eu fugindo ia agora'[31] (adaptado de Gonçalves, 2007, p. 72)

Outra forma de se expressar Tempo, conforme Mansur Guérios (1942), é por meio de advérbios, como *húri*, *húro*, *hur*, *hul*, que, para a autora, indicam ação passada do verbo que modificam, podendo ser usados no Tempo Perfeito, como notado em (21):

(21) *I-j* *kokire* ***húru*** *hadn*

1SG-FUT comer já fazer

'Minha fome já se fez, isto é, não tenho mais fome.' (adaptado de Gonçalves, 2007, p. 72)

Wanda Hanke (1948 *apud* Gonçalves, 2007, p. 72), que estudou o Kaingáng de Santa Catarina e do Paraná, também foi uma das pioneiras a tratar de Tempo no Kaingáng. A autora afirma que o Kaingáng apresenta:

a) duas vozes (Ativa e Passiva)
b) três modos (Indicativo, Subjuntivo e Imperativo)
c) quatro Tempos (Presente, Pretérito-Perfeito e dois Futuros – Imediato e Distante)

Para ela, os Kaingáng quase sempre falam no Presente do Indicativo e fazem uso de alguns advérbios, como *ũri* (hoje, agora), *rãkétá* (antes, ontem), entre outros, para marcar o tempo.

[31] Notamos em vários os trabalhos lidos sobre a língua Kaingáng que os autores apresentam dificuldades para mostrar tanto a grafia do Kaingáng como a sua tradução para o português. O que também sentimos ao descrever o nosso *corpus* do Kaingáng paulista de Icatu, a ser mostrado posteriormente.

Wiesemann (1967, p. 43) faz remissão a determinados tipos de advérbios, aos quais denomina “palavras do Modo 1” e “palavras do Modo 2”. Para ela, embora não explicite com clareza esses tipos de palavras, a categoria tempo em Kaingáng se expressa por meio de unidades lexicais (*sòr, ja, ve*[32]*, tũ, vãnh*), conforme se pode observar em (22):

(22) *Fòm* ***ja*** *ti* *nĩ*

Abrir Modo 3SG.M ASP

‘Já acabou de abrir (ou Agora já está bem)’ (adaptado de Wiesemann, 1967, p. 43)

(23) *Fòm* ***ve*** *ti* *nĩ*

Abrir Modo 3SG.M ASP

‘Parece estar abrindo’ (adaptado de Wiesemann, 1967, p. 43)

(24) *Fòm* ***tũ*** *ti* *nĩ*

Abrir NEG 3SG.M ASP

‘Não está abrindo’ (adaptado de Wiesemann, 1967, p. 43)

De acordo com Wiesemann (1967, p.45), “as palavras do Modo 1 sempre se acham depois do predicado e refletem a atitude do agente da ação.” Já as palavras do Modo 2 “podem seguir o sujeito, o aspecto”, podendo se posicionar em muitos lugares da frase. São elas: *há (agora), sir (daí), gè (também), hỹn (provavelmente), nêji (disse que), hã (como o precedente), huri (já), ge (então pode), mỹr (por certo), pè/pi/pijè*[33] *(o sujeito não faz a ação),* como exemplificado em (25) e (26):

[32] Há a palavra “*vẽ*” que é própria para dar explicações; por isso, essa partícula é frequentemente usada em respostas de interrogativas totais. (WIESEMANN, 1967, p.17)

[33] Conforme Wiesemann (1967, p.45), a palavra *“pijè” (= ‘não é isto’)* se usa muito no dialeto do Sudoeste, em construções como *“isù pijè” (não é meu).*

(25) *Kã_nĩm* *inh* *mũ* ***ha***

Estar_dentro 1SG ASP agora

'Estou agora emendando'

(26) *Kỹ* *i-**sir*** *tĩ* *mũ*

então 1SG-daí ir ASP

'Então daí eu vou'

É importante esclarecer que há dificuldade em se distinguir Modo 1 e Modo 2, que são denominações dadas por Wiesemann (1967); não havendo clareza nas definições apresentadas pela autora. Para ela, a distinção está no fato de Modo 1 se referir à atitude do falante e o Modo 2 estar relacionado à posição, não aprofundando essa distinção.

Wiesamann (1974 *apud* Almeida, 2008) apresenta uma análise semântica da marcação temporal, mostrando que o tempo em Kaingáng pode se manifestar por meio de: (i) expressões temporais (como *"hoje"*, *"ontem"*, *"agora"*); (ii) unidades de tempo (como *"dia"*, *"noite"*, *"mês"*); (iii) partículas de aspecto.

Segundo Wiesemann (1974 apud Almeida, 2008, p. 78):

> os Kaingáng não tinham a preocupação em marcar os eventos no tempo (*time*); no entanto, em razão do domínio e contato com o português, surgiu a necessidade de marcação temporal. Assim, desenvolveram, por meio de empréstimos de termos da língua portuguesa, e mesmo pela fusão de algumas palavras da língua, termos novos para expressar o tempo com precisão[34].

A influência do português provocou um impacto na língua, que pode ser observado não só no empréstimo de palavras como também na mudança da dimensão temporal da língua

[34] *Before contact with Brazilian culture the Kaingáng Indians do not seem to have been concerned with accurately placing events in time. History was not one of their interests. This is reflected in the semantic structure of the various time expressions where the main distinction is that of past-present-future.* (WIESEMANN, 1974 *apud* ALMEIDA, 2008, p. 78)

e no modo de pensar dos índios [35]. Além de expressões relacionadas à atitude do falante (Modo 1 e 2), o Kaingáng refere-se a Tempo com marcadores de Imperativo – como *rỹ (faça isso agora) e –mnĩ (faça isso em qualquer hora)* e também no próprio verbo, como se nota no quadro 04:

VERBO EM PORTUGUÊS	**TEMPO EM KAINGÁNG**			
IR	Presente Singular	Presente Plural	Passado Singular	Passado Plural
	tĩ(g)	mũ	*vyr*	*kagáv*

QUADRO 04: Tempo em Kaingáng

Fonte: Wiesemann (1974 *apud* Almeida, 2008, p. 82)

Wiesemann (1971, p. 269) afirma ainda que, em Kaingáng:

> Os verbos têm, principalmente, função predicativa, mas, como parte de construções possessivas, podem funcionar tal qual um substantivo. Podem combinar com muitos indicadores de aspecto e de modo. Podem, também, combinar com certos indicadores de circunstância na preposição, acompanhados por uma mudança de sentido. Neste caso, eles perdem a distinção entre transitivos e intransitivos.

A autora apresenta combinações de verbos com indicadores de circunstâncias, como *nĩm (dar, pôr)* e *kri nĩm (crer, obedecer).* Há ainda vários verbos com formas alternantes, que podem ocorrer em vários ambientes:

a) kò ~ ko (comer)

b) vè ~ ve ~ vèg (ver)

c) fã~ fa ~ fãn ~ fãg (quebrar milho)

[35] *[...] the influence of Portuguese is making an impact on the language. This can be seen not only in isolated loan words, but slowly changing the time dimension of the language and the thinking of the Indians.* (WIESEMANN, idem, p. 79)

Gonçalves (2009a), por outro lado, ao tratar dos verbos na língua Kaingáng, afirma que eles têm uma forma básica sem flexão. Com base em Wiesemann (1974 apud Gonçalves 2007), também observa que alguns verbos apresentam uma forma própria para designar Tempo Passado, como *'vyr'* (forma do Passado de "*ir*") e *'vej'* (forma do Futuro de "*ver*" – "*vai ver*"):

(27) *Rãkétá* *ta*[36] ***vyr***

Ontem NOM ir.PASS

'Ele foi ontem.' (adaptado de Gonçalves, 2009a, p. 253)

Gonçalves (2009a) mostra ainda construções temporais realizadas por meio de adjuntos adverbiais, ou seja, por meios lexicais, que estão relacionados ao Momento da Fala (doravante MF), concluindo que pode haver uma relação de:

a) Simultaneidade ao MF:

(28) ***Ũri*** *rã* *ta* *rỹjgy* *tavĩ* *na*

Hoje sol NOM muito_quente bastante ENF

'Hoje o sol está muito quente.' (adaptado Gonçalves, 2009a, p.254)

b) Anterioridade ao MF:

(29) ***Rãkétá*** *kysãg* *ki* *ta* *ta* *kutẽ* *nỹ* *nĩ*

Ontem cedo em chuva NOM cair MP ASP

'Ontem de manhã estava chovendo.' (adaptado Gonçalves, 2009a, p.254)

[36] Em seu artigo,Gonçalves (2009a) detalha, na glosa, que a marca de sujeito "*ta*" se refere à 3ª. pessoa:
... kãn ta ...

c) Posterioridade ao MF:

(30) ***Vajkỹ*** *inh* *rẽgró* *krãn* *rãj*

Amanhã 1SG feijão plantar começar

'Amanhã eu vou plantar meu feijão.' (adaptado Gonçalves, 2009a, p.255)

Segundo Gonçalves (idem), as unidades lexicais "*rãkétá" (ontem) e "ã hã" (recente)* permitem distinguir um Passado Recente, enquanto o uso de *"vãsy" (antigamente)* permite exprimir um Passado Remoto ou Antigo, como podemos observar, respectivamente, em (31) e (32):

(31) *Ti* *serviço* *kãn* *ta* ***ã_hã***

3SG.M serviço acabar NOM **recentemente**

'Ele terminou o serviço dele recentemente.' (adaptado Gonçalves, 2009a, p.254)

(32) ***Vãsy*** *inh* *sóg* *jẽsĩ* *kar* *jyjy* *kĩgra* *nĩg_nĩ*[37] *vẽ*

Antigamente 1SG NOM passarinho todos nomes conhecer ASP_ASP MOD

'Antigamente eu sabia o nome de muitos passarinhos...' (adaptado Gonçalves, 2009a, p.255)

Em (31), o Tempo não se refere ao Momento da fala, mas sim do evento. Em (32), o evento é anterior ao Momento da Fala, referindo-se indeterminadamente ao passado. Desse modo, não é possível precisar o momento exato em que o evento se realiza.

Há também, no Kaingáng, representações gramaticais do Tempo. De acordo com Gonçalves (2009a, p.255), a categoria gramatical de Tempo "ocupa-se prioritariamente de indicar 'anterioridade' ou 'posterioridade' em relação ao Momento de Referência [...], na utilização dos adjuntos *hur e ha* [...]", como observamos em (33):

[37] Reduplicação para indicar a categoria Aspecto.

(33) *Inh* *panh* *ta* *jun* ***hur***

1SG pai NOM chegar **agora.PAS**

‘Meu pai (já) chegou.’ (adaptado Gonçalves, 2009a, p.255)

Outra indicação gramatical é a de Tempo Futuro, ou seja, relação de posterioridade ao Momento de Fala, que se realiza pelas marcas *“kej” e “ke”*:

(34) *Inh* *mỹnh* *fi* *ta* *krẽ* *vẽne* ***kej*** *tĩg*

1SG mãe F NOM balaio vender **FUT** andar

‘Minha mãe vai vender o artesanato (o balaio).’ (adaptado Gonçalves, 2009a, p.256)

Desse modo, Gonçalves (2009a) considera que a categoria Tempo no Kaingáng não se orienta, prioritariamente, pela indicação Presente, Passado e Futuro em relação ao Momento da Fala (MF), mas à anterioridade e à posterioridade do evento quanto ao Momento de Referência (MR), podendo também ser igual ao MF.

Já em Gonçalves (2009b), a autora ressalta que o Tempo na língua Kaingáng pode ser codificado por meio de marcas gramaticais, unidades lexicais e pelo contexto, como demonstra o quadro 05:

TEMPO	MARCAS	EXPRESSÕES de USO
PRESENTE	Lexicais	*ũri (hoje), ha (agora)*
	contextual, sem marca	---
PASSADO	gramaticais	*vyr (passado do verbo "ir"* *ké (passado do verbo "dizer")*
	lexicais	*vãsỹ (antigamente)* *kurã ãn ka (naquele tempo)*
	contextual, sem marca	*Interpretação default dos enunciados*
FUTURO	gramaticais	Marca morfológica [j]: *koj (para comermos), mũj (sairão)* Partículas de Futuro: *kej, ke, jé*
	lexicais	*ũri (hoje – o falante transmite ao ouvinte que o evento se realizará no futuro: "mais tarde", "nesta noite"* *vajkỹ - amanhã*

QUADRO 05: Categoria Tempo no Kaingáng do Sul

Fonte: adaptado de Gonçalves (2009b)

Devemos observar que os estudos introdutórios de Wiesemann (1967) são bastante pioneiros na descrição do Kaingáng; contudo, carecem de um embasamento teórico mais adequado. Assim, nessa pesquisa, adotaremos os estudos de Gonçalves (2009a e 2009b) que apresentam um embasamento teórico mais descritivamente adequado para tratar da categoria Tempo no Kaingáng. Como Gonçalves, consideramos que o Tempo nessa língua refere-se à anterioridade e à posterioridade do Momento da Fala, podendo ser codificado com diversas marcas lexicais, gramaticais ou pelo contexto, conforme se nota no quadro 05.

3.3.2.2 Aspecto:

Ao refletir sobre os principais aspectos da gramática da língua Kaingáng, D´Angelis (2005, p.5) nos apresenta uma definição referente à categoria Aspecto, que tomamos como ponto inicial para tratarmos dessa categoria:

> Em Kaingáng há palavras especiais que são usadas para indicar o aspecto de uma ação. Dizemos aspecto para coisas como: um tipo de ação que acontece sempre ou é habitual; um tipo de ação que está 'em andamento' e não está acabada ainda; uma ação que já se completou no passado; uma ação que está para acontecer imediatamente; etc. As marcas de aspecto, no Kaingáng, aparecem no final da oração.

Notamos que o Aspecto é uma categoria de grande relevância na língua Kaingáng. Em seu trabalho introdutório sobre a língua Kaingáng, Wiesemann (1967, p.15) tece comentários quanto aos usos dos indicadores aspectuais *"nĩ" e tĩ":*

> *Nĩ* é um aspecto, indicando a posição de ser. Neste tipo de frase *nĩ* pode ser substituído por *tĩ* 'aspecto habitual': *nug ga sòg tĩ (sempre estou com bichas).* É a mesma palavra como em *kejẽn sòg fòn tĩ (às vezes eu perco habitualmente)* [...]. Uma coisa bastante difícil é a homofonia que se encontra abundantemente em Kaingáng. *Nĩ* '*posição de ser*' é homófono com o verbo *nĩ* '*sentar*' e *tĩ* '*andar, singular*', de modo que, às vezes, é difícil saber se, numa frase particular, *nĩ* ou *tĩ* é verbo ou aspecto, o que faz uma diferença no sentido.

Posteriormente, a autora trata dos 'indicadores de Aspecto', dizendo que tais indicadores podem seguir verbos, descritivos ou substantivos, em função predicativa. Também afirma que "podem ser precedidos de indicadores de modo e pronome sujeito", mostrando que "a ordem na locução predicativa pode ser: predicado – modo – pronome - sujeito – aspecto (opinião)". (WIESEMANN, 1971, p. 286)

Em seu estudo lexicográfico de 2002, a autora reforça que determinados indicadores aspectuais são homófonos, podendo trazer certa dificuldade para análise gramatical da língua Kaingáng. “Os indicadores de aspecto terminam a oração, mas podem ser seguidos por certos indicadores de opinião. Muitos indicadores de aspecto são homófonos com verbos, dificultando a análise”. (WIESEMANN, 2002, p. 156)

Para Wiesemann (1971, 2002), os marcadores de Aspecto podem se agrupar de três maneiras:

1. Seguindo verbos e um grupo de indicadores de Modo:
    - verbo “*ir*” (*tĩ* – sing./ *mũ* – pl.) como ‘durativo, ou seja, ação em progresso’;
    - as ocorrência *nĩ/mnĩ*[38] *(faça em qualquer tempo)* em orações imperativas;
    - o aspecto *rỹ (faça agora)* somente em sentenças Imperativas.

2. Seguindo verbos, descritivos ou substantivos:
    - *ta˜tĩ ha (desde agora)*
    - *tẽ˜tĩ vẽ (até agora)*
    - *tĩ (indo – no sing.)*
    - *tĩ (habitualmente)*
    - *vyr (foi, tem ido)*
    - *vẽ (é)*
    - *jẽ (em pé)*
    - *kãmũ (chegando – no pl.)*
    - *mũ (indo – no sing.)*
    - *nĩ (sentado – no sing.; na situação de)*
    - *nỹ (deitado – no sing.)*
    - *nỹgtĩ˜nãtĩ (na posição de)*

[38] A forma *mnĩ* , conforme Wiesemann (1967), vem depois de palavras terminadas em vogal, como em: *‘vẽsogjo- mnĩ’ (faz isto algum tempo, mas não é preciso fazê-lo agora)*

3. Combinando formas alternantes[39]:

- *mũ (durativo)* formando *'tĩmũ'* (indo habitualmente)
- *nẽ (é)* formando *'tĩnẽ' (indo mesmo)*
- *nĩ (na situação de)* formando *'tĩnĩ' (na situação de ir)*
- *rỹ (ênfase)* formando *'tĩrỹ' (sempre mesmo ou indo mesmo)*
- *tĩ (habitualmente)* formando *'tĩgtĩ' (indo sempre ou sempre sempre)*
- *vẽ (era)* formando *'tĩvẽ' (era para ser ou era para ir)*

De acordo com Wiesemann, a língua Kaingáng apresenta, portanto, em sua estrutura gramatical: (i) marcadores de Sujeito; (ii) marcadores de Circunstâncias; (iii) marcadores de Aspecto; (iv) marcadores de Opinião; (v) marcadores de Modo. Os marcadores de Opinião, segundo Wiesemann (1971, p. 288), "podem ocorrer em várias posições, dentro da oração", e são:

- *ge (então)*
- *gè (também)*
- *ha (agora)*
- *hã (igual a, parecido com)*
- *hẽ (não faça!)*
- *hẽ' (não faça de jeito nenhum!)*
- *huri/hur (já)*
- *hỹn (provavelmente, aonde?)*
- *ke/ ke' (ênfase)*
- *ker (não deixe acontecer)*
- *kur (Ligeiro! Depressa!)*
- *mỹr (verdade, é certo)*
- *nẽji/ji (disse que)*
- *-nh~Ø (intenção de fazer)*
- *pijè (de jeito nenhum)*
- *sir (então, daí)*

[39] De acordo com Wiesemann (1971, p. 287), "as formas alternantes variam livremente [...], podem combinar com outras formando uma só palavra". Exemplo: *'tĩ' + 'mũ' = 'tĩmũ' (indo habitualmente).*

Segundo Wiesemann (1971, p. 289), o marcador de opinião *–nh* "segue os verbos e algumas vezes os indicadores de aspecto, para indicar intenção", conforme exemplificado pela autora:

(35) *Sỹn* ***ve-nh*** *ke*

1SG ver-MO FUT

'Eu vou ver' (adaptado de Wiesemann, 1971, p.289)

Wiesemann (1971 *apud* Gonçalves, 2007, p. 81) trata esses marcadores de Opinião como 'indicadores de Modo', subdividindo-os conforme seu 'tagmema'[40]. Não adotaremos essa subdivisão de Wiesemann (1972), pois nos parece que os marcadores de Opinião referem-se à categoria Modo, que será estudado na seção referente a essa categoria.

Outro fator interessante quanto ao Aspecto no Kaingáng, segundo D´Angelis (2002, p.79), é que "a importante oposição entre ação singular x múltipla ou repetida pode ser expressa em outros termos da oração, mais precisamente, em marcas de Aspecto", como se observa na repetição de *nĩ* no seguinte exemplo adaptado do autor:

(36) *Rỹkéta* *i_xa*[41] *kẽj* *han* ***nĩ*** ***nĩ***

Ontem 1SG_NOM cesto fazer **ASP** **ASP**

'Ontem eu estava fazendo cesto.' (adaptado D´Angelis, 2002, p.79)

[40]De acordo com Wiesemann (1972 apud Gonçalves, 2007, p. 79), tagmema refere-se a uma "unidade correlativa constituída de uma função sintática e do paradigma de substituição relacionado a essa função". Também Crystal (1997) afirma que o tagmema consite na correlação função/ forma.

[41] De acordo com D´Angelis (2002, p.79), "*ixa*" corresponde a uma "forma contrata, lexicalizada, da combinação *inh* (1ª.pes.sing.) + *ta* (marca de Nominativo)."

Wiesemann (2002 *apud* Gonçalves, 2007, p.85) apresenta uma lista de 'indicadores de Aspecto', relacionando Aspecto (Perfectivo/Imperfectivo) e Modo (*Realis/Irrealis*), alguns destacados no quadro abaixo:

MARCAS DE ASPECTO	TIPO DE ASPECTO	MODO
jẽ *(em pé)*	PERFECTIVO	*REALIS*
jẽgtĩ *(habitualmente em pé)*	PERFECTIVO	*REALIS*
mũ *(fazendo)*	PERFECTIVO	*REALIS*
nĩ *(sentado, na situação de)*	PERFECTIVO	*REALIS*
nĩgtĩ *(habitualmente na situação)*	PERFECTIVO	*REALIS*
tĩ *(tendo ido – sing. - ou habitualmente)*	PERFECTIVO	*REALIS*
tĩgtĩ *(habitualmente, sempre)*	PERFECTIVO	*REALIS*

QUADRO 06: Aspectos Perfectivos do Kaingáng concomitante ao modo *Realis*

Fonte: adaptado de Gonçalves (2007, p. 85)

Conforme Wiesemann (2002), em Kaingáng, quando se junta *vẽ* ao ‘indicador de aspecto’, indica-se o *Irrealis*, como mostra o quadro 07:

MARCAS DE ASPECTO	TIPO DE ASPECTO	MODO
jẽ vẽ *(era para estar em pé, mas não foi)*	PERFECTIVO	*IRREALIS*
mũ vẽ *(era para fazer, mas não fez)*	PERFECTIVO	*IRREALIS*
nĩ vẽ *(era para ser, mas não foi)*	PERFECTIVO	*IRREALIS*
tĩ vẽ *(era para ser habitualmente, mas não foi)*	PERFECTIVO	*IRREALIS*

QUADRO 07: Aspectos Perfectivos do Kaingáng concomitante ao modo *Irrealis*
Fonte: adaptado de Gonçalves (2007, p. 85)

O Aspecto Imperfectivo, segundo Wiesemann (2002) é usado principalmente em construções ergativo-absolutivas, em que a forma *Realis* combinada com a marca “*vẽ*” se torna *Irrealis*, como se nota no quadro 08:

MARCAS DE ASPECTO	TIPO DE ASPECTO	MODO
mỹ vó *(É, não é?)*	IMPERFECTIVO	*IRREALIS*
mỹ *(Será que é?)*	IMPERFECTIVO	*IRREALIS*
vẽgtĩ *(habitualmente é)*	IMPERFECTIVO	*IRREALIS*
vẽ *(é definitivamente – construções ergativas)*	IMPERFECTIVO	*IRREALIS*

QUADRO 08: Aspectos Imperfectivos do Kaingáng concomitante ao modo *Irrealis*

Fonte: adaptado de Gonçalves (2007, p. 86)

Gonçalves (2007, p. 177) afirma que "a língua Kaingáng faz distinção aspectual entre Perfectividade e Imperfectividade". A Perfectividade, para a autora, é uma perspectiva que apresenta o evento, levando em conta o seu ponto final ou ainda a perspectiva da sua conclusão. Assim, para ela, os marcadores de Aspecto que apontam "perspectivas Perfectivas" no Kaingáng do Sul são:

a) ***Mũ:*** expressa posterioridade ao Momento da Fala (MF) e tem perspectiva voltada ao final do evento.

(37) *Rãkétá* *tóg*[42] *tĩ* ***mũ***

Ontem NOM ir **ASP**

'Ele foi ontem.' (adaptado Gonçalves, 2007, p.140)

b) ***Ja*:** ocorre em evento já estabelecido ou encerrado num momento anterior.

(38) *Ka* *ta* *ti* *jo* *vẽnhvó* ***ja*** *ser*

Então NOM 3SG.M na_frente correr **ASP** assim

'Então (ele) correu na frente dele.' (adaptado Gonçalves, 2007, p.156)

c) ***Ma*:** tem ocorrência especial, sendo usado principalmente quando o Momento de Referência (MR) é posterior ao Momento da Fala (MF); muitas vezes, "*ma*" co-ocorre com uma marca de Tempo Futuro.

(39) *Vajkỹ* *ta* *kutẽm* *mãg* *ha* ***ma***

Amanhã chuva cair grande fazer **ASP**

'Amanhã vai chover bastante.' (adaptado Gonçalves, 2007, p.161)

(40) *Vajkỹ* *ja* *inh* *rãnhrãj* *tag* *ta* *tũ* ***kej*** ***ma***

Amanhã ASP 1SG trabalho este NOM terminado **FUT** **ASP**

'Amanhã este meu trabalho (já) vai estar terminado.' (adaptado Gonçalves, op.cit.)

Já a Imperfectividade, de acordo com Gonçalves (2009b, p.885), "apresenta o evento inconcluso ou não considerando a perspectiva de conclusão ou seu ponto final". Para Gonçalves (2007, p.177), o marcador de Aspecto Imperfectivo mais recorrente no Kaingáng do Sul é *tĩ*, que ocorre, sobretudo, em construções que indicam 'habitualidade'.

[42] Gonçalves (2007, p. 140), em sua glosa, refere-se a "*tóg*" da seguinte maneira: '*tóg*' = (1p) + ms. Ou seja, além da marca de Nominativo, subentende-se a marca de 1ª. pessoa.

Gonçalves (2007, p. 164) também esclarece que ‘habitual’ não deve ser confundido com ‘iteratividade’, mas que deve ser entendido “como a ocorrência repetida de um evento durante certo período de tempo, sendo que essa repetição é tomada como uma característica inerente desse período de tempo”, como se nota em (41) e (42):

(41) *Kyrũ vỹ prỹg kar mĩ ti panh mỹ ẽpã han* ***tĩ***

rapaz NOM ano todo em 3SG.M pai para roça fazer **ASP**

‘O rapaz fazia roça para o pai dele todos os anos.’ (adaptado Gonçalves, 2007, p.164)

(42) *Ẽg krẽ ta merenda ko* ***tĩ*** *escola ki*

1PL filho NOM merenda comer **ASP** escola em

‘Nossos filhos comem a merenda na escola.’ (adaptado Gonçalves, 2007, p.165)

Em seu recente trabalho sobre o Aspecto em contexto discursivo no Kaingáng, Gonçalves (2010a, p. 251) afirma que o marcador de Aspecto *tĩ* evidencia a escolha do falante, “ao apresentar uma informação, em uma perspectiva Imperfectiva Habitual”, mas que “esta função atribuída a esse marcador aspectual pode não ser a única”, como se nota no exemplo que segue:

(43) *Kỹ ser genho ta ser, kusã_ki ser inh panh ta*

Então assim engenho NOM assim de_manhã_cedo assim 1SG pai NOM

genho ãn to ser monh vin ***tĩ-j***

engenho DEM em direção assim boi colocar **HAB-FUT**

‘Então o engenho, de manhã, meu pai colocava os boi no engenho, lembro um pouquinho’.

(adaptado de Gonçalves, 2010a, p. 255)

Na sentença (43), Gonçalves (2010a, p. 255) mostra que, "apesar do Aspecto ***tĩ*** estar marcado morfologicamente por *j* (indicação de Tempo Futuro) – ***tĩj*** – ainda se mantém a idéia de habitualidade."

Outro conjunto de marcadores de Aspecto, conforme Gonçalves (2007), ocorre tanto em construções com perspectivas de Perfectividade como de Imperfectividade, são eles:

a) ***Nĩ:*** "utilizado para eventos durativos, estativos, não-permanentes e em eventos não-durativos transformativos"

(43) *Inh mén vỹ kyjo* ***nĩ***[43]
1SG marido NOM magro **ASP**
'Meu marido está magro.' (adaptado Gonçalves, 2007, p.170)

b) ***Jẽ e Nỹ:*** "ocorrem em situações passíveis de mudança"

(44) *Inh ve ẽgno fi ta mén tũ* ***jẽ***
1SG irmã caçula F NOM marido sem **ASP**
'Minha irmã mais nova é solteira.' (adaptado Gonçalves, 2007, p.174)

(45) *Kanhkã tóg krĩg nỹ*
Céu NOM estrela ASP
'O céu está estrelado.' (adaptado Gonçalves, 2007, p.175)

Notamos, assim, que a categoria Aspecto na língua Kaingáng é, portanto, "uma categoria gramatical para definir a função desempenhada por um conjunto de partículas oracionais que ocupam posição na oração com frequência, imediatamente depois do verbo". No caso dos marcadores de Aspecto com origem verbal são "dessemantizados", ou seja, "têm

[43] Gonçalves (2007, p.170) esclarece que "o predicado 'ser magro' diz respeito a um processo durativo, não resultativo, estativo". Pelo fato de ser não-permanente, é passível de mudança.

seu conteúdo semântico reduzido a um conceito abstrato, para cumprir aquela função" na sentença. (GONÇALVES, 2010a, p. 249)

Desse modo, para tratar o Aspecto em nossa análise, adotaremos: (i) os pressupostos teóricos de D´Angelis (2002a, 2005), em que mostra que a oposição entre ação singular x múltipla ou repetida pode ser expressa com marcas de Aspecto, como por exemplo a repetição de *nĩ* , e, respectivamente, a definição de aspecto em que o autor destaca que as marcas de aspecto, no Kaingáng, aparecem no final da oração; (ii) a descrição dada por Gonçalves (2007) que, como Wiesemann (1971), considera que a categoria Aspecto em Kaingáng subdivide-se em Aspecto Perfectivo e Aspecto Imperfectivo; (iii) e Gonçalves (2009b e 2010a), que apresenta distinções semânticas das marcas de Aspecto, como o Aspecto de habitualidade *tĩ*.

3.3.2.3 Modo:

A categoria Modo, como já visto, realiza-se pela flexão do verbo ou pela sua modificação por meio de auxiliares; logo, é uma categoria linguística que, gramaticalmente, marca a atitude do falante em relação ao *status* factual do que se está dizendo. (LYONS, 1979)

Para Wiesemann (2002 *apud* Gonçalves, 2007, p.87), "os indicadores de Modo modificam tanto verbos quanto substantivos, seguindo-os", como se vê a seguir:

1) Marcadores de Modo que seguem verbos: *e (muito), kren (quase), rén (por último), sór (querer), vãnh (não querer), kónãn (estragando), tãvĩn (foco assertivo)*
2) Marcadores de Modo que seguem substantivos: *gy (difícil), já (terminado), jãvãnh (não saber), mé (gostar), pẽ (verdadeiro, foco assertivo), tũ (não), vê (aparecer como)*

Numa perspectiva mais ampla de Modo, em que se consideram operações linguísticas sobre conteúdos proposicionais com consequências interpessoais, Ilari e Basso (2004 *apud* Gonçalves, 2007, p. 114) consideram três domínios semântico-pragmáticos que atuam no Modo Verbal:

> a) Quando nos damos conta da possibilidade de passar do mundo real para um ou mais mundos possíveis, por hipótese, diferentes dele;
> b) Quando marcamos diferentes graus de adesão à verdade de um conteúdo proposicional;
> c) Quando consideramos as ações que realizamos linguisticamente sobre um conteúdo proposicional.

Gonçalves (2007), ao tratar do Aspecto no Kaingáng, aborda também as categorias Tempo e Modo. Para a autora (op. cit., p. 138), a expressão Modal em Kaingáng "evidencia o grau de 'verdade', certeza ou fidedignidade" de que se serve o falante no momento do enunciado, fazendo uso de marcadores de Modo e de expressões de modalidade. Segundo ela, os marcadores de Modo que mais ocorrem no Kaingáng do Sul (RS e SC) são:

a) ***Ra***[44]: em construções condicionais ou hipotéticas.

(46) *Kurã rẽgre ti kaga nĩ* ***ra*** *ser*

dia dois 3SG.M doente ASP **MOD** então

'Ele estava (esteve) doente dois dias.' (adaptado Gonçalves, 2007, p.121)

[44] Gonçalves (2007, p.199) nos alerta que a função de Modo não pode ser confundida com a conjunção '*ra*' (quando, mas). "Também não se confunde '*ra*' posposição com sentido de 'para', 'em direção a'." Vejamos uma dessas ocorrências no exemplo dado pela autora:

Ex.: *Kyrũ ta tĩ ra kasor vỹ ti to kyr mũ.*
Rapaz ms v.ir quando cachorro MS 3p para v.latir ASP
'Quando o rapaz estava passando o cachorro latiu para ele'.

b) ***Pẽ***: dá ao enunciado um caráter de crença ou certeza.

(48)

Inh	*vo*	*vỹ*	*ta*[45]	*Ligeiro*	*ta*	*ke*	***pẽ***	*nĩ*
1SG	avô	NOM	(3SG)NOM	Ligeiro	lá	fazer	**MOD**	ASP

'Meu avô, ele é lá de Ligeiro.' (adaptado Gonçalves, 2007, p.122)

c) **Hẽnỹ e Vẽnhver:** indicam que o falante faz uma avaliação sobre o grau de certeza da proposição, dando uma opinião (optativo).

(49)

Inh	*titio*	*ta*	*kanẽ*	*pir*	*nĩ*	*kanẽ*	*kaga*	***hẽnỹ***	*tó*
1SG	tio	NOM	olho	um	ASP	olho	doença	**MOD**	dizer

'Acho que é por causa da (pela) doença que ele só tem um olho.'

(50)

Londrina	*ta*	*sĩnvĩ*	*tavĩ*	*nĩn*	*vẽnhver*
Londrina	NOM	bonita	muito	ASP	**MOD**

'Londrina é (uma cidade) muito bonita!' (adaptado Gonçalves, 2007, p.124)

d) *Na:* atua como um enfático e tem função de 'confirmação' da asserção.

(51)

Ũri	*rã*	*ta*	*rỹjgy*	*tavĩ*	*na*
Hoje	sol	NOM	muito_quente	bastante	**MOD**

'Hoje o sol está muito quente mesmo!' (adaptado Gonçalves, 2007, p.125)

e) ***Vẽ***[46]*:* empregada em diferentes situações no Kaingáng do Sul e em diferentes tipos de orações (simples, períodos compostos, condicionais), parecendo ser mais um 'evidencial'. Sobre a significação do marcador *vẽ*, D´Angelis (*apud* GONÇALVES, 2007, p. 131), em comunicação pessoal, esclarece:

[45] Em sua glosa original, Gonçalves (2007, p.122) apresenta o marcador "*ta*" dessa maneira*: ta = (3p) + ms*. Podemos subentender que essa marca se refere ao Nominativo e a uma terceira pessoa, que não vem explícita nesse tipo de construção.

[46] De acordo com Wiesemann (2002 *apud* GONÇALVES, 2007, p.85), "juntando-se '*vẽ*' ao 'indicador de aspecto' as formas são transformadas em *Irrealis*", como *tĩ vẽ* (*era para ser habitualmente, mas não foi*) que indica Aspecto Perfectivo e Modo *Irrealis*).

> i) quando alguém pergunta pelo dono de um objeto (digamos, um caderno sem identificação sobre uma mesa da sala), o dono, estando perto, diria: '*isũ vẽ'* (= *inh* + *tũ vẽ*). Esse '*tũ*' que aparece aí não é de negação, ao contrário, significa mesmo 'proprietário'. Então, a tradução da frase é, simplesmente: "É meu". Ou, se apontar para uma terceira pessoa, pode-se dizer: "*Fi tũ vẽ*" = "É dela".
> ii) o mesmo uso aparece se você aponta um objeto (digamos, uma cuia) e pergunta algo como: "o que é isso". A resposta será: "*Rudnja vẽ*".

Gonçalves (2007, p. 131) acrescenta que "as traduções levam a crer que, da participação de '*vẽ*' resultam sentidos diferentes, dependendo da estrutura do período do qual participa, mas sugerem, numa primeira análise, que está sendo utilizado como um 'Marcador de Modo'."

(52) Em Oração simples:

Inh	*titio*	*ta*	*ti*	*kanẽ*	*tũn*	***vẽ***
1SG	tio	NOM	3SG.M	olho	ter	**MOD**

'Meu tio é cego (não tem um olho).' (adaptado Gonçalves, 2007, p.132)

(53)

Fóg	*ag*	*pã´i_mág*	***vẽ***
Branco	3PL.M	cacique	**MOD**

'É um cacique para eles (para os brancos)' (adaptado Gonçalves, 2007, p.133)

(54) Em Período Composto:

Inh	*panh*	*vỹ*	*mỹg*	*pẽfỹn*	*vyr*	***vẽ***	*harã*	*ta*	*ta*	*kutã*
1SG	pai	NOM	mel	furar	ir.PAS	**MOD**	mas	chuva	NOM	cair

'Meu pai foi 'buscar' mel (no mato), mas choveu.' (adaptado Gonçalves, 2007, p.136)

(55) Oração Condicional:

Sa	*ta*	*guarani*		*nĩn*	*ra*		
1SG	NOM	guarani		ASP	MOD		
sa	*guarani*		*ag*	*mré*	*nĩ-j*	*mũ*	*vẽ*
1SG	guarani		3PL.M	junto	ASP-FUT	ASP	**MOD**

'Seu eu fosse guarani eu ficaria junto com eles' (adaptado Gonçalves, 2007, p.137)

De acordo com Gonçalves (2009b, p.885), não se tem como "afirmar de forma categórica se na língua Kaingáng os marcadores de evidencialidade também exercem alguma função modal ou de modalidade". A autora adota o conceito de Evidencialidade de Aikhenvald (2004, 2006), e observa que, em muitas línguas, o modo "*Irrealis* e marcadores de modalidade hipotética podem ocorrer conjuntamente com evidenciais", sendo, no entanto, distintas essas categorias.

Gonçalves (2009b) salienta ainda que não é muito clara a distinção entre as categorias Tempo, Aspecto e Modo em Kaingáng, necessitando de outras informações sobre os marcadores dessas categorias, que podem exibir mais de uma função semântica.

A partícula *vẽ*, por exemplo, pode apresentar um valor "adversativo", como em: *ta ne kutẽ sór nỹ nĩ vẽ - 'estava querendo chover (mas não choveu)'*. (GONÇALVES, 2007; GONÇALVES, 2009b, p. 890)

Gonçalves (2009b) afirma que o Kaingáng não apresenta um sistema complexo de evidencialidade, mas faz constantes usos de partículas evidenciais, que se referem à fonte de informação. As formas mais recorrentes de evidenciais no Kaingáng do Sul são*: jétóg, jetá, jetỹ, jê, itóg* que são traduzidos por *'diz'* ou *'dizem que'*, conforme se pode observar no seguinte texto:

Padre	*ji-ta*	*ag*	*kirĩr*	*nỹg_tĩ*	*jitóg,*				
Padre	nome-(3SG)NOM	3PL.M	cuidar	*Realis*_ASP	diz_que				
‘Diz que havia um padre entre eles’									
padre	*ag*	*tỹ*	*ẽn*	*ta*	*ag*	*kirĩr*	*nỹ_tĩg*	*tĩ*	*jitóg,*
padre	3PL.M	NOM	1PL	NOM	3PL.M	cuidar	*Realis*_ASP	ASP	diz_que
‘(diz que) havia alguns padres cuidando deles’									
padre	*tỹ*	*hẽnrike ag*							
padre	NOM	vários	3PL						
‘vários padres’									
(adaptado de Gonçalves, 2009b, p.890)									

De acordo com Gonçalves (2007), há ainda, no Kaingáng do Sul, as expressões de modalidade *kamã, fã* e *mỹ,* que ocorrem em atos de fala:

a) *Kamã*: refere-se a ‘algo que acontece sempre, algo costumeiro, habitual’.

(56)

Inh	*panh*	*ta*	*kusã*	*ki*	*ĩn*	*jun*	*kamã*	*nĩg*
1SG	pai	NOM	cedo	em	casa	chegar	**costumeiramente**	ASP

‘Meu pai sempre chegava cedo em casa’ (adaptado Gonçalves, 2007, p.128)

b) *Fã*: denota algo que se costuma fazer ou ‘faz sempre’; aparece com pouca frequência.

(57)

Inh	*vovo*	*vỹ*	*ta*	*ẽkrénh*	*fã*	*ja*	*nĩ*
1SG	avô	NOM	NOM	caçar	**faz sempre**	ASP	ASP

‘Meu avô foi (sempre) um bom caçador.’

c) *Mỹ*: tem o sentido de ‘gostar de’; também, no lugar de “*na*”, pode ser usado “*mỹ*”, atribuindo uma avaliação pessoal do falante, que pode não ser necessariamente compartilhada pelos demais.

(58)	*Ũri*	*rã*	*ta*	*rỹjgy*	*tavĩ*	*mỹ*
	Hoje	sol	NOM	muito_quente	bastante	**MOD**
	‘Hoje o sol está muito quente.’				(adaptado Gonçalves, 2007, p.130)	

Comparando-se com a sentença (51), já descrita, notamos que o aspecto de Modo é enfático em (51), enquanto não há uma avaliação individual do falante em (58):

(51)	*Ũri*	*rã*	*ta*	*rỹjgy*	*tavĩ*	*na*
	Hoje	sol	NOM	muito_quente	bastante	**MOD**
	‘Hoje o sol está muito quente (mesmo)!’				(adaptado Gonçalves, 2007, p.125)	

Gonçalves (2010b) considera que o Modo e a Modalidade na língua Kaingáng do Sul podem ser resumidos da seguinte forma:

a) *“Ra”* **como condicional hipotético:**

> Em português, pode ser glosado como ‘se’, “que tem função gramatical de conjunção, mas semanticamente expressa uma função modal em construções que apontam situações hipotéticas ou possíveis”, como visto anteriormente. (GONÇALVES, 2010b, p.01)

(52) *Sa* *anta* *ven* *ra* *ta* *inh* *mỹ* *sér* *tĩnh*

1SG.NOM anta ver **COND** NOM 1SG NOM feliz andar

‘Se eu visse uma anta eu andaria feliz.’ (adaptado Gonçalves, 2010b, p.01)

b) “*Ra*” como modalidade orientada:

Segundo Kókáj (2009 *apud* Gonçalves, 2010b, p.02), no Kaingáng do Sul, a “modalidade orientada para o falante tem no Imperativo” o seu exemplo mais comum, como notamos nos exemplos que seguem:

(53) (a) *Ke ra* (b) *Kyvãn ra*

‘Faça!’ ‘Desamarre!’ (adaptado Gonçalves, 2010b, p.02)

c) “*Vẽ*” como modalidade epistêmica:

Nessa modalidade, é atribuído “um grau de adesão do falante com a verdade expressa no momento da fala. [...] O morfema *vẽ* neste domínio é utilizado pelo falante como um assertivo”. (GONÇALVES, 2010b, p.3)

(54) *Kanhgág* *ag* *no* *tu* *vẽmen* *hã* *vẽ*

Kaingáng 3PL.M flecha em direção falar parecido **ASSERT**

‘Isso é o que falam sobre a flecha dos Kaingáng.’ (adaptado Gonçalves, 2010b, p.03)

Em nosso estudo, consideramos o Modo como uma categoria gramatical, conforme afirma Lyons (1979), que se realiza pela flexão do verbo ou pela sua modificação por meio de auxiliares. No caso do Kaingáng, essa marcação se dá por meio de auxiliares, segundo Gonçalves (2007, 2009b, 2010b), podendo apresentar expressões modais (como *kamã – costumeiramente, sempre, ter costume*), marcadores modais (como *vẽ - evidencial*) e, ainda, morfemas que, semanticamente, expressam uma função modal (como *ra – condicional hipotético*).

Em resumo, podemos constatar que o Kaingáng do Sul apresenta tanto marcadores gramaticais como marcadores lexicais para sinalizar categorias de TAM, podendo coexistirem em um mesmo enunciado. No entanto, os estudos sobre o TAM (Tempo-Aspecto-Modo) no Kaingáng ainda não apresentam uma descrição satisfatória. Quanto à ordem, o Kaingáng caracteriza-se como uma língua de ordem SOV, com a marca de Nominativo para o constituinte Sujeito.

CAPÍTULO 4

O KAINGÁNG PAULISTA

No presente capítulo, abordamos o contexto do dialeto paulista, conhecendo um pouco mais de sua ambiência e de seus aspectos linguísticos, sobretudo no que se refere à aldeia Icatu. Como diz Couto (2009, p.15), "língua é o como os membros de uma comunidade [...] comunicam entre si". Acreditamos também nessa perspectiva e, por isso, antes de passarmos à descrição do Kaingáng paulista, faz-se necessário conhecermos um pouco mais essa comunidade indígena, para, em seguida, tratarmos de aspectos relacionados à ordem e ao TAM no dialeto paulista.

Dessa forma, para essa seção, tomamos por base teórica os seguintes trabalhos de Cava (2004), Campos (2008), Silva (2009), Mantovanelli da Silva (2010), para tratarmos do ponto de vista histórico, cultural e linguístico da aldeia Icatu; e Cavalcanti (1987), D´Angelis (2000, 2002a, 2002b, 2004, 2005, 2008a), para mostramos os aspectos relacionados à sintaxe do Kaingáng paulista, em especial à ordem e ao aspecto nesse dialeto.

4.1 Aspectos da história e cultura dos Kaingáng paulistas

Em 2006, iniciamos o contato e a pesquisa na aldeia Icatu, que fica próxima à cidade de Braúna, no interior paulista. Tendo surgido em 1914, no início do século XX, são muitas as histórias de guerras dessa aldeia com os não-índios e com outros índios, como os Oti-Xavante, os Guarani, contadas pelos indígenas mais velhos.

A palavra "*Icatu*", na verdade, é de origem guarani (*inhacatu*) e significa "*o rio da esperança*" ou "*rio que corre*".

De acordo com Cava (2004, p. 36), há relatos de ataques na região do Vale do Paranapanema, reforçando que "esse grupo indígena foi vítima de uma chacina sistemática entre o final do século 19 e o começo do século 20".

> Inspetoria adquire uma área no lugar denominado Icatu, à margem da atual estrada de Penápolis para o Aguapeí, distante 4 léguas da Estrada de Ferro Noroeste [...].Devido ao desentendimento entre as diversas hordas Kaingáng estabelecidas em Icatu, uma facção dissidente obrigou a Inspetoria a organizar um segundo acampamento para eles. O novo posto foi fundado a 9 km do Rio Feio e recebeu o nome de Vanuíre. (MELATTI, 1976 *apud* CAVA, 2004, p.43)

Desse processo de aldeamento e tomada de terras indígenas, em razão da construção ambiciosa da Estrada de Ferro do Noroeste Paulista, surgiram desentendimentos no próprio grupo dos Kaingáng que permaneceram resistentes e vivos, ocasionando, assim, a dissidência e a formação de duas aldeias Kaingáng no Oeste Paulista: Icatu (1914) e Vanuíre (1918). Na Figura 05, observamos como era o domínio desse povo indígena:

FIGURA 07: Domínio Kaingáng no Estado de São Paulo no século XIX

Fonte: adaptado de Cava, 2004, p.21[47]

Posteriormente, por volta dos anos de 1945[48], os Terena – que pertencem à família linguística Aruák e habitavam principalmente o Estado do Mato Grosso de Sul - foram levados a viver em Icatu. Atualmente, há mais Terena que Kaingáng em Icatu e o chefe do Posto Indígena é Terena.

[47] A antropóloga Niminon Suzel Pinheiro (em comunicação pessoal) – que trata dos Kaingáng paulista de Icatu em sua dissertação *Etnohistória Kaingáng e seu contexto* - esclarece que este mapa foi elaborado, primeiramente, por Pierre Mombeig, renomado geógrafo francês e pesquisador da geografia brasileira, em seu livro *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo.* A nossa adaptação se refere, neste caso, à inserção da localização da aldeia Icatu no mapa retirado de Cava (2004).

[48] Cf. Campos (2008)

A convivência entre as duas culturas – Terena e Kaingáng – hoje é vista com naturalidade pelos índios Kaingáng. E isso se deve às uniões interétnicas que lá ocorrem:

> [...] Para quem tem pai e mãe Terena e Kaingáng, compreender as duas línguas e ouvir as tradições dos dois grupos pelos parentes mais velhos é natural, como conviver com primos e tios de etnias diferentes à de um dos genitores. (CAVA, 2004, p. 43)

A origem mitológica dos Kaingáng está relacionada às metades clânicas dos Kaingáng, que se referem aos pais ancestrais *Kamẽ* e *Kanhru*. No entanto, os descendentes de Kamẽ teriam traços compridos em sua pintura corporal; já os descendentes de Kanhru usariam círculos. (Cf. D´ANGELIS, 2008a)

A mitologia do povo Kaingáng é, geralmente, um elemento importante na vida social. O parentesco era organizado por essas metades exogâmicas, em que a ascendência paterna indicava a que metade pertenceria o seu filho. Assim, filhos de pais *Kamẽ* seriam também denominados *Kamẽ*, e vice-versa.

Os Kaingáng de Icatu apenas afirmam que essas metades servem para explicar a origem do mundo e da humanidade, não tendo influência no seu cotidiano atual, em razão da sua união com os Terena e até com não-índios. Mas observamos que ainda conservam essas referências mitológicas nos desenhos de seus artesanatos e na sua nomeação indígena. Por exemplo, um dos professores participantes de nossa pesquisa afirmou que seu nome indígena é *Kaĩgru*. (Cf. SILVA, 2009; MANTOVANELLI DA SILVA, 2010)

As uniões interétnicas nessa aldeia afetam não só a cultura desse povo, mas sua linguagem:

> Como decorrência do alto índice de casamentos interétnicos, da miscigenação e do contato necessário e constante com o mundo dos brancos, a língua nativa encontra-se em situação bastante crítica, dado que o português passa a ser o veículo que torna possível o acesso à sociedade envolvente (...). A presença marcante e valorizada da língua portuguesa é conseqüência da intensificação dos contatos externos propiciados, principalmente, pela prática do assalariamento nas fazendas, além da comercialização dos produtos da roça e do consumo de bens no mercado das cidades. (CAVA, 2004, p.80)

Atualmente, o contexto de Icatu se configura da seguinte maneira:

(i) o cacique é de etnia Kaingáng

(ii) o chefe do posto indígena é Terena

(iii) há aproximadamente 30 famílias dessas uniões interétnicas

(iv) há cerca de 118 pessoas vivendo em Icatu (Cf. FUNASA, 2010)

(v) há apenas duas falantes mais velhas do Kaingáng: Lídia Campos e Maria Rita Campos

Vejamos, na seção seguinte, a realidade linguística na aldeia Icatu.

4.2 Aspectos linguísticos do Kaingáng paulista

Na década de 80, quando Cavalcante (1987) fez visitas à aldeia de Vanuíre, pôde constatar que o Kaingáng paulista não era quase falado, em razão dos "cruzamentos" com outros indígenas e não-índios. Segundo a autora, essa situação favorecia progressivamente o uso da língua portuguesa, restringindo, por outro lado, o uso da língua nativa. Afirma a autora que essa língua "poderá dentro de alguns anos ser substituída inteiramente pelo português." (CAVALCANTE, 1987, p. 01)

D´Angelis (2002) observa que, para o jovem Kaingáng, o português é melhor do que a sua língua, porque tem regularidade e sistematicidade. Complementando essa afirmação, Cava (2004) diz que a língua mãe, para se comunicar entre os membros da aldeia, tende a ser deixada de lado pelos membros mais jovens da comunidade, o que leva à perda do interesse pela tradição Kaingáng, principalmente porque são cada vez mais absorvidos pelos modelos sociais dos não-índios.

Segundo D´Angelis (2005, p.30), “nos anos 80 a língua Kaingáng já era considerada extinta no Estado de São Paulo, com apenas alguns falantes.” No entanto, em 1998, o autor constatou a existência de “alguns conhecedores da língua nas duas áreas Kaingáng”: Icatu e Vanuíre. D´Angelis (2005, p.31) nos informa que “como a língua deixou de ter uso cotidiano, há apenas pessoas que já falaram o Kaingáng, mas nem todas com a mesma proficiência ou memória da língua (por exemplo, com relação ao léxico).”

Tendo ocorrido a manifestação e o interesse por parte dos Kaingáng paulistas em ter uma escrita padronizada, de modo a empregá-la na sua comunidade e no ensino de suas crianças, D´Angelis realizou, em 2000, uma Convenção Linguística[49] com a participação de falantes e futuros professores indígenas dessas duas aldeias.

D´Angelis sugeriu aos Kaingáng de Vanuíre a possibilidade de um trabalho similar ao que estava desenvolvendo com os Nhandewa-Guaraní (Posto Nimuendajú). Esse trabalho consistia no registro da língua e preparação, junto aos indígenas, de um material para ensino em sua escola indígena. D´Angelis, tendo obtido a manifestação favorável dos Kaingáng paulistas, realizou, após algumas visitas de pesquisa, em 2000, uma “Convenção Linguística” com a participação de falantes e candidatos a professores das duas aldeias paulistas: Icatu e Vanuíre. (D´ANGELIS, 2005)

> Diferente dos Nhandewa-Guaraní, aqui se poderia dizer que a principal motivação não era a garantia de uma variedade dialetal que motivava a escolha por formas ortográficas próprias. Entre os Kaingáng paulistas o que eles quiseram garantir era exatamente a possibilidade de seus filhos, hoje falantes e alfabetizados em Português, poderem aprender “o Kaingáng”. (D´ANGELIS, 2005, p.32)

D´Angelis (2005, p. 31-32) afirma ainda que os Kaingáng paulistas reconhecem ter marcas dialetais distintas dos demais grupos Kaingáng e que garantir o registro (a escrita)

[49] D´Angelis elaborou, anteriormente, esse trabalho de registro da língua e elaboração de um material para ensino na escola indígena, com os Nhandewa-Guarani do Posto Nimuendaju.

delas, ou seja, ter "outro modo de escrever seu dialeto, que não fosse a escrita padronizada para os Kaingáng ao sul do Paranapanema" se faz necessário: "razão fundamental de estarem tão convictos da necessidade de uma escrita própria teve origem na sua situação sociolinguística bem particular".

O fato de ter uma variedade dialetal, com formas ortográficas próprias, não desestimulou os Kaingáng paulistas a deixarem de aprender e de ensinar sua língua. Ao contrário, com a Convenção Linguística (2000), viram uma oportunidade de registrar as suas marcas dialetais específícas, garantindo a possibilidade de seus filhos – que hoje são falantes do português – aprenderem a língua dos Kaingáng mais velhos e, também, de seus ancestrais.

Em Icatu, notamos, em diálogo com as falantes mais velhas do Kaingáng, que por muito tempo houve certo "descaso" ou "desinteresse" por parte dos jovens em saber ou aprender a linguagem dos mais velhos. Hoje, segundo elas, com a presença da Escola Indígena na aldeia (fundada em 2005), há um maior interesse por parte dos professores e dos pais das crianças, em ouvi-las e em falar a sua 'linguagem'[50], ou seja, o Kaingáng. Apesar de considerarem um pouco tardio esse interesse, têm muito orgulho de poderem ir à Escola Indígena e falarem às crianças na sua 'linguagem'. Muitos professores Kaingáng têm consciência dessa problemática da influência do português em sua língua e cultura, como observamos nos depoimentos que seguem:

"[...] nós, os Kaingáng, estamos percebendo que nossa língua é pouco falada e, muitos jovens Kaingáng desconhecem nossa língua." (Rosimeire Barbosa – Kaingáng e professora da E. I. Índia Vanuíre - aldeia Vanuíre)[51]

[50] O termo 'linguagem' é usado pelas falantes mais velhas para se referirem à sua língua-mãe, ou seja, o Kaingáng.
[51] Cf. Cotui e Barbosa (2008, p.08)

“Temos a preocupação constante em relação as nossas origens, de modo que tanto a cultura Kaingáng quanto a cultura Terena prevaleçam apesar das influências que recebemos de fora e da língua portuguesa.” (Adriano C. R. Campos – Kaingáng e vice-diretor da E.I. Índia Maria Rosa – aldeia Icatu)[52]

Segundo D´Angelis (2008a, p.42), o distanciamento linguístico do dialeto paulista é consequência do distanciamento geográfico, já que os Kaingáng paulistas foram um dos primeiros a se separarem dos demais grupos, isto se não foram verdadeiramente os primeiros a iniciar a separação. O autor apresenta as principais diferenças fonológicas do dialeto Kaingáng paulista em relação ao Kaingáng do Sul, como, por exemplo, o fonema que no Sul é uma fricativa (obstruinte contínua), em São Paulo é uma africada (obstruinte descontínua), como ocorre com a palavra “*filho*”: no Sul, é /*ko’ʃidn/* ; em São Paulo, /*ko’tʃit*/. Sobre a sintaxe do dialeto Kaingáng paulista, como visto no capítulo de Metodologia, o autor diz que “o Kaingáng paulista praticamente não é mais uma língua falada.” Isso até certo ponto pode “explicar certas orações aparentemente mal construídas”. Observemos o exemplo retirado de nosso *corpus*:

Wi	*weié*	*krĩ-hâ*
3SG.F	flor	cabeça-boa

‘Ela dá a flor para a professora.’

Notamos que essa sentença apresenta apenas lexemas, sem marcas gramaticais e sem o predicado (verbo), o que dificulta determinar as relações estabelecidas entre esses lexemas.

[52] Cf. Campos (2008, p.23)

Como algo fica sem ser expresso, tem-se uma mensagem, como dito por D´Angelis, “mal construída”. Seria esse tipo de ocorrência um caso de “*pidgin*” no dialeto paulista ou uma consequência do multilinguismo?

Segundo Tarallo e Alkmim (1987, p.14), em “uma situação de contato entre dois grupos étnicos e linguísticos radicalmente opostos, a urgência de um meio de comunicação pode gerar uma língua de emergência com funções básicas e restritas: o *pidgin*.”

> [...] o *pidgin* mantém nas comunidades onde é usado seu estatuto de segunda língua, de língua franca para comunicação entre grupos linguisticamente diferenciados.[...] Serve, pois, às necessidades de uma comunidade, provisoriamente estabelecida, em um determinado local e por um período específico de tempo. [...] A transmissão de *pidgin*s de pai para filho [...] pode acarretar a aquisição de falantes nativos: as crianças. O *pidgin* assume estatuto de língua natural. [...] A partir do momento em que o *pidgin* passa a ser primeira língua de um grupo, língua-mãe, [...] temos um crioulo. (TARALLO e ALKMIM, 1987, p. 15)

Sobre a interferência de uma língua a outra, em situação de contato, Thomason e Kaufman (1988), diferentemente de muitos autores, defendem que todos os âmbitos da gramática de uma língua podem sofrer interferência da gramática de outra língua, não apenas o seu léxico. Segundo eles, em razão das causas externas, sócio-históricas, e não tanto das causas internas, estruturais da língua. As mudanças linguísticas em uma língua, em situação de contato, são um processo de adaptação na visão desses autores. (Cf. COUTO, 2009)

Contudo, o que está ocorrendo em Icatu pode ser um processo advindo do bilinguismo ou, ainda, do multilinguismo. De acordo com Couto (2009), o bilinguismo ou multilinguismo ocorrem quando se tem duas ou mais línguas convivendo em um mesmo território. Para o autor, elas tendem, em primeiro lugar, a se diversificar dialetalmente e, em seguida, passa ao plurilinguismos, levando à diversificação linguística. Couto diz ainda que o que leva a essa diversificação são a influência de uma língua sobre a outra e a migração dos povos. O autor ressalta que:

> Com a convivência, as línguas serão processadas nas mentes dos indivíduos, o que poder levar um lado a apropriar-se da língua do outro, mesmo que fortemente marcada pela própria L_1, ou ambos os lados formarem uma terceira realidade, um meio unificado de intercomunicação. (COUTO, 2009, p.50)

Finalizando essa seção, notamos que, no contexto de Icatu, ocorre um multilinguismo, pois as crianças convivem com o Kaingáng falado pelas indígenas mais velhas, o Kaingáng ensinado pelos professores, a língua terena e a língua portuguesa. O reavivamento da cultura e da língua se centra na escola indígena, onde seus descendentes aprendem sua língua nativa; a diversificação linguística no Kaingáng é uma consequência natural da autonomia de um povo sobre sua língua, devendo ser respeitada e alterada segundo a vontade e interesse da comunidade indígena que a utiliza. (D´ANGELIS, 2008a)

Após essa abordagem sobre o Kaingáng paulista, passemos à compreensão de alguns aspectos sintáticos desse dialeto.

4.3 Marcas sintáticas no Kaingáng paulista

É necessário esclarecermos que não há muitos estudos voltados à sintaxe do Kaingáng paulista e nem um específico que trata, em particular, do TAM (tempo, aspecto e modo) nesse dialeto. Na verdade, a presente pesquisa se revela pioneira em termos de descrição e análise do Kaingáng paulista da aldeia Icatu, pois há poucos trabalhos linguísticos que abordam esse dialeto.

A maioria dos estudos linguísticos sobre o Kaingáng paulista, que envolvem as aldeias Vanuíre e Icatu, voltam-se mais às questões fonético/fonológicas e morfonológicas[53], dos quais destacamos:

1. Cavalcante (1987): trata da fonologia e morfologia da língua Kaingáng, comparando o dialeto de São Paulo com o do Paraná
2. Cavalcante (1993): mostra regras fonológicas intrassegmentais no Kaingáng paulista e no Kaingáng do Paraná
3. D´Angelis e Reis Silva (2000): tratam da estrutura silábica e da nasalidade vocálica no Kaingáng paulista
4. D´Angelis (2002): expõe sobre a nasalidade e soanticidade em línguas Jê, especificando o Kaingáng paulista e o Mẽbengokre
5. D´Angelis (2005): aborda a unificação versus a diversificação ortográfica de línguas indígenas, mostrando os casos da ortografia do Ashaninka do Amônia (AC), do Nhandewa-Guaraní de São Paulo e do norte-paranaense e o Kaingáng paulista
6. D´Angelis (2008a): apresenta algumas notas comparativas quanto à fonologia, o léxico, à sintaxe do Kaingáng paulista
7. Jolkesky (2010): apresenta uma reconstrução da fonologia e do léxico do Proto-Jê Meridional, abordando as línguas indígenas do Sul, entre elas o Xokleng (SC), o Kaingáng (PR e SC), o Kaingáng paulista (SP), o Ingain (PR) e o Kimdá (PR)

Desse modo, para tratarmos das marcas sintáticas referentes à ordem e relacionadas ao TAM no Kaingáng paulista, embasamo-nos no trabalho de D´Angelis (2008a), citado também na lista anterior de estudos fonológicos e morfossintáticos desse dialeto, por abordar questões sintáticas especificas do dialeto paulista.

[53] Ressaltamos que há ainda estudos referentes à fonologia do Kaingáng do Sul e do Paraná, como abordado por Damulakis (2006): “Sobre a fonologia da língua existem alguns trabalhos, dentre os quais destacamos: Kindle (1972), Wiesemann (1972), Cavalcante (1987), Wetzels (1995) e D´Angelis (1998, 2005).”

O material usado para sua análise constitui-se de um conjunto de orações coletadas entre os Kaingáng paulista (Vanuíre e Icatu), em seções separadas com cada falante e em diferentes momentos ao longo de dois anos de visita, destacando ainda que existem poucos falantes dessa língua em Icatu, entre eles as "duas irmãs que costumam falar entre si, exatamente para praticar a língua". Estas orações foram registradas, sendo muitas vezes ditadas pelos falantes e não elicitadas. O autor manteve "o registro fonético do dado, retirando-se apenas as marcas de acento e de não explosão". (D´ANGELIS, 2008a, p. 42-43)

Um aspecto sintático relevante no Kaingáng, mostrado por D´Angelis (2008a), é a presença da marca do Nominativo. Conforme este autor (op.cit.), nos dialetos do Sul, há várias marcas para mostrar o Sujeito na sentença, que são: *[tóg], [tag], [tã], [wɔ̃], [n͡de], [pi], [mɔ̃]*. Desde 1995, o autor vem mostrando que a língua Kaingáng marca o caso Nominativo.

D´Angelis (2008a, p. 42) destaca "a presença constante e única da forma [*wɔ̃*], que marca o Nominativo no Kaingáng paulista," com diversos tipos de predicados como se observa nos exemplos que seguem:

(i) Oração predicativa:

(55) *ijʃ* *wɔ̃* *hə* *nĩ*

1SG NOM bom ASP (estar)

'Está bom para mim' (adaptado de D´Angelis, 2008a, p.43)

(ii) Oração intransitiva:

(56) *ti* *wɔ̃* *tere*

3SG.M NOM morrer

'Ele morreu.' (adaptado de D´Angelis, 2008a, p.43)

(iii) Oração transitiva direta:

(57) *ẽŋ* *kakrẽ* ***wɨ̃*** *ɲɛrɛ* *krẽn*

2SG.M sogro NOM milho plantar

'teu sogro planta milho' (adaptado de D´Angelis, 2008a, p.44)

(iv) Oração bitransitiva:

(58) *vi* ***wɨ̃*** *vi* *mɛt* *krik* *ti* *mõ* *nĩm*

3SG.F NOM 3SG.F marido porco DEF.M BENEF dar

'Ela deu o porco para o marido dela' (adaptado de D´Angelis, 2008a, p.44)

É regra fundamental da sintaxe do Kaingáng, segundo D´Angelis (2008a, p. 46), a ordem OV, em que o objeto direto sempre precede o verbo. De acordo com o autor, como os demais dialetos Kaingáng, o Kaingáng paulista ainda segue essa regra sintática, como notamos em (57). E mostra que "há um problema na colocação da marca" de Beneficiário, como notado em (58), "que está colocada em posição inadequada", separando o objeto direto do verbo. Para o autor, nesse caso é mais adequado considerar como uma construção "agramatical". De acordo com o autor, o Sujeito da oração intransitiva recebe o mesmo tratamento do Sujeito na oração transitiva, como notamos em (56) e (57), já que recebem a mesma marca de Nominativo.

D´Angelis (op. cit, p.45) mostra "pelo menos duas orações assertivas negativas", em que é usada a marca "*wã*" para indicar o Nominativo:

(59) *ti* ***wɨ̃*** *lɛ* *vê* *tõ* *nĩ*

3SG.M NOM sol ver NEG ASP

'Ele não viu o sol.' (adaptado de D´Angelis, 2008a, p.44)

(60) *ijɟ* *wɒ̃̃* *ɛ̃ŋ* *to* *ha* *tõ*

1SG NOM 2SG para bom NEG

(Você não ser bom para mim)

'Eu não gosto de você' (adaptado de D´Angelis, 2008a, p.44)

Outra marca que o dialeto Kaingáng paulista apresenta, segundo D´Angelis (op.cit., p.45) é a de Aspecto, como verificamos em (55), que vem "ao final da oração e parece ter sido simplificada":

(55) *ijɟ* *wɒ̃* *hə* *nĩ*

1SG NOM bom ASP (estar)

'Está bom para mim' (adaptado de D´Angelis, 2008a, p.43)

Ocorre também a marca de Aspecto "*mɔ̃*" para indicar Durativo, como se observa em (62):

(62) *ũn-tʃĩ* *wɔ̃̃* *jəj* *mɔ̃*

Um-pequeno NOM urinar ASP (DUR)

'O menino está fazendo xixi.' (ou urinando) (adaptado de D´Angelis, 2008a, p.43)

Outra observação que o autor faz, quanto ao Aspecto, é o que ocorre na sentença (57):

(57) *ɛ̃ŋ* *kakrɛ̃* *wɒ̃* *ɲɛɾɛ* *krɛ̃n*

2SG.M sogro NOM milho plantar

'teu sogro planta milho' (adaptado de D´Angelis, 2008a, p.44)

Para ele, em (57), a tradução provavelmente fosse no passado *'teu sogro plantou milho'*; pois "o sentido de Habitual, [...] colocado em português, talvez exigisse outro marcador de Aspecto (como ocorre nos dialetos do Sul)." No entanto, a marca de Aspecto não foi registrada em (57). (D´ANGELIS, 2008a, p. 45)

Somente em quatro tipos de orações não foram encontradas a marca“*wʊ̃*” de Nominativo:

(a) Com interrogativas parciais:

De acordo com o autor (op. cit.), nas interrogativas parciais, também os outros dialetos não costumam marcar o Nominativo, mas apresentam marcadores específicos de perguntas, como ocorre em (63) e (64), cujo marcador de interrogação é *“hɛ̃”*.

(63) *ɛ̃ŋ* *jiji* *hɛ̃* *ɲɟe* *(ke)ti*

2SG nome **como** dizer 3SG.M

‘Como é o seu nome?’ (adaptado de D´Angelis, 2008a, p.46)

(64) *hɛ̃* *nʊ̃* *wi* *kɔʈ/it*

Onde 3SG.F dela filho

‘Onde está o filho dela?’ (adaptado de D´Angelis, 2008a, p.46)

(b) Com imperativas:

D´Angelis (2008, p. 47) afirma que, em (65), “temos um Imperativo, exatamente à moda das fórmulas de Imperativo dos dialetos do Sul”.

(65) *ñŋ* *ɾa*

Sentar para

‘Sente-se!’ (adaptado de D´Angelis, 2008a, p.46)

(c) Com Beneficiário:

(66) *ijɟ* *mɨ̃* *ŋgojo* *kɾod*

1SG **BENEF** água beber

'Eu vou tomar água'. (adaptado de D´Angelis, 2008a, p.46)

Para D´Angelis, a tradução da oração (66) mais costumeira, e que se nota entre os falantes do Sul, é *'eu quero tomar água'*, correspondendo a um pedido.

> Se for empregada com outro pronome (de 2ª. ou 3ª. pessoa), é entendida como uma pergunta, uma consulta ou uma oferta: *'você quer beber água?'*. Temos, então, pelo menos um segundo caso de marcador de sujeito, no papel de Beneficiário, que se conserva no dialeto paulista. (D´ANGELIS, 2008a, p. 47)

Em síntese, as notas comparativas sobre o dialeto Kaingáng paulista de D´Angelis (2008, p. 47) alerta que:

1. Em sua Fonologia, esse dialeto apresenta sistema simplificado em comparação aos demais dialetos Kaingáng e, "aparentemente, mais estável";
2. Em relação ao Léxico, distanciou-se dos demais;
3. Na Sintaxe, revela um "sistema simplificado, que por ora não se pode simplesmente atribuir ao desuso da língua [...]."

O quadro 09 mostra as alterações lexicais da forma de pronomes pessoais no dialeto Kaingáng paulista:

PRONOMES PESSOAIS		
CONVENÇÃO LINGUÍSTICA Aldeia Vanuíre (2000)	**USOS RECENTES Aldeia Icatu (2010)**	**EM PORTUGUÊS**
1. ik	*ik*	Eu (1ª.p.s.)
2. ã	***ẽ***	Você (2ª.p.s.)
3. ti	*tí*	Ele (3ª.p.s.)
4. wi	*wí*	Ela (3ª.p.s.)
5. eng	*eng*	Nós (1ª.p.pl.)
6. ãiak	***ẽ wã***	Vocês (2ª. p.pl.)
7. - ak	*ak tí*	Eles (3ª. p.pl.)
8. wak	*wak wí*	Elas (3ª. p.pl.)

QUADRO 09: Mudanças na escrita de pronomes pessoais

Fonte: Relatório de Doutorado Sanduíche – Silva (2010)[54]

Após dez anos (2000-2010), o Kaingáng paulista de Icatu faz uso de outra forma lexical para designar os seguintes pronomes pessoais:

a) Pronome referente à 2ª. pessoa do singular: *"ẽ" (você)*

b) Pronome referente à 2ª. pessoa do plural: *"ẽ wã" (vocês)*

c) Pronome referente à 3ª. pessoa do plural, masculino: *"ak ti" (eles)*

d) Pronome referente à 3ª. pessoa do plural, feminino: *"wak wí" (elas)*

Durante a Convenção Linguística (2000), ocorrida na aldeia Vanuíre, D´Angelis levantou algumas palavras em Kaingáng paulista.

[54] Em trabalho anterior (Silva, 2010), estabelecemos algumas notas comparativas sobre o Kaingáng paulista entre os dados coletados por D´Angelis (2000, 2008a) e os dados por nós coletados, cujos resultados estão nos quadros dessa seção.

Em 2010, solicitamos aos Kaingáng de Icatu que escrevessem essas palavras, sem mostrar a eles a escrita já feita durante essa convenção. No quadro 10, podemos notar que algumas palavras mantiveram sua ortografia (como *weie, lengró*) e outras sofreram alguma alteração (como *the/tche, wenhwó/wewó*):

LÉXICO DO KAINGÁNG PAULISTA		
VANUÍRE (2000)	**ICATU(2010)**	**PORTUGUÊS**
1. weie	*weie*	Flor
2. krot	*krot*	Beber
3. hat	*hat*	Fazer
4. kupri	*kupri*	Branco (cor)
5. pĩ	*pĩ*	Lenha
6. lengró	*lengró*	Feijão
7. prõ	*prõ*	Esposa
8. tahap	*tahap*	Vamos (Exortativo)
9. ti	*ti*	Ele, dele (3ª. p. – Masc.)
10. kófa	*kofá*	Velho
11. mbâk	*bâk*	Muito, grande
12. nĩm	*nim, nĩ*	Dar
13. nhẽrẽ	*nhere*	Milho
14. the	*tche*	Quati
15. thópré	*tchopré*	Onça
16. wenhwó	*wewó*	Correr
17. kuty	*kytỹ*	Noite, escuro

QUADRO 10: Ortografia de algumas palavras do Kaingáng paulista

Fonte: Relatório de Doutorado Sanduíche – Silva (2010**)**

Foram também apresentadas aos professores e a uma das falantes mais velhas algumas sentenças retiradas de D´Angelis (2004, 2008a), para que traduzissem para o Kaingáng paulista, a fim de verificarmos se, de fato, havia diferença entre as duas variedades do Kaingáng. As sentenças são as que seguem:

(56) *ti* *wɒ̃* *tere*

3SG.M NOM morrer

'Ele morreu.' (adaptado de D´Angelis, 2008a, p.43)

(67) *ti-wã* *tere*

3SG.M-**NOM** morrer

'Ele morreu.' (Silva, 2010, p.36)

(57) *ɛ̃ŋ* *kakrɛ̃* *wɒ̃* *ɲɛrɛ* *krɛ̃n*

2SG.M sogro NOM milho plantar

'Teu sogro planta milho' (adaptado de D´Angelis, 2008a, p.44)

(68) *Ẽ* *kakrẽ* *guere* *krẽ*

2SG.M sogro milho plantar

'Teu sogro planta milho.' (Silva, 2010, p.36)

(10) *kofá* *tỹ* *jun* *huri*

Velho NOM chegar já

'O velho já chegou.' (adaptado de D´Angelis, 2004, p.72)

(69) *kofá* *inhut* *kéia*

Velho chegar já

'O velho já chegou.' (Silva, 2010, p.36)

(70) *Inh* *mỹ* *fi* *tóg* *pého* *nim*

1SG BENEF 3SG.F NOM abóbora dar

'Ela deu a abóbora para mim.' (adaptado de D´Angelis, 2004, p. 76)

(71) *Ti-wã* *pehô* *i-ma-nim*

3SG.F-**NOM** abóbora 1SG-BENEF-dar

'Ela deu a abóbora para mim.' (2010, p.36)

As sentenças (56) e (57) pertencem ao dialeto paulista e foram coletadas por D´Angelis (2008a), sendo novamente escritas pelos Kaingáng de Icatu, conforme observamos em (67) e (68). Já as sentenças (10) e (70) correspondem ao dialeto do Sul, sendo escritas pelos Kaingáng de Icatu como se nota em (69) e (71).

Como já observado, o objetivo deste estudo é verificar se teria ocorrido alguma mudança na estrutura das sentenças do dialeto paulista, tanto em relação a dados anteriores desse dialeto como em relação ao dialeto do Sul.

De modo geral, podemos notar que a marca de Nominativo *"wã"* ainda é usada no Kaingáng de Icatu, seja em sentenças transitivas seja em intransitivas. Esta marca pode vir aglutinada ao pronome *ti*, como se nota em (67) e (71). Mas algumas vezes, como em (68) e (69), essa marca não é usada. A marca temporal *"huri" (já)* que o Kaingáng do Sul coloca na posição final, no dialeto paulista (cf. sentença (69)), manifesta-se como *kéia* (já) também na posição final. Também a marca de beneficiário *ma* vem aglutinada ao pronome (*ik*) e ao verbo (*nim*), como em (71).

Os dados demonstram, assim, que o Kaingáng paulista compartilha com o Kaingáng do Sul a ordenação SOV (Sujeito-Objeto-Verbo) e a marcação de Nominativo por meio do morfema *wã*.

No entanto, conforme afirma D´Angelis (2008a, p. 47), o léxico do dialeto paulista vem se distanciando dos demais dialetos e a sua sintaxe revela um sistema simplificado, talvez em razão do contato com o português e a redução do número de falantes do Kaingáng nessa aldeia, o que vamos explorar um pouco mais, na seção que segue, já que uma de nossas perguntas de pesquisa se refere ao multilinguismo nessa aldeia. Lembramos que nessa pesquisa, o conceito de 'bilinguismo ou multilinguismo' refere-se ao contexto em que duas ou mais línguas convivem em um mesmo território, conforme esclarece Couto 2009.

4.4 A morfossintaxe no Kaingáng paulista de Icatu

Nesta seção, analisamos o *corpus*[55], que, conforme apresentado anteriormente, compõe-se de 121 sentenças traduzidas para o Kaingáng pelos professores indígenas e de 24 sentenças pertencentes a textos escritos por esses professores, a partir de gravações feitas com a falante mais velha.

Com base nas glosas dessas sentenças, observamos a marcação morfológica e sintática do dialeto paulista e verificamos a ordenação e as categorias de Tempo, Aspecto e Modo no Kaingáng paulista de Icatu.

Notamos que, nesse dialeto, há construções transitivas, bitransitivas, intransitivas, existenciais, predicativas, entre outras construções. Vejamos alguns exemplos:

(a) Transitivas:

Foram analisadas 100 sentenças transitivas, contendo as seguintes ilocuções: declarativas (afirmativas e negativas), interrogativas (totais – afirmativas e negativas), interrogativas parciais, imperativas (afirmativas e negativas) e exortativas.

[55] A numeração das sentenças do *corpus* segue àquela apresentada no capítulo II – Metodologia (1 a 145). Os demais exemplos apresentados até a seção 4.3, seguem outra ordenação.

Nem todas as sentenças transitivas desse dialeto marcam o Sujeito e, quando marcam, utilizam a marca de Nominativo *wã*. Em apenas 17 sentenças transitivas ocorre o uso do Nominativo *wã*. Essa marca é usada em sentenças transitivas, tanto com sujeito lexical como com sujeito pronominal, geralmente com ilocução declarativa (afirmativa e negativa) e interrogativa total (afirmativa e negativa), como se observa, respectivamente, em (7), (19), (33) e (39):

(7) *Kotit_e* *ti-wã* *iamĩ_kuprí* *kakané* *pehut* *nha-tĩ*
Criança_ PL 3SG-**NOM** pão_branco fruta comer ASP-HAB
'As crianças, elas foram comer pão e fruta.'

(19) *Ak* *wã* *rĩhô* *ko* *hâ*
3PL.M **NOM** tatu comer agora
'Eles comem tatu agora.'

(33) *Wi* *wã* *goiotchô* *krot*
3SG.F **NOM** café beber
'Ela bebe café?'

(39) *Wi* *wã* *goiotchô* *krot* *tõ*
3SG.F **NOM** café beber NEG
'Ela não bebeu café?'

A sentença (12) é a única sentença transitiva com sujeito pronominal, em que não há o uso do Nominativo *wã*:

(12) *Ik* *koia* *lengró* e
1SG comer feijão INTENS
'Eu comi bastante feijão.'

Há ainda uma construção transitiva, conforme (97), em que o verbo não é expresso, apresentando apenas os dois argumentos; um deles, o pronome, é marcado pelo Nominativo *wã*:

(97) *Ẽ* *wã* *goiotcho*
2SG **NOM** café
'Você tem café?'

Também observamos que a declarativa negativa apresenta o operador de Negação *thu* anteposto ao verbo, como em (24); a ilocução interrogativa total e imperativa negativa apresentam a marca *tõ* posposta ao verbo, como mostram respectivamente (35) e (62); as interrogativas parciais apresentam sempre marcas específicas, como *renki (quando),* em (44); as exortativas são marcadas por *tahap (vamos)*, como em (69)*;* e as demais ilocuções se distinguem somente pela prosódia.

(24) *Kotit* *thu* *koia* *lengró*
Criança NEG comer feijão
'A criança não come feijão.'

(35) *Kotit* *lengró* *koia* *tõ*
Criança feijão comer NEG
'A criança não come feijão?'

(44) *Tãtâ_tĩ* *wã* *renki* *goiotchô* *krot*
Mulher_pequena NOM quando café beber
'Quando a menina bebe café?'

(62) *Goio* *kronia* *tõ*
Água beber NEG
'Não beba água.'

(69) *Tahap goiotchô kronia*

Vamos café beber

Vamos beber café!’

(b) Bitransitivas:

Das sentenças analisadas, apenas oito são bitransitivas. As ocorrências bitransitivas nesse dialeto aparecem com o verbo *rat e nim*, traduzidos por *‘dar’*, como em (96), (116), (117), (118) e (119), cujos sujeitos são marcados pelo Nominativo *wã*.

(96) *Goiotchô wã nim*

Café **NOM** dar

‘Me dá café.’

(116) *Ti wã rat nhawe krĩ-hâ*

3SG.M **NOM** dar livro cabeça-boa

‘Ele deu o livro para o professor.’

(117) *Ti wã rat nhawe_ e krĩ-hâ*

3SG.M **NOM** dar livro_PL cabeça-boa

‘Eles deram os livros para o professor.’

(118) *Ti-wã pehô i-ma-nim*

3SG.M-**NOM** abóbora 1SG-**BENEF**-dar

‘Ela deu a abóbora para mim.’

(119) *Ak wã e-ma ẽ pehô nim*

3PL.F **NOM** 1PL-**BENEF** 1PL abóbora dar

‘Elas deram as abóboras para nós.’

Nas sentenças (118) e (119) acima, e em (120) e (121) abaixo, ocorre também a marca *ma (para)* de Beneficiário. Essa marca geralmente vem aglutinada ao verbo (ou seja, apresenta-se como morfema preso ao verbo) e ao objeto indireto, formando a expressão *'imanim' = ik*[56] *(1p.s.- eu/mim) + ma (para) + nim (dar) = dar para mim*. Nem sempre o pronome pessoal aparece nessa expressão, como se nota em (120) e (121).

(120) *Ma-nim* *kofâra*
BENEF-dar peixe
'Me dá peixe!'

(121) *Ma-nim kamó*
BENEF-dar banana
'Me dá banana!'

Encontramos, no entanto, casos como (114) e (115), em que, além de o verbo não estar expresso, os argumentos não são marcados nem sintática nem semanticamente.

(114) *Wi* *weié* *krĩ-hâ*
3SG.F flor cabeça-boa
'Ela dá a flor para a professora.'

(115) *Wi* *e* *weié* *krĩ-hâ*
3SG.F PL flor cabeça-boa
'Elas dão a flor para a professora.'

[56] Em razão do processo de redução, o pronome *ik* aparece somente como *'i'* na expressão *imanim*.

Notamos que essa sentença traz apenas lexemas, sem marcas gramaticais. Conforme visto na seção 4.2, D´Angelis (2008) mostra que, em sentenças como (114) e (115), algo fica sem ser expresso como em situação de *pidgin*, que é uma 'língua de emergência' e "serve [...] às necessidades de uma comunidade". (TARALLO; ALKMIM, 1987, p. 15)

No caso desse dialeto, no entanto, é possível supor que se trata, na verdade, de multilinguismo, já que coexistem na aldeia o Kaingáng, o Terena e o Português, que é a língua mais falada. Além disso, isso só ocorre nessas duas sentenças do *corpus*, o que nos leva concluir que não se trata de uma situação de *pidgin.*

(c) Intransitivas:

Das 25 sentenças intransitivas analisadas apenas seis sentenças usam o Nominativo *wã*. As demais sentenças intransitivas, independentemente da ilocução, não apresentam essa marca. Sentenças intransitivas com ilocução declarativa, interrogativa total e parcial e imperativa negativa não apresentam marca de Nominativo, como se nota respectivamente em:

(73) *Tãtâ_tĩ_e* *wẽwó* *bâk* *gág*
Mulher_pequena_PL correr INTENS terra
'As meninas correm muito na terra.'

(87) *Ti_tĩ* *wẽwó*
3SG.M_pequeno correr
'O menino corre?'

(88) *Unã* *wẽwó*
quem correr
'Quem corre?'

(94) *Wẽwó tõ tãtâ_tĩ*

Correr NEG VOC

'Não corra, menina!

Já, em (74), o sujeito é o pronome *ti (ele)*, que vem marcado pelo Nominativo '*wã*'. Em (76), o Sujeito lexical também é marcado por *wã*:

(74) *Ti_tĩ wã fã*

3SG.M_pequeno **NOM** chorar

'O menino chora.'

(76) *Tãtâ_ tĩ wã kutẽ*

Mulher_pequena **NOM** cair

'A menina caiu.'

(d) Existenciais:

No *corpus* há somente sete ocorrências de existenciais. As construções existenciais, nesse dialeto, geralmente apresentam a marca de Nominativo *wã*, como se nota em (98), (101) e (102):

(98) *Goiotchô wã tõ*

Café **NOM** NEG

'Não tem café.'

(101) *Eng wã goiotchô*

1PL.F **NOM** café

'Nossa...tem café!'

(102) *Wá* *goiotchô* *wã* *tõ*

INTERJ café **NOM** NEG

'Credo...não tem café!'

A sentença (101), segundo D´Angelis (em comunicação pessoal), seria uma tentativa de aproximação da tradução do português, e não de fato uma construção usual do Kaingáng. O termo '*nossa*' da frase em português vem de '*Nossa Senhora*', que não pertence à cultura indígena, mas ao cristão católico. A sentença (101) parece sofrer, então, influência do português.

Há, no entanto, ocorrências que não apresentam a marca de Nominativo, como se vê em (100) e (103).

(100) *Tãtâ_tĩ* *goiotchô*

mulher_pequena café

'Ei! Menina! Tem café?'

(103) *Takui* *goiotchô*

aqui café

'Aqui tem café.'

(e) Predicativas (ou equativas[57]): são orações formadas por dois sintagmas nominais. O *corpus* analisado apresenta aproximadamente cinco equativas.

> [...] os verbos que funcionam como elemento de ligação entre dois nomes e, em alguns casos, como locativo ou auxiliar pertencem à classe de verbo cópula. Em português, os verbos ser, estar e ficar desempenham as funções de verbo cópula. (SOUSA FILHO, 2010, p. 101)

[57] Cf. Sousa Filho (2010, p.101)

Em Kaingáng, não há verbo cópula. Nas orações predicativas do dialeto paulista, o primeiro sintagma é o sujeito e, geralmente, vem marcado pelo Nominativo *wã*, como notamos em (108), (111) e (112):

(108) *Ti_tĩ* *wã* *iãguetara*
3SG.M_pequeno **NOM** triste
'O menino está triste.'

(111) *Ik* *wã* *kãgá*
1SG **NOM** doente
'Estou doente!'

(112) *Ik* *wã* *uri* *korék*
1SG **NOM** hoje ruim
'Estou mal!'

Das sentenças predicativas, somente a sentença (110) não traz a marca de Nominativo, apresentando apenas a marca *tĩ* de aspecto habitual.

(110) *Ik* *hâ* ***tĩ*** ***tĩ***
1SG bom **HAB** **HAB**
'Estou bem!'

Como se vê, as construções equativas do dialeto paulista apresentam, de modo geral, a marca de Nominativo *wã*. Os dados revelam ainda que o Sujeito, de sentenças com estruturas mais complexas (orações dependentes ou independentes), é marcado pelo Nominativo *wã*, como se nota em (21), (124), (113) e (125):

(21) *Ak* *wã* *Kaingág* *tẽ* *inha* *rĩhô*

3PL.M **NOM** Kaingáng matar ASP tatu

‘Os Kaingáng mataram um tatu

kara *kofâra* *pire* *mẽ* *inha* *kara* *ko*

para peixe NUM pegar ASP para comer

e pescaram um peixe para comer.’

(124) *Ti-wã* *katĩ* *praia* *ti_wã* *fa*

3SG.M-NOM galho morder 3SG.M_**NOM** chorar

‘Ela morde o galho e chora.’

(113) *I-wã* *nhak* *wé* *ka* *i-mã-hâ* *tĩ* *tĩ*

1SG-**NOM** você ver em 1SG-BENEF-bom HAB HAB

‘Fico feliz em te ver!’

(125) *Ti-wã* *kaingág* *piri* *tere* *mek*

3SG.M-**NOM** Kaingáng NUM morrer sentir

‘Ela sente que um índio vai morrer.’

Logo, observamos que, com orações independentes/dependentes, a marca de Nominativo *wã* sempre vem expressa. Passemos, então, à ordenação de palavras nas sentenças do Kaingáng de Icatu.

4.4.1 Ordem

O levantamento de sentenças no *corpus* em análise revela a existência de estruturas transitivas, bitransitivas, intransitivas, predicativas, existenciais e notamos a existência de outro tipo de construção entre as sentenças do dialeto paulista: a construção de identificação. Posteriormente, tratamos deste tipo de construção com base na teoria da Gramática Discursivo Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008).

As sentenças predicativas, identificacionais e existenciais não podem ser analisadas quanto ao padrão de ordenação, uma vez que prescindem de verbos lexicais, sendo constituídas de dois sintagmas, geralmente nominais, justapostos, no caso das predicativas, ou de apenas um sintagma, no caso das existenciais, conforme mostra o Quadro 11.

TIPOS DE ESTRUTURA	**OCORRÊNCIAS**
TRANSITIVAS	100
BITRANSITIVAS	08
INTRANSITIVAS	22
EXISTENCIAIS	07
PREDICATIVAS	05
IDENTIFICACIONAIS	03

QUADRO 11: Número de ocorrências dos tipos de estruturas no Kaingáng de Icatu

Os padrões SOV e SVO ocorrem em construções transitivas e bitransitivas, enquanto os padrões SV e VS aparecem em construções intransitivas. Vamos nos deter primeiramente em sentenças transitivas.

4.4.1.1 Sentenças transitivas

Como já observado, as sentenças transitivas apresentam dois padrões de ordenação SOV (Sujeito-Objeto-Verbo) e SVO (Sujeito-Verbo-Objeto), com predominância do primeiro.

No dialeto Kaingáng de Icatu, a ordem predominante SOV (Sujeito-Objeto-Verbo) ocorre em sentenças declarativas tanto afirmativas, como em (8) e (22), quanto negativas, como em (16). Observa-se, entretanto, que marcas de polaridade negativa e de aspecto assumem a posição final da sentença, como se observa com a negação *tõ* em (16) e o aspecto *nha* em (07).

(8) *Ẽ* *kakrẽ* *guere* *krẽ*
2SG sogro milho plantar
S **O** **V**
'Teu sogro planta milho.'

(22) *Ik* *wã* *goio_kupri* *kohâ*
1SG **NOM** água_branca gostar
S **O** **V**
'Eu gosto de leite.'

(16) *Ti-wã* *rere* *wé* *tõ*

3SG.M-NOM sol ver **NEG**

S **O** **V**

‘Ele não viu o sol.’

(7) *Kotit_e* *ti-wã* *iamĩ_kuprí* *kakané* *pehut* *nha_tĩ*

Criança_PL 3SG-NOM pão_branco fruta comer **ASP**_HAB

S **O** **V**

‘As crianças foram comer pão e fruta.’

Em sentenças bitransitivas, como (118), o objeto antecede o verbo, que ocupa a última posição na oração, trazendo, no entanto, o Beneficiário a ele prefixado.

(118) *Ti-wã* *pehô* *i-ma-nim*

3SG.M-**NOM** abóbora 1SG-**BENEF**-dar

S **O** **V**

‘Ela deu a abóbora para mim.’

O objeto, no entanto, pode ocupar a posição inicial da sentença quando estiver topicalizado, como se observa em (13), em que o objeto *lengró* (*feijão*) assume a primeira posição, sendo prosodicamente marcado por uma clara quebra entonacional. É interessante observar que, nesse caso, o sujeito não é expresso, o que produz o padrão OV. Na tradução de (13) feita pelos professores, o verbo *koia* (comer) está na primeira pessoa, embora a sentença não apresente o pronome de primeira pessoa *ik* (*eu*).

(13) *Lengró* *koia* *e*

TOP comer INTENS

O **V**

‘O feijão, comi bastante.’

A ordem SOV é predominante também em interrogativas totais, como em (29) e (30), cuja ilocução interrogativa é marcada apenas prosodicamente. O verbo pode, no entanto, como acontece com aspecto e polaridade, ser seguido por operadores modais, conforme mostram (48) e (49).

(29) *Kotit* *goio* *krot*
Criança água beber
S **O** **V**
'A criança bebe água?'

(33) *Wi* *wã* *goiotchô* *krot*
3SG.F **NOM** café beber
S **O** **V**
'Ela bebe café?'

(48) *Tãtâ_tĩ* *goiotchô* *krot* ***wẽ***
Mulher_pequena café beber **MOD**
S **O** **V**
'A menina bebe café (mas não bebeu).'

(49) *Wi* *wã* *goiotchô* *krot* ***wẽ***
3SG.F NOM café beber **MOD**
S **O** **V**
'Ela bebe café (mas não bebeu).'

Esta é também a ordenação preferencial das interrogativas parciais. As partículas interrogativas que expressam lugar (*rentâ = onde*), como em (43); tempo (*renki = quando*), como em (44) e quantidade (*tigue = quanto*), como em (45), posicionam-se antes do objeto; já a partícula que indica razão (*ne = por que*) coloca-se no início da sentença, como mostra (46). A ordem SOV, contudo, é preservada.

(43) *Tãtâ_tĩ* *rentâ* *goiotchô* *krot*

Mulher_pequena **INTER** café beber

S **O** **V**

‘Onde a menina bebe café?’

(44) *Tãtâ_tĩ* *wã* *renki* *goiotchô* *krot*

Mulher_pequena NOM **INTER** café beber

S **O** **V**

‘Quando a menina bebe café?’

(45) *Tãtâ_tĩ* *tigue* *goiotchô* *kronia*

Mulher_pequena **INTER** café beber

S **O** **V**

‘Quanto café a menina bebe?’

(46) *Ne* *tãtâ_ tĩ* *goiotchô* *kronia* *kamã*

INTER mulher_pequena café beber sempre

S **O** **V**

‘Por que a menina sempre bebe café?’

Sentenças Imperativas, por outro lado, por não expressarem o sujeito, apresentam o padrão OV (Objeto-Verbo), independentemente da presença do marcador de polaridade ou do Vocativo, como se nota respectivamente em (62) e (53).

(62) *Goio* *kronia* *tõ*

Água beber NEG

O **V**

‘Não beba água.’

(53) *Lengró koia kotit*
Feijão comer criança
O V
'Coma feijão, criança!'

Sentenças exortativas no Kaingáng de Icatu são marcadas pelo lexema *tahap* em posição inicial da sentença. Tal como a imperativa, não expressam sujeito, apresentando, então, a ordem OV (Objeto-Verbo), conforme exemplificam (68) e (69).

(68) *Tahap nenu koia*
EXORT algo comer
O V
'Vamos comer alguma coisa!'

(69) *Tahap goiotchô kronia*
EXORT café beber
O V
'Vamos beber café!'

Em resumo, a ordem SOV (Sujeito-Objeto-Verbo) constitui a ordem predominante no Kaingáng de Icatu, ocorrendo em todos os tipos de frase: declarativas (afirmativas e negativas), interrogativas totais e parciais. Quando o tipo de ilocução permite a não expressão do sujeito, a ordem é OV (Objeto-Verbo). Isso ocorre em sentenças imperativas e exortativas. Esse é o padrão também quando ocorre topicalização do objeto.

A ordem SVO (Sujeito-Verbo-Objeto), por outro lado, apesar de pouco frequente, mostra-se também possível em construções transitivas e bitransitivas do Kaingáng paulista de Icatu.

Assim, tanto sentenças declarativas afirmativas, como (10) e (117), quanto negativas, conforme (24) e (27), podem apresentar a ordem SVO. Observa-se, no entanto, que o operador de polaridade negativa *thu*, diferentemente do operador de polaridade negativa *tõ* e de aspecto *nha* no padrão SOV, posiciona-se entre o sujeito e o verbo.

(10) *Tãtâ_ tĩ* *wa_komi* *no*
Mulher_pequena **NOM**_pegar flecha
S **V** **O**
'A menina pegou a flecha.'

(117) *Ti* *wã* *rat* *nhawe_ e* *krĩ-hâ*
3SG.M **NOM** dar livro_PL cabeça-boa
S **V** **O** **O**
'Eles deram os livros para o professor.'

(24) *Kotit* *thu* *koia* *lengró*
Criança **NEG** comer feijão
S **V** **O**
'A criança não come feijão'

(27) *Kotit_e* *thu* *bâk* *kronia* *goio*
Criança_PL **NEG** INTENS beber água
S **V** **O**
'As crianças não bebem muita água.'

Observamos ainda que as declarativas bitransitivas podem apresentar a ordem VO (Verbo-Objeto), como em (120) e (121). Como se observa, o Beneficiário é expresso pelo morfema *ma* prefixado ao verbo (*nim*) e não há a manifestação do sujeito, nem lexical nem pronominalmente. O padrão de ordenação resultante é, então, VO (Verbo-Objeto).

(120) *Ma-nim* *kofâra*

BENEF-dar peixe

V **O**

‘Me dá peixe!’

(121) *Ma-nim* *kamó*

BENEF-dar banana

V **O**

‘Me dá banana!’

Em sentença imperativa, como (50), também ocorre a ordem VO (Verbo – Objeto), já que imperativas normalmente não expressam o sujeito.

(50) *Kronia* *goio*

beber água

V **O**

‘Beba água.’

Assim a ordem SVO (Sujeito-Verbo-Objeto) no dialeto de Icatu pode, em menor frequência, ocorrer em sentenças declarativas (afirmativas e negativas), e a ordem VO (Verbo-Objeto), em sentença imperativa, devido à ausência do sujeito.

4.4.1.2 Sentenças intransitivas

O padrão intransitivo SV (Sujeito-Verbo) é o segundo tipo mais frequente de ordenação no Kaingáng de Icatu, como exemplifica (14).

(14) *Kotit_e* *wuru* *ko*

Criança_PL **FUT** comer

S **V**

‘As crianças vão se alimentar (vão almoçar).’

Neste *corpus*, a ordem SV (Sujeito-Verbo) pode ocorrer com sentenças declarativas afirmativas, como mostram (70), (74), e (78).

(70) *Kotit_tĩ* *wewó*

Criança_pequena correr

S **V**

‘O menino correu.’

(74) *Ti_tĩ* *wã* *fã*

3SG.M_pequeno **NOM** chorar

S **V**

‘O menino chora.’

(78) *Ti-wã* *tere*

3SG.M-**NOM** morrer

S **V**

‘Ele morreu.’

Nestas construções, é comum, no entanto, a ocorrência de um Locativo, que se coloca em torno do verbo, podendo vir depois, como em (82), ou antes dele, como em (127) e em (128). Parece-nos que o Locativo sempre vem antes do verbo, podendo, quando há um advérbio na posição final, posicionar-se entre o verbo e o advérbio.

(82) *Ungré_ tĩ_ e* *wẽhâ* *ka_e* *bâk*

Homem_pequeno_PL caçar **mata_**PL INTENS

S **V** **Loc**

‘Os meninos caçam muito na mata.’

(127) *Tiné* *wi* *koma* *takui* *bret* *ni_mã*

Porque dela alma **aqui** morar ASP_MOD

S **Loc** **V**

‘Porque, provavelmente, a alma dela ia morar aqui.’

(128) *Wi* *koma* *kaiké* *te* *bre_tĩ’*

3SG.F alma **céu** LOC morar_ASP

S **Loc** **V**

‘A alma dela vai morar no ceú (para o céu).’

A ordem SV (Sujeito-Verbo) ocorre também em interrogativas totais, conforme (84), podendo apresentar o operador modal *wẽ* depois do verbo, como em (85). Como já observado, as sentenças interrogativas totais são marcadas apenas prosodicamente no Kaingáng paulista.

(84) *Tãtâ_ tĩ* *wẽwó*

Mulher_pequena correr

S **V**

‘A menina corre?’

(85) *Tãtâ_ tĩ* *wẽwó* *wẽ*

Mulher_pequena correr **MOD**

S **V**

‘A menina corre (mas não correu)?’

Sentença interrogativa total pode, no entanto, apresentar a ordem VS (Verbo-Sujeito) com o marcador de Modalidade *mô* (*poder*) ocupando a posição final de oração, conforme exemplifica (86).

(86) *Wẽwó* *tãtâ_ tĩ* *mô*

Correr mulher_pequena poder

V **S**

‘A menina pode correr?

Em interrogativas parciais, por outro lado, a partícula interrogativa *unã* (*quem*), na função de sujeito, posiciona-se no início da oração sendo seguida pelo verbo, o que determina o padrão SV, como se vê em (88) e (89):

(88) *Unã* *wẽwó*

INTER correr

S **V**

‘Quem corre?’

(89) *Unã* *wẽwó* *tõ*

INTER correr NEG

S **V**

‘Quem não corre?’

Em sentenças imperativas, apenas o verbo vem expresso, como observado em (91) e (92). Já em sentenças exortativas, o operador de ilocução exortativa ocorre em posição inicial, ficando o verbo em segunda posição, como demonstra (93).

(91)*Wẽwó* *tãtâ_tĩ*

Correr VOC

V

‘Corra, menina!

(92) *Wẽwó* *tõ* *ma-hâ*[58]

Correr NEG VOC

V

'Não corra, tá bom!'

(93) *Tahap* *wẽwó*

EXORT correr

V

'Vamos correr!'

Notamos, portanto, que nesse dialeto a ordem mais frequente é SV (Sujeito-Verbo), podendo ocorrer ordem VS (Verbo-Sujeito) em interrogativa total. Em sentença imperativa apenas o V (verbo) vem expresso, enquanto na exortativa há o verbo e o marcador *tahap*, que ocupa a posição inicial.

4.4.1.3 Outros padrões de sentença no Kaingáng paulista de Icatu

Além de sentenças transitivas e intransitivas com verbo pleno, o Kaingáng apresenta três outros tipos de estados-de-coisas, que, por não apresentarem um verbo pleno, não permitem análise em termos de padrões de ordenação. São estruturas, no entanto, que merecem ser aqui abordadas, visto que mostram especificidades no sistema dessa língua.

Duas delas são denominadas por Hengeveld e Mackenzie (2008), respectivamente, 'construção de identificação' e 'construção de existência'.

[58] Nessa sentença, a expressão *'mahâ'* significa *'está bom', 'tudo bem'*; no entanto, geralmente ela é usada pelos Kaingáng paulistas como cumprimento: *'mahâ' = Oi! Tudo bem?*

(a) Construções de Identificação:

> Em muitas línguas construções com significado identificacional estão intimamente relacionadas à forma de construções classificacionais, mas bastante distintas em significado e uso. [...] Em construções de identificação, as duas unidades semânticas representam duas maneiras alternativas de ver a mesma entidade. Não há atribuição de propriedade e, portanto, nenhuma unidade semântica contrai função semântica[59]. (HENGEVELD E MACKENZIE, 2008, p. 205)

Em nosso *corpus*, as construções de identificação aparecem com menor frequência, e ocorrem com declarativas, como em (104) a (106). Geralmente a posição de Sujeito é preenchida por um pronome pessoal, como *ik* (1ª. pessoa singular) em (104), *ti* (3ª. pessoa singular, masculino) em (105) e *eng* (1ª. pessoa plural) em (106).

(104) *Ik* *wã* *Kaingág*
1SG **NOM** Kaingáng
'Eu sou Kaingáng.'

(105) *Ti* *wã* *fok_tchâ*
3SG.M **NOM** branco-preto (outro índio)
'Ele é terena.'

(106) *En* *wã* *Kaingág*
1PL **NOM** Kaingáng
'Nós somos Kaingáng.'

[59] *In many languages constructions with identificational meaning are closely related in form to classificational constructions, but quite distinct in meaning and use. […] In such identification constructions, the two semantic units represent alternative ways of viewing the same entity. There is no relation of property assignment, and hence neither of the semantic units contracts a semantic function.* (HENGEVELD E MACKENZIE, 2008, p. 205)

(b) Construções de Existência:

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 205), "a expressão da construção existencial difere de língua para língua"[60]. Frequentemente ela vem marcada por uma partícula, como, por exemplo, *may* em Tagalog, ou por uma forma impessoal do verbo, como o caso do verbo *haver* em Português.

No caso do dialeto Kaingáng de Icatu, não há marca ou partícula que especifica este tipo de construção, como em Tagalog, e também nenhuma forma verbal impessoal, como em português. Nele, as construções existenciais apresentam apenas uma unidade semântica, marcada morfossintaticamente pelo Nominativo *wã*. Havendo outras marcas, como a de polaridade negativa *tõ*, elas se colocam em posição final, conforme exemplifica (98) e (102), ficando o constituinte Sujeito *goiotchô (café*) em posição inicial.

(98) *Goiotchô* *wã* *tõ*
Café NOM **NEG**
'Não tem café.'

(102) *Wá* *goiotchô* *wã* *tõ*
INTERJ café NOM **NEG**
'Credo... não tem café!'

[60] *The expression of the existencial construction differs from language to language: frequently they are signalled by a particle (Tagalog may) or by an impersonal form of a verb (Portuguese haver). If the existential clause also has a Location, that will regarded as a modifier of the (e_1) and not as an argument, since it displays the mobility (and the omissibility) typical of the former.* (Hengeveld e Mackenzie, 2008, p. 205)

Pode ocorrer nessas construções o uso de Vocativo, como *tãtâ tĩ* (*menina*) em (100). Interjeições, como *eng* (*nossa*) em (101) e *wá (credo)* em (102), colocam-se antes da oração, como constituintes extraoracionais que são.

(100) *Tãtâ_tĩ* *goiotchô*
VOC café
'Ei! Menina! Tem café?'

(101) *Eng* *wã* *goiotchô*
1PL.F NOM café
'Nossa...tem café!'

Hengeveld e Mackenzie (2008, p.206) esclarecem ainda que "se há também uma Locação, ela deve ser considerada como modificador do estado-de-coisas e não como um argumento, já que apresenta uma típica mobilidade própria de modificador. Na construção existencial (103), o lexema *takui (aqui)*, que indica uma Locação é o modificador do estado-de-coisas *goiotchô (ter café*).

(103) *Takui* *goiotchô*
Aqui café
'Aqui tem café.'

Notamos, ainda, que as construções existenciais nesse dialeto ocorrem com declarativa afirmativa, como em (103), declarativa negativa, conforme exemplificado em (98), com sentenças exclamativas, como (101) e (102) e interrogativa total, como notado em (100). Todas essas ilocuções são marcadas prosodicamente.

(c) Estruturas Predicativas:

Semelhante às estruturas identificacionais por não apresentarem verbo, estruturas predicativas, como as exemplificadas em (83), (108) a (112), são constituídas de um adjetivo que predica sobre o Sujeito. Nesse caso, apenas o Sujeito é marcado pelo Nominativo *wã*.

(83) *Kaingág_e* *wã* *takui* *iamã* ***tĩ***
Kaingáng_PL NOM aqui aldeia HAB
'Os Kaingáng moram em Icatu.'

(108) *Ti_tĩ* *wã* *iãguetara*
3SG.M_pequeno **NOM** triste
'O menino está triste.'

(110) *Ik* *hâ* ***tĩ*** ***tĩ***
1SG bom **HAB** **HAB**
'Estou bem!'

(111) *Ik* *wã* *kãgá*
1SG **NOM** doente
'Estou doente!'

(112) *Ik* *wã* *uri* *korék*
1SG **NOM** **hoje** ruim
'Estou mal!'

Em posição final, geralmente aparece o predicativo, como *iãguetara (triste)* em (108) e *kãgá (doente)* em (111), podendo ocorrer ainda expressão lexical de Tempo depois do Sujeito, como *uri (hoje)* em (112), e marca de Aspecto em posição final, como o habitual *tĩ* em (83) e (110).

Considerações Finais

Resumindo, o Kaingáng paulista de Icatu apresenta construções transitivas e bitransitivas, com o predomínio da ordem SOV (Sujeito-Objeto-Verbo), construções intransitivas, predominando a ordem SV (Sujeito-Verbo), construções de identificação e construções predicativas (adjetivas), formadas por dois Sintagmas, e construções de existência, formadas por apenas um Sintagma que prescinde de predicados verbais.

As ilocuções interrogativas parciais são marcadas gramaticalmente por meio de partículas interrogativas; e as exortativas são marcadas pelo lexema *tahap*. As demais ilocuções são sinalizadas apenas prosodicamente.

4.4.2 TAM no Kaingáng de Icatu

No dialeto Kaingáng paulista de Icatu, ocorrem marcas de Aspecto e Modo. Assim, mostramos o estudo do TAM neste dialeto, em ordem de prioridade: Aspecto, Modo e Tempo (AMT).

4.4.2.1 Aspecto

A categoria Aspecto diz respeito à natureza do evento, à sua constituição interna. Segundo Lyons (1977), essa categoria é mais comum nas línguas do que a categoria tempo.

Comrie (1976) afirma que não é uma categoria dêitica, como a de tempo, ou seja, não se refere ao momento do enunciado, mas ao movimento, ao modo como se produz a ação, ao resultado da ação.

Para este autor, tradicionalmente a categoria Aspecto está relacionada aos diferentes modos de perceber a constituição temporal interna de uma situação. Como a categoria Tempo, o Aspecto não é expresso exclusivamente por elementos gramaticais, mas por diferentes meios que interagem entre si: pode estar inerente ao verbo, na morfologia verbal, ou em modificadores adverbiais.

"O aspecto verbal é uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do estado-de-coisas aí codificado, ou seja, as fases que ele pode compreender." (CASTILHO, 2010, p. 417)

Diferentemente de Tempo, que é uma propriedade da predicação que se remete à situação de fala, ou seja, pode representar a anterioridade, a simultaneidade e a posterioridade tomando como ponto de referência o sujeito falante, o Aspecto não depende da postulação de conceitos como o de intervalo e de inserção do ponto primário na linha do tempo. Na verdade, o Aspecto apresenta uma propriedade simbólica. (Cf.CASTILHO, 2010)

"O aspecto caracteriza o evento narrado sem envolver seus participantes e sem referência ao evento de fala. [...] O tempo caracteriza o evento narrado com referência ao evento da fala. [...]" (JAKOBSON, 1957 *apud* CASTILHO, 2010, p. 418)

A categoria Aspecto envolve noções como Perfectividade e Imperfectividade. A Perfectividade está relacionada ao traço de telicidade da situação, ou, mais especificamente, uma situação perfectiva só tem existência quando do seu desfecho. Castilho (2002) considera que uma situação é perfectiva resultativa, quando se refere a uma mudança de estado-de-coisas (como "O Sol se pôs"), e perfectiva pontual, quando o verbo veicula um sentido pontual (como "Já jantei"), podendo identificar-se como um evento instantâneo.

Já a Imperfectividade, segundo o autor, está relacionada ao traço de atelicidade. Uma situação imperfectiva tem sua existência já quando inicia, ou seja, independentemente de um ponto final no intervalo da estrutura temporal.

De acordo com Castilho (2010), a Imperfectividade compreende fases: a) Imperfectivo Inceptivo – refere-se a uma fase inicial (como "Começou a criticar"; b) Imperfectivo Cursivo – retrata a fase em pleno curso (como "Este curso já dura dois meses"; c) Imperfectivo Terminativo – compreende uma fase final do estado-de-coisas (como "Acabava de deixar a sala").

Para Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 210), o Aspecto é diferente do tempo relativo no sentido de que não tem uma função de situar: um Estado-de-coisas aspectualmente caracterizado pode, contudo, ser locado em qualquer ponto no tempo. Na GDF, isso se reflete no fato de que o tempo relativo é um operador mais alto do que o aspecto, que é parte da Propriedade Configuracional que caracteriza um Estado-de-coisas[61].

Com base em Dik (1997), Hengeveld e Mackenzie (2008) fazem uma distinção entre a oposição Perfectiva/Imperfectiva e distinções de Aspecto Fasal. As distinções de Aspecto Fasal indicam a relação entre o ponto de referência temporal e uma fase dentro do desenvolvimento do Estado-de-coisas.[62]

De acordo com os autores, pode ocorrer: (i) o Aspecto Prospectivo - em que o Estado-de-coisas é caracterizado como acontecendo depois do ponto de referência; (ii) Aspecto Progressivo – em que o Estado-de-coisas é caracterizado como acontecendo no ponto de referência; (iii) Aspecto Resultativo – em que o Estado-de-coisas é caracterizado como tendo acontecido antes do ponto de referência.[63]

---

[61] *Aspectual distinctions specify the internal temporal constituency of a State-of-Affairs, and therefore operate at the layer of the Configurational Property characterizing that State-of-Affairs. Aspect is different from relative tense in that it does not have a situating function: an aspectually characterized State-of-Affairs still can be located at any point in time. In FDG this is reflected in the fact that relative tense is a higher operator than aspect, the latter being part of the Configurational Property characterizing a State-of-Affairs*. (HENGEVELD E MACKENZIE, 2008, p. 210)

[62] *Following Dik (1997a), we make a distinction at this layer between the Perfective-Imperfective opposition on the one hand, and a series of Phasal Aspect distinctions on the other. To start with the latter, these indicate the relation between the temporal reference point and a phase within the development of a State-of-Affairs*.(idem)

[63] *[…] the State-of-Affairs is characterized as being about to happen at the reference point (Prospective Aspect), […] as happening at the reference point (Progressive Aspect), and […] as having happened before the reference point (Resultative Aspect).* (HENGEVELD E MACKENZIE, 2008, p. 210-211)

Como já visto no capítulo III, Hengeveld e Mackenzie (2008) mostra ainda outras possibilidades no domínio do Aspecto Fasal que são a de Aspecto Ingressivo e Egressivo, bem como a oposição Perfectivo-Imperfectivo em relação ao estado-de-coisas.

Para Comrie (1976), a Perfectividade deve ser entendida como um olhar externo sobre a situação, ou seja, de fora da situação, enquanto a Imperfectividade corresponde a um olhar para a estrutura interna da situação, ou seja, de dentro da situação. Para o autor, a pontualidade, diferentemente da duratividade, tem situações que não continuam no tempo ou não são concebidas como contínuas no tempo.

Com base nestes conceitos, vejamos como a categoria Aspecto é expressa no dialeto paulista. O Aspecto é a categoria mais marcada no dialeto paulista. Os dados revelam que o Kaingáng paulista marca Aspecto Perfectivo, Imperfectivo e Fasal.

a) Aspecto Perfectivo

Como visto anteriormente, a Perfectividade está relacionada ao traço de telicidade (dinâmico, acabado) da situação, ou, mais especificamente, uma situação perfectiva só tem existência quando do seu desfecho.

Para Comrie (1976), a Perfectividade deve ser entendida como um olhar externo sobre a situação. Já Castilho (2010, p. 424) afirma que o Aspecto Perfectivo apresenta estas propriedades:

> (1) Apresenta a predicação em sua completude, sem qualquer menção a fases.
> (2) Tal como o Imperfectivo, ocorre em predicações dinâmicas, com sujeito/específico/ na maior parte das vezes.
> (3) Ocorre na figura das narrativas, isto é, nos segmentos em que se narra o evento central.

Vejamos as marcas de Perfectividade que ocorrem no Kaingáng de Icatu.

1) **Marcas do Perfectivo no Passado:** *inha (nha) e nã*

O Aspecto Perfectivo no Passado é marcado por *inha*, como se nota em (17) e (75), e vem expresso no final da sentença.

(17)	*Ti-wã*	*tchopré*	*tẽ*	*kamã*	*un*	*tẽ*	*inha*[64]
	3SG.M-NOM	onça	matar	ter_costume	INDEF	morrer	**PERF.PAS**
	‘Ele, que costuma matar onça, matou uma. (O caçador matou uma onça)’						

(75)	*Ti_tĩ*	*wã*	*kutẽ*	*inha*
	3SG.M_pequeno	NOM	cair	**PERF.PAS**
	‘O menino caiu.’			

Em (17), observa-se que há a co-ocorrência da marca aspectual perfectiva *inha* com a expressão de modalidade *kamã (sempre, costumeiramente, ter costume, fazer sempre).* Em comunicação pessoal, D´Angelis esclarece que, na verdade, (17) é composta por duas orações.

(i)	*Ti-wã*	*un*	*tẽ*	*ja*
	3SG.M-NOM	INDEF	morrer	**PERF**
	Ele	uma	matou	

(ii)	*Tchopré*	*ter*	*kamã*
	Onça	morrer	ter_costume
	Onça	matar	costumar

Dessa forma, a tradução mais adequada, segundo D´Angelis, é:

[64] Em comunicação pessoal, D´Angelis esclarece que a marca aspectual ‘*inha’*, na verdade, é grafada como ‘*ja’* no Kaingáng do Sul.

(17) *Ti-wã* *tchopré* *tẽ* *kamã* *un* *tẽ* *inha*

3SG.M-NOM onça morrer ter_costume INDEF morrer **PERF.PAS**

‘Ele, que costuma matar onça, matou uma.’ Ou ainda: ‘Ele, o caçador, matou a onça.’

As sentenças (75) e (76) também expressam Perfectividade, segundo a tradução dos professores Kaingáng. Contudo, a marca aspectual perfectiva *inha*, que é usado para indicar evento no passado, somente aparece no final da sentença (75), e não em (76). Talvez em razão do multilinguismo (Português – Kaingáng – Terena) e à obsolescência do uso da língua indígena, no caso da língua Kaingáng, ora se emprega essa marca de Perfectivo no passado, ora não.

(75) *Ti_tĩ* *wã* *kutẽ* *inha*

3SG.M_pequeno NOM cair **PERF.PAS**

‘O menino caiu.’

(76) *Tãtâ_ tĩ* *wã* *kutẽ*

Mulher_pequena NOM cair

‘A menina caiu.’

A marca aspectual perfectiva *inha* apresenta ainda a variante *nha*, como se observa em (7) e (9). Em (7), a marca de Aspecto *nha* é um morfema preso ao habitual *tĩ.* Também em (9) notamos a presença dessa mesma marca com o habitual *tĩ*, porém, na versão Kaingáng, os professores indígenas não expressam o verbo principal *(caçar).*

(7) *Kotit_e* *ti-wã* *iamĩ_kuprí* *kakané* *pehut* *nha-tĩ*

Criança_PL 3SG-NOM pão_branco fruta comer **PERF.PAS**-HAB

‘As crianças foram comer pão e fruta.’

(9) *Kotit_ tĩ* *nhewe* *nha-tĩ*

Criança_pequeno animal **PERF.PAS**-HAB

‘O menino foi caçar o animal.’

Os dados mostram, então, que o Aspecto Perfectivo no dialeto Kaingáng paulista, que indica passado, é marcado por *inha* e pela variante *nha*, que estão em distribuição complementar, pois, quando ocorre independentemente do verbo, é expresso por *inha*, e, quando ocorre como clítico anteposto é marcado por *nha*.

Outra marca que indica evento acabado no passado é *nã*, que, nos dados de análise, aparece apenas em (143), co-ocorrendo com a marca de modalidade *nâ*, que indica certeza. No Kaingáng do Sul, é grafado como *nỹ*.

(143) *Fók* *nâ* *nã* *tere* *ka*

Homem_branco CERT **PERF.PAS** morrer mata

'O branco acabou com a natureza.'

b) Aspecto Imperfectivo

Como já visto no capítulo III, Bertinetto (1986) afirma que o Aspecto Imperfectivo focaliza o processo em curso e apresenta o estado de indeterminação a respeito do prosseguimento do processo. Também, como apresentado anteriormente, Hengeveld e Mackenzie (2008) esclarecem que a oposição Perfectivo-Imperfectivo indica se um estado-de-coisas é apresentado como um único todo (Perfectivo), ou, como visto de dentro (Imperfectivo).

Já para Comrie (1976), a Imperfectividade divide-se em duas categorias diferentes: o habitual e o contínuo. No Kaingáng de Icatu, a Imperfectividade vem geralmente expressa pelo habitual *tĩ*, como se observa em (83) e (128).

(83) *Kaingág_e* *wã* *takui* *iamã* ***tĩ***

Kaingáng_PL NOM aqui aldeia **HAB**

'Os Kaingáng moram em Icatu.'

(128) *Wi* *koma* *kaiké* *te* *bre-tĩ*’

3SG.F alma céu LOC morar- **HAB**

‘A alma dela vai morar no ceú (para o ceú).’

Pode ainda ocorrer repetição desse Habitual, indicando a oposição entre ação singular e múltipla, conforme observa D´Angelis (2002a). É o que se nota em (110) e (113), em que a repetição da marca *tĩ* caracteriza uma extensão, em um período de tempo, ou seja, intensifica o evento de “estar muito bem” em (110) e de “estar muito feliz por ver alguém” em (113).

(110) *Ik* *hâ* *tĩ* *tĩ*

1SG bom **HAB** **HAB**

‘Estou bem!’

(113) *I-wã* *nhak* *wé* *ka* *i-mã-hâ* *tĩ* *tĩ*

1SG-NOM você ver por 1SG-BENEF-bom **HAB** **HAB**

‘Fico feliz em te ver!’

No Kaingáng paulista de Icatu, a marca *mâ* também expressa Imperfectividade e ocorre apenas em (145), em que se nota também a presença do advérbio de Tempo *uri (hoje).* Esta sentença finaliza um dos textos de análise, que é o ‘Canto Kaingáng’, em que os índios lamentam a destruição que, para eles, o branco causou. Fica, então, subentendido que eles ainda continuam chorando, em razão do ocorrido e das consequências que permaneceram.

(145) *Uri* *kaingág* *mâ* *fã*

hoje Kaingáng **IMPERF** chorar

‘Hoje os índios estão chorando.’

c) Fasal

Como visto anteriormente, Bhat (1999), ao fazer uso do termo '*phasal aspects'* de Dik (1989), afirma que os aspectos Ingressivo, Progressivo, Egressivo e Resultativo distinguem diferentes 'fases' do evento. Logo, o falante pode comunicar um evento do ponto de vista de uma destas fases individuais, apresentando ou não marcadores flexionais da língua em uso.

Também Hengeveld e Mackenzie (2008), com base em Dik (1997), fazem distinção entre a oposição entre o Aspecto Perfectivo/Imperfectivo, bem como distinções de Aspecto Fasal. Como já dito, para estes autores, as distinções de Aspecto Fasal indicam a relação entre o ponto de referência temporal e uma fase dentro do desenvolvimento do Estado-de-coisas.

No dialeto Kaingáng paulista, observamos a existência destes aspectos: o egressivo, o ingressivo, o resultativo e o prospectivo. O aspecto fasal egressivo está relacionado à telacidade, à fase final do evento e é mais dinâmico, sendo expresso no Kaingáng paulista pela marca *kéia*, conforme (79), (80) e (81). O aspecto fasal ingressivo diz respeito à atelicidade, por indicar a fase de início do evento, sendo expresso, neste dialeto, pelo clítico -*nhe* antes do verbo, como se nota em (123).

(79) *Kofá inhut kéia*[65]

Velho chegar **TEL**

'O velho já chegou.'

(80) *Ak kofá inhut kéia*

3PL.M velho chegar **TEL**

'Os velhos já chegaram.'

[65] Segundo Wiesemann (2002, p. 31) *jun* corresponde a *'chegar'* e *kejẽn* significa *'às vezes, um dia, algum tempo, de vez em quando'*. Analogamente, entendemos '*inhut*' como '*jun*' e '*kéia*' como '*kejen*'.

(81) *Ti-wã* *kotit_tĩ* *ti-wã* *inhut* *kéia*

3SG.M-NOM criança_pequena 3SG.M-NOM chegar **TEL**

‘Aquele menino que já chegou.’

(123) *Ti-wã* *ka-kui* *nhe-pru*

3SG.M-NOM árvore-em **ATEL**-cima (subir)

‘Sobe na árvore.’

Como já visto, Gonçalves (2007, p. 178) esclarece que o marcador *nĩ* “é utilizado em eventos durativos, estativos, não-permanentes e não-durativos transformativos”, havendo ainda “marcadores aspectuais que parecem não evidenciar prioritariamente as perspectivas de ‘perfectividade’ ou ‘imperfectividade’, como é o caso das marcas aspectuais *nĩ, jẽ* e *nỹ*. No dialeto paulista, a marca *nĩ* em (109) indica um evento acabado, mas não permanente. Pode-se inferir que, ‘o fato de o menino chorar, revela que ele ficou triste’, o que parece, assim caracterizar um aspecto fasal resultativo.

(109) *Ti_tĩ* *wã* *fâ* ***nĩ***

3SG.M_pequeno NOM chorar **RES**

‘O menino chorou (ficou triste).’

Na sentença (127), retirada do texto sobre ‘a lenda da onça’, o fasal *nĩ* co-ocorre com a marca de modalidade dubitativa *mã*. Neste caso, o evento marcado aspectualmente ocorre posteriormente ao momento de referência.

Assim, a marca *nĩ* indica um aspecto fasal prospectivo, em que o Estado-de-coisas é caracterizado como um evento a acontecer depois do ponto de referência.

(127) *Tiné* *wi* *koma* *takui* *bret* ***nĩ-mã***

Porque 3SG.F alma aqui morar **PROSP**-DUB

‘Porque, provavelmente, a alma ia morar aqui.’

	ASPECTOS		
	PERFECTIVO	**IMPERFECTIVO**	**FASAL**
PASSADO	*inha (nha)* *nã* + modalidade doxástica (certeza)	----	*kéia* (egressivo) *nĩ* (resultativo) *nĩ*+modalidade dubitativa
PRESENTE	---	*tĩ* (habitual) *mâ* + marca lexical de tempo Presente	*nhe-* (ingressivo)

QUADRO 12: Marcas de Aspecto no Kaingáng Paulista de Icatu

Em síntese, o dialeto Kaingáng paulista de Icatu faz uso de marcas aspectuais para expressar o passado e o presente. O evento no passado vem expresso com marcas aspectuais de Perfectivo Passado, como *inha (nha) e na*, e também de aspecto Fasal, como *kéia* (egressivo), *nĩ* (resultativo) e *nĩ* seguido de marca *mã* de modalidade dubitativa. Já o evento no presente vem expresso, neste dialeto, por marcas de aspecto Imperfectivo, como o habitual *tĩ* e a marca *mâ* acompanhada de marca temporal (*uri*), e de aspecto Fasal, como o clítico *nhe-* que indica aspecto Ingressivo.

4.4.2.2 Modo

Como já visto, de acordo com Lyons (1979), a categoria Modo marca, gramaticalmente, a atitude do falante em relação ao *status* factual do que se está dizendo. Segundo Bhat (1999), as interrogativas são uma extensão da modalidade epistêmica, e as imperativas, da modalidade deôntica. A modalidade nas línguas pode ser gramaticalmente marcada por: (i) sufixos, clíticos e partículas; (ii) flexão verbal; (iii) verbos modais.

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), as modalidades orientadas para o evento descrevem a existência de possibilidades, obrigações gerais e outras, sem o Falante assumir responsabilidade por esses julgamentos[66]. Essas modalidades podem ser de natureza epistêmica, facultativa, deôntica e volitiva[67].

No *corpus* analisado do Kaingáng paulista, distinguimos quatro tipos de modalidade: a doxástica, a dubitativa, a epistêmica e a deôntica.

(a) Modalidade Doxástica

Segundo Gonçalves (2007), *nâ* corresponde a uma partícula de Modo que pode significar ‘é isso mesmo, mesmo, é mesmo’, enfatizando ou confirmando uma asserção.

Nas sentenças (141), (142), (143) e (144) do dialeto paulista, extraídas do “Canto Kaingáng”, essa partícula é usada para expressar o que o ‘homem branco de fato fez ao índio e à natureza’. Essa partícula retrata, portanto, um julgamento que o índio faz do branco. Em outras palavras, o índio considera como verdadeiro o fato de o branco ‘roubar suas terras’, ‘matar os índios’ e ‘acabar com o peixe e a natureza’.

[66] *Event-oriented modalities describe the existence of possibilities, general obligations, and the like, without the Speaker taking responsibility for these judgements.* (p.174)
[67] *Event-oriented modalities are not only epistemic in nature, but may be facultative, deontic, or volitive as well.* (p.174)

(141) *Fók* *nâ* *peinh* *ũn* *ã* *gag*

Homem_branco **CERT** roubar de alguém 3PL terra

'O branco (de fato) roubou nossa terra'

(142) *Fók* *nâ* *ti* *tẽ* *kaingág*

Homem_branco **CERT** 3SG.M matar Kaingáng

'O branco (de fato) matou os índios.'

(143) *Fók* *nâ* *nã* *tere* *ka*

Homem_branco **CERT** PERF.PAS matar mata

'O branco (de fato) acabou com a natureza.'

(144) *Fók* *nâ* *peinh* *ũn* *ã* *kofâra*

Homem_branco **CERT** roubar de alguém 3PL peixe

'O branco (de fato) acabou com os peixes.'

Como se vê, a partícula *nâ* expressa um julgamento (crença) e indica que o falante tem certeza de que o evento comunicado na proposição de fato ocorreu.

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), a modalidade doxástica permite o falante indicar que o conteúdo proposicional apresentado é verdadeiro.[68]

Sendo assim, parece-nos mais adequado considerar que essa partícula indica modalidade doxástica.

[68] *A doxastic modality permits the Speaker to indicate that s/he believes that the Propositional Content s/he is presenting is true*. (p. 153)

(b) Modalidade Dubitativa

Hengeveld e Mackenzie (2008, p.153) esclarecem que a "modalidade dubitativa permite ao falante mostrar que tem alguma dúvida sobre a verdade do conteúdo proposicional apresentado" [69]. No Kaingáng paulista de Icatu, notamos uma ocorrência que expressa essa modalidade, marcada por *mã* que, em (127), vem aglutinada à marca *nĩ* de aspecto prospectivo.

(127)	*Tiné*	*wi*	*koma*	*takui*	*bret*	*nĩ-mã*
	Porque	3SG.F	alma	aqui	morar	PROSP-**DUB**
	'Porque, provavelmente, a alma morar aqui.'					

(c) Modalidade Epistêmica:

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p.175), a modalidade epistêmica indica que o falante acredita na possibilidade de ocorrência do evento comunicado na proposição. Conforme os autores, a "modalidade epistêmica orientada para o evento caracteriza o Estado-de-coisas em termos de (im) possibilidade de sua ocorrência em relação ao que é conhecido sobre o mundo."[70] O dialeto paulista expressa essa modalidade por meio de *kamã* (*gostar de, fazer sempre, algo que sempre acontece, ter costume*), já que indica a certeza da ocorrência do evento, como se nota em (46) e (77).

(46)	*Ne*	*tãtâ_ tĩ*	*goiotchô*	*kronia*	*kamã*
	Por que	mulher_pequena	café	beber	**sempre**
	'Por que a menina sempre bebe café?'				

[69] *[…] dubitative modality allows the Speaker to indicate that s/he has some doubts about the truth of the Propositional Content s/he is presenting […].* (p.153)
[70] *Epistemic event-oriented modality characterizes States-of-Affairs in terms of the (im)possibility of their occurrence in view of what is known about the world.* (p.175)

(77) *Ti_tĩ* *wẽwó* *kamã*
3SG.M_pequeno correr **sempre**
'O menino corre sempre.'

Em (17), a expressão de modalidade *kamã* co-ocorre com a marca de aspecto Perfectivo *inha* e expressa a certeza em relação ao evento passado. Como já visto, essa sentença é composta por duas orações, podendo ser traduzida como segue entre parênteses.

(17) *Ti-wã* *tchopré* *tẽ* *kamã* *un* *tẽ* *inha*
3SG.M-NOM onça matar **ter_costume** INDEF matar ASP
'O caçador matou uma onça. (Ele, que costuma matar onça, matou uma.)'

Na sentença (122), essa expressão aparece junto ao qualitativo *'nhô' (=brava),* expressando *'algo que de fato sempre acontece'*.

(122) *Tchopré* *gag* *nhô-kamã*
Onça terra brava-sempre
'Quando a onça está no chão, fica brava sempre.'

Além da expressão *kamã*, no Kaingáng paulista, a partícula *wẽ* expressa modalidade epistêmica orientada para o evento, indicando que o falante considera possível o evento comunicado na proposição, mas não real na situação retratada. Esta partícula é grafada pelos professores Kaingáng de Icatu com a letra '*w*'. Contudo, em outros trabalhos, é geralmente grafada como *'vẽ'*.

De acordo com Gonçalves (2007), a partícula *'vẽ'* apresenta sentidos diferentes, dependendo da estrutura (ou do período) de que faz parte. A autora esclarece, porém, que esta partícula vem sendo utilizada como 'marcador' de Modo, já que indica que o evento, apesar

de possível, não ocorre, conforme Gonçalves (2009b). Por outro lado, pode apresentar a função de confirmar o que foi dito, passando a ser um assertivo. Para Gonçalves (2010b), o *'vẽ'* assertivo indica modalidade epistêmica, já que o falante se compromete com a verdade da proposição.

No dialeto Kaingáng paulista, a partícula *wẽ* indica que, apesar de possível ou esperado, o evento não acontece, como se nota em (48) e (49), em que o evento "a menina bebe café" é real (ela de fato toma café), mas, na situação retratada, isso não acontece; portanto, é irreal, mostrando que ela sempre faz a 'ação de beber café', mas naquele momento não fez.

(48) *Tãtâ_tĩ* *goiotchô* *krot* ***wẽ***
Mulher_pequena café beber MOD
'A menina bebe café (mas não bebeu).'

(49) *Wi* *wã* *goiotchô* *krot* ***wẽ***
3SG.F NOM café beber MOD
'Ela bebe café (mas não bebeu).'

(d) Modalidade Deôntica:

Conforme Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 176):

> Modalidade deôntica orientada para o evento caracteriza o Estado-de-coisas em termos do que é obrigatório ou permitido dentro de alguns sistemas de convenções morais ou legais. [...] As obrigações expressas, por meio da modalidade deôntica orientada para o evento, não recaem sobre um participante particular, mas representa regras gerais de conduta.[71]

[71] *Deontic event-oriented modality characterizes States-of-Affairs in terms of what is obligatory or permitted within some system of moral or legal conventions. […] In contrast to deontic participant-oriented modality, the obligations expressed by means of deontic event oriented modality do not rest upon a particular participant, but represent general rules of conduct.* (p.176)

O dialeto paulista de Icatu apresenta dois marcadores de modalidade deôntica: a partícula *ra* e *mô* (*poder*). De acordo com Gonçalves (2010b), *ra* pode expressar uma modalidade orientada, em que o falante impõe condições diretivas ao destinatário, como, por exemplo, um comando, uma recomendação.

Neste dialeto, a partícula *ra* aparece no texto relatado 'receita', que é um gênero textual em que predomina o Imperativo, ou seja, constitui uma tentativa do falante (produtor do texto) em influenciar seu destinatário a executar o proposto no conteúdo comunicado. Em (130), o uso da partícula *ra* indica que o ato de '*quebrar*' e '*carregar*' o milho é uma ação obrigatória para quem deseja fazer o '*penfuron*' (*mingau de milho ou curau*), ali na aldeia, podendo ser o '*eu*' (*ik*), quem está dando a receita, como outra pessoa.

(130) *I-wé* *hike-ra*
1SG-quebrar carregar-MOD
'Eu quebro e carrego o milho.'

Já a partícula *mô*, no Kaingáng paulista, indica permissão, sendo traduzida em português pelo modal *'poder'*, como se vê em (47) e (86).

(47) *Tãtâ_tĩ* *goiotchô* *kronia* *mô*
Mulher_pequena café beber **poder**
'A menina pode beber café?'

(86) *Wẽwó* *tãtâ_ tĩ* *mô*
correr mulher_pequena **poder**
'A menina pode correr?'

O quadro13 apresenta um resumo das marcas de Modalidade no Kaingáng paulista de Icatu:

MODALIDADE			
DOXÁSTICA	**DUBITATIVA**	**EPISTÊMICA**	**DEÔNTICA**
nâ	*mã* (aglutinada à marca *nĩ* de Aspecto Prospectivo)	*wẽ* *kamã* (*sempre, algo que sempre acontece, ter costume*)	*ra* *mô* (*poder*)

QUADRO 13: Marcas de modalidade no Kaingáng Paulista de Icatu

Sumarizando, em relação à categoria Modo, este dialeto apresenta distinções quanto à modalidade, podendo ser: doxástica, dubitativa, epistêmica e deôntica. A modalidade doxástica vem expressa por *nâ* e indica uma certeza por parte do falante. A modalidade dubitativa expressa uma dúvida, uma incerteza, sendo marcada por *mã*. Já a modalidade epistêmica orientada para o evento vem geralmente expressa, neste dialeto, por *kamã (sempre, ter costume)* e por *wẽ,* indicando a possibilidade de ocorrência de um evento que, na verdade, não se realiza. A modalidade deôntica é marcada por *ra*, indica modalidade orientada em sentença imperativa, e por *mô* (*poder*) que indica permissão.

4.4.2.3 Tempo

Conforme Comrie (1976), o Tempo está relacionado ao momento da fala e, por ter usualmente referência ao momento presente, é considerado uma categoria dêitica. Segundo o autor, comumente, faz-se referência aos tempos Presente, Passado e Futuro.

A ideia de localização da situação no tempo é uma noção conceitual, segundo Comrie (1985). Sendo assim, todas as línguas têm formas de situar o Tempo, mas diferem uma das outras em dois parâmetros: (i) grau de precisão da situação temporal que são factíveis em diferentes línguas; e (ii) modo no qual as situações são localizadas no tempo.

Para Comrie (1985), o Tempo é uma expressão gramaticalizada de localização temporal, podendo ser expresso por: (a) expressões compostas lexicalmente; (b) itens lexicais (por exemplo, palavras como *hoje, amanhã, agora*); (c) categorias gramaticais.

Reichenbach (1947) mostra a ordenação do Tempo a partir de três pontos: (i) Anterior ao Momento da Fala (MF); (ii) Simultâneo ao MF; (iii) Posterior ao MF.

Com base em Reichenbach, Bertinetto (1986) propõe a seguinte referência temporal:

TEMPO VERBAL	**REICHENBACH (1947)**
Presente	ME[72], MR[73], MF[74]
Passado Simples	ME, MR – MF
Passado Perfeito	ME-MR-MF
Futuro Simples	MF-MR, ME
Futuro Composto	MF-ME-MR

QUADRO 14: Reformulação de Bertinetto (1986) da referência Tempo

Fonte: adaptado de Gonçalves (2007, p.22)

[72] Segundo Corôa (2005, p. 41), ME equivale ao Momento do Evento, que "é o momento em que se dá o evento (processo ou ação) descrito, é o tempo da predicação."

[73] De acordo com Corôa (2005, p.41), MR equivale ao Momento de Referência, que "é o tempo da referência; o sistema temporal fixo com respeito ao qual se definem simultaneidade e anterioridade; é a perspectiva do tempo relevante, que o falante transmite ao ouvinte, para a contemplação do ME."

[74] A vírgula [,] , nesse caso, indica simultaneidade. O MF (Momento da Fala), conforme Corôa (2005, p. 41), "é o momento da realização da fala; o momento em que se faz a enunciação sobre o evento (processo ou ação); é o tempo da comunicação."

Neste estudo, o Tempo é considerado uma categoria dêitica, em que a fala é o ponto de referência, ou seja, o momento presente, podendo ser expresso por meios lexicais, advérbios de tempo e tempo verbal.

O dialeto Kaingáng paulista de Icatu indica apenas os tempos Presente e Futuro, como se nota nos exemplos que seguem.

O tempo Presente, como exemplificado em (19), (112) e (145), é sempre marcado por meios lexicais (advérbios de tempo): *hâ (agora)* em (19), *uri (hoje)* em (112) e (145). No caso dessas sentenças, o Momento do Evento (ME) e o Momento de Referência (MR) ocorrem simultaneamente ao Momento da Fala (MF), correspondendo, segundo Reichenbach (1947 *apud* Bertinetto, 1986), ao tempo verbal Presente (ME, MR, MF).

(19) *Ak* *wã* *rĩhô* *ko* *hâ*
3PL.M NOM tatu comer **agora**
'Eles comem tatu agora.'

(112) *Ik* *wã* *uri* *korék*
1SG NOM **hoje** ruim
'Hoje estou mal!'

Também a marca de Tempo Presente pode co-ocorrer com marca de Imperfectivo *mâ*, como em (145).

(145) *Uri* *kaingág* *mâ* *fã*
hoje Kaingáng ASP chorar
'Hoje os índios estão chorando.'

O tempo Futuro, por outro lado, é marcado gramaticalmente, como se vê em (14) e (123). Em (14), a marca *wuru* vem antes do verbo *ko (comer)*, indicando um evento posterior ao Momento de Fala (MF).

(14) *Kotit_ e* *wuru* *ko*
Criança_PL **FUT** comer
'As crianças vão se alimentar (vão almoçar).'

Para expressar um tempo posterior ao Momento de Fala (MF), esse dialeto faz também uso de marcas lexicais, como *mã* que significa '*dali a pouco'* em (126).

(126) *Mã*[75] *kaingág* *piri* *tere* *mek*
Dali_a_pouco Kaingáng NUM morrer sentir
'Dali a pouco um índio morre.

	TEMPO	
	PRESENTE	**FUTURO**
MARCAS LEXICAIS	*hâ* (*agora*) *uri* (*hoje*)	*mã* (*dali a pouco*)
MARCA GRAMATICAL	------	*wuru*

QUADRO 15: Marcas da categoria Tempo no Kaingáng paulista de Icatu

[75] Conforme Gonçalves (2007), a marca "*ma*" indica evento posterior ao MF e co-ocorre com marca de Futuro.

Sumarizando, o dialeto Kaingáng paulista de Icatu determina o tempo em relação ao momento do ato de fala de um enunciado, distinguindo o tempo Presente e o tempo Futuro, por meio de marcas lexicais e gramaticais. No tempo Presente, em que há simultaneidade entre o Momento do Evento, Momento de Referência e Momento da Fala, apresenta marcas lexicais, como o advérbio de tempo *uri (hoje).* Já o tempo Futuro, que se refere à posterioridade do Momento do Evento e do Momento de Referência em relação ao Momento da Fala, vem expresso por marcas gramaticais, como *wuru* em (14), e marcas lexicais, como a marca *mã* em (126). E, como já visto na categoria Aspecto, este dialeto marca o tempo Passado fazendo uso de marcas aspectuais, como os aspectuais *inha (nha) e na* de Perfectivo Passado, e também com marcas de aspecto Fasal, como *kéia (já).*

Considerações Finais

Desta forma, os resultados da análise mostram que, com relação à ordem de constituintes, o dialeto Kaingáng paulista de Icatu segue predominantemente a ordem SOV (Sujeito-Objeto-Verbo), confirmando assim o universal 1 de Greenberg, ou seja, em declarativas, quase sempre o Sujeito precede o Objeto, conforme também já observara D´Angelis (2008a). Além disso, caracteriza-se como uma língua posposicional, uma vez que operadores e modificadores antecedem o núcleo (o verbo), de acordo com o universal 4 de Greenberg.

Assim considerando, podemos notar que o Kaingáng paulista, na verdade, não vem sofrendo influência do português a ponto de mudar sua ordem padrão, em outras palavras, diferentemente do português, cujos padrões são SVO e VS (cf. Pezatti, 1992), o Kaingáng ainda preserva o padrão SOV, caracterizando-se como língua posposicional.

Já, em relação ao TAM (Tempo-Aspecto-Modo), no dialeto Kaingáng paulista de Icatu, são marcados o Aspecto, o Modo e o Tempo.

Quanto ao Aspecto, essa variedade distingue o Perfectivo, o Imperfectivo e o Fasal, cujas marcas geralmente são expressas no final da oração. As marcas de Perfectividade que indicam evento no passado são as partículas i*nha (nha) e nã*. Já a Imperfecitividade, neste dialeto, vem expressa pelo habitual *tĩ* e por *mã*, que co-ocorre com a marca de Tempo *uri (hoje)*. Este dialeto também apresenta as distinções de Aspecto Fasal que, conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), mostrando a relação entre o ponto de referência temporal e uma fase dentro do desenvolvimento do Estado-de-coisas. Assim, o Fasal nesse dialeto pode ser: (i) egressivo, marcado por *kéia*; (ii) ingressivo, sinalizado pelo clítico *nhe-*; (iii) resultativo, que vem expresso por *nĩ*, como em (109); (iv) ou ainda prospectivo, em que a marca *nĩ* co-ocorre com a marca de modalidade dubitativa *mã*, conforme (127).

Quanto à categoria Modo, na verdade, esse dialeto apresenta somente distinções entre quatro modalidades: a doxástica, a dubitativa, a epistêmica e a deôntica. A modalidade doxástica vem expressa por *nâ*; a modalidade dubitativa vem expressa por *mã*; a modalidade epistêmica orientada para o evento é marcada por *kamã (sempre, ter costume)* e, quando, no entanto, indica a possibilidade de ocorrência de um evento que não se realiza, é expressa por *wẽ*; e a modalidade deôntica que, nesse dialeto, ocorre como modalidade orientada em imperativas, sendo expressa pela partícula *ra*, e também pela partícula *mô (poder)*, que indica.

Há, ainda, no dialeto Kaingáng paulista de Icatu uma distinção entre Presente/Passado e o Futuro. O tempo Presente vem expresso por meio de marcas lexicais, como *uri (hoje).* Já o tempo Futuro faz uso de marca gramatical, como *wuru*, e lexical, como *mã* (dali a pouco). O Passado vem geralmente expresso, neste dialeto, com marcas de Aspecto.

PARTE IV:

GENERALIZAÇÕES E IMPLICAÇÕES TEÓRICAS

CAPÍTULO 5

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE O KAINGÁNG PAULISTA DE ICATU E O KAINGÁNG DO SUL

Neste capítulo, comparamos o Kaingáng do Sul e o Paulista de Icatu, com base no que apresentamos, respectivamente, nos capítulo 3 e capítulo 4, em que cada dialeto foi tratado em sua particularidade quanto à ordem de constituintes e ao Tempo, Modo e Aspecto (TAM). O propósito deste capítulo é verificar se, de fato, há diferenças entre os dois dialetos. Além disso, pretende-se averiguar se há divergências entre o Kaingáng do Sul e o Kaingáng paulista por conta do contato com o português e com o Terena, que também é falado na aldeia.

Para desenvolvermos esta comparação, é importante retomarmos alguns estudos, já citados, que elaboraram comparação entre o Kaingáng paulista e os demais dialetos, como os de Cavalcante (1987), D´Angelis (2000, 2002c[76], 2005 e 2008a), Jolkesky (2010).

Cavalcante (1987, p. 01), em seu estudo comparativo entre o dialeto do Paraná e o dialeto paulista, trata do Kaingáng paulista da aldeia Vanuíre, próxima à cidade de Tupã (SP) e afirma, na introdução de sua tese, que:

> [...] os Kaingáng vêm cruzando-se com outros índios e com brancos, situação que tem favorecido progressivamente o uso da língua portuguesa, com crescente restrição do uso da língua indígena, a qual poderá dentro de alguns anos ser substituída inteiramente pelo português. Poucos dominam ainda o Kaingáng.

[76] D´Angelis (2002c, p.95) trata da nasalidade e da soanticidade do Kaingáng paulista e do Mẽbengokre, mostrando "a diferença dialetal do Kaingáng e o significativo distanciamento da fonologia do Mẽbengokre em relação à fonologia das demais línguas Jê".

A autora concluiu que o Kaingáng de São Paulo apresenta um monitoramento das realizações fonéticas menos preciso do que, no caso, o do Paraná, mostrando as causas e as consequências disso:

> A causa dessa diferença no monitoramento da produção fonética pode ser associada à situação de franca obsolescência em que se encontra o dialeto paulista: os poucos falantes que subsistem numa comunidade cujos membros em sua grande maioria agora só falam o Português, língua que eles mesmos têm de usar para falar com a maioria, têm consideravelmente reduzidas suas oportunidades de ouvir a língua nativa e, consequentemente, dispõem de pouca retroalimentação (feed-back) para controlar eventuais desvios articulatórios, os quais, nessas circunstâncias, tendem a avolumar-se e a ampliar-se. (CAVALCANTE, 1987, p.129)

D´Angelis (2000, p.127) diz que, "diferentemente dos dialetos do Sul, o Kaingáng de São Paulo está ameaçado de extinção"[77]. E, em trabalho posterior, ao tratar a unificação e diversificação ortográfica, o autor mostra que:

> O isolamento geográfico terá sido, certamente, uma das causas da diferenciação dialetal mais pronunciada observada nos Kaingáng paulistas em relação aos grupos Kaingáng situados ao sul do Paranapanema. Outras razões certamente serão as relações interétnicas estabelecidas em cada região (não apenas com respeito ao sul e norte do rio Paranapanema, mas também, em regiões distintas dos Kaingáng da parte meridional), o que implicou em empréstimos e mútuas influências entre as diferentes línguas. (D´ANGELIS, 2005, p. 30)

Ao comparar a sintaxe do Kaingáng do Sul com a de São Paulo, D´Angelis (2008a, 42) esclarece:

> [...] é necessário lembrar [...] que o Kaingáng paulista praticamente não é mais uma língua falada. Isso pode, em boa medida, estar por trás de certas simplificações e, mesmo, explicar certas orações aparentemente mal construídas. O aspecto que mais chama a atenção, logo aos primeiros contatos com a sintaxe do dialeto paulista, diz respeito à marca de Sujeito, ou Nominativo. Nos dialetos do Sul, há várias marcas, cuja escolha é determinada por aspectos semânticos e pragmáticos [...]. No conjunto [...] de orações [...] tomadas [,,,] entre os Kaingáng paulistas [...] se destaca [...] a presença constante e única da forma [*wã*].

[77] *A diferencia de los dialectos del Sur, el dialecto Kaingáng hablado em São Paulo se encuentra en vias de extinción.* (p.127)

Em sua dissertação sobre a reconstrução fonológica e lexical do Proto-Jê Meridional, Jolkesky (2010, p.46) também aborda a língua Kaingáng paulista, apresentando estas considerações:

> Os Kaingáng paulistas vivem nas TIs Icatu e Vanuíre, no oeste do Estado de São Paulo (Brasil). [...] A língua encontra-se em forte situação de obsolescência; conta com dez falantes, incluindo os lembrantes: 4 mulheres (+55 anos) e 2 homens (+65 anos) na TI Vanuíre; 2 mulheres (+60 anos) na TI Icatu. As duas falantes da TI Icatu utilizam a língua cotidianamente [...].

Na conclusão de seu trabalho, o autor (op. cit., p. 263-264) esclarece ainda que:

> Infelizmente, a maioria absoluta dos dados existentes do Kaingáng paulista foi coletada já durante sua situação avançada de obsolescência, que é revelada no léxico [...]. Outro indício do corrente processo de obsolescência do Kaingáng paulista diz respeito à realização alternativa das descontínuas sonoras como nasais plenas em *onset* e diante de vogais orais [...]

Para Jolkesky (2010, p. 264), a obsolescência deve ser entendida da seguinte maneira:

> Entendida em termos demográficos, obsolescência caracteriza-se essencialmente por uma situação de baixa proporção de falantes da língua nativa numa comunidade linguisticamente aculturada que, concomitantemente com a ausência de monolinguismo, é acarretadora de aceleração descomedida dos processos de mudança – dentre os quais, a opacidade fonêmica e a simplificação gramatical.

Dos estudos comparativos entre o Kaingáng paulista e os demais dialetos, notamos que, desde Cavalcanti (1987) a Jolkesky (2010), o dialeto paulista está em obsolescência, com perdas de marcas gramaticais, como afirma D´Angelis (2008a). O português predomina sobre o Kaingáng, como mostrado por Cavalcanti (1987), já que, em Icatu, é falado apenas por duas falantes nativas. Notamos, ainda, que estes estudos comparativos dizem respeito à fonética/fonologia do Kaingáng paulista.

Em nosso estudo, tratamos da morfossintaxe. É importante destacarmos que, apesar dessa obsolescência, notamos no capítulo anterior, que o dialeto paulista de Icatu mantém marcas morfossintáticas, que particularizam sua ordenação e categorias Tempo-Aspecto-Modo (TAM). Vejamos, então, as distinções de ordenação e de marcas do TAM entre o Kaingáng paulista de Icatu e o Kaingáng do Sul.

5.1 Quanto à ordenação

Como já destacado, D´Angelis (2005), Gonçalves (2007) e Almeida (2008) consideram que o Kaingáng constitui-se basicamente como uma língua SOV (Sujeito – Objeto – Verbo), com sujeito marcado morfologicamente e o objeto anteposto ao verbo. Assim, para fazermos a comparação da ordenação de palavras entre o dialeto do Sul e o Paulista de Icatu, tomamos por base os tipos de ordenação: a ordem SOV e a ordem SVO (em sentenças transitivas), a ordem SV (em sentenças intransitivas) e outros padrões de sentenças (identificação, predicativas e existenciais).

5.1.1 Ordem SOV

A ordem SOV ocorre no Kaingáng paulista com sentenças transitivas e bitransitivas. Para marcar o sujeito destas sentenças, como já visto, este dialeto faz uso apenas da marca *wã* de Nominativo.

Neste dialeto, a ordem SOV apresenta o sujeito marcado em sentenças declarativas afirmativas, como em (7), (17), (19) e (22), e declarativas negativas como em (16), em que aparece a marca *tõ* de negação no final da sentença.

(7)	*Kotit_e*	*ti-wã*	*iamĩ_kuprí*	*kakané*	*pehut*	*nha-tĩ*
	Criança_PL	3SG-NOM	pão_branco	fruta	comer	ASP-HAB
	S		**O**		**V**	

‘As crianças foram comer pão e fruta.’

(17)	*Ti-wã*	*tchopré*	*tẽ*	*kamã*	*un*	*tẽ*	*inha*
	3SG.M-NOM	onça	matar	senpre	INDEF	matar	ASP
	S	**O**	**V**				

‘Ele, que sempre mata onça, matou uma. (O caçador matou uma onça)’

(19)	*Ak*	*wã*	*rĩhô*	*ko*	*hâ*
	3PL.M	**NOM**	tatu	comer	agora
	S		**O**	**V**	

‘Eles comem tatu agora.’

(22)	*Ik*	*wã*	*goio_kupri*	*kohâ*
	1SG	**NOM**	água_branca	gostar
	S		**O**	**V**

‘Eu gosto de leite.’

(16)	*Ti-wã*	*rere*	*wé*	*tõ*
	3SG.M-NOM	sol	ver	**NEG**
	S	**O**	**V**	

‘Ele não viu o sol.’

Também, neste dialeto, a ordem SOV ocorre em sentenças interrogativas totais, como em (33), (39) e (49), e em interrogativa parcial, em que aparece o pronome interrogativo *renki* referente ao tempo, conforme (44).

(33) *Wi* *wã* *goiotchô* *krot*

3SG.F NOM café beber

S **O** **V**

‘Ela bebe café?’

(39) *Wi* *wã* *goiotchô* *krot* *tõ*

3SG.F **NOM** café beber NEG

S **O** **V**

‘Ela não bebeu café?’

(49) *Wi* *wã* *goiotchô* *krot* *wẽ*

3SG.F **NOM** café beber **MOD**

S **O** **V**

‘Ela bebe café (mas não bebeu)?’

(44) *Tãtâ_tĩ* *wã* *renki* *goiotchô* *krot*

Mulher_pequena **NOM** **INTER** café beber

S **O** **V**

‘Quando a menina bebe café?’

A ordem SOV, com sujeito marcado, aparece também em sentenças bitransitivas nesse dialeto. Neste caso, a marca *ma* de Beneficiário vem aglutinada ao verbo, formando a expressão *imanim* (*dar para mim*), que vem na posição final da sentença, como se nota em (118).

(118) *Ti-wã* *pehô* *i-ma-nim*

3SG.M-NOM abóbora 1SG-BENEF-dar

S **O** **O** **V**

‘Ele deu a abóbora para mim.’

No entanto, algumas vezes a ordem SOV não apresenta marca de Nominativo neste dialeto. Isso ocorre em sentenças: a) declarativas afirmativas, como em (8) e (15); b) em interrogativas totais, como em (29) e (35); c) em interrogativas parciais, como em (43), em que aparece o pronome interrogativo *rentâ* (*onde*).

(8) *Ẽ* *kakrẽ* *guere* *krẽ*
2SG sogro milho plantar
S **O** **V**
'Teu sogro planta milho.'

(15) *Tãtâ_tĩ* *koió* *wé*
Mulher_pequena papagaio ver
S **O** **V**
'A menina viu o papagaio.'

(29) *Kotit* *goio* *krot*
Criança água beber
S **O** **V**
'A criança bebe água?'

(35) *Kotit* *lengró* *koia* *tõ*
Criança feijão comer NEG
S **O** **V**
'A criança não come feijão?'

(43) *Tãtâ_tĩ* *rentâ* *goiotchô* *krot*
Mulher_pequena **INTER** café beber
S **O** **V**
'Onde a menina bebe café?'

Por outro lado, há sentenças que, por não expressarem o Sujeito, apresentam o padrão OV (Objeto-Verbo). Isso ocorre neste dialeto com sentenças: (a) declarativas com objeto topicalizado, com em (13); (b) interrogativas parciais em que ocorre o pronome interrogativo *unã* (*quem*), como em (42); (c) em imperativas seguidas de vocativo, com em (53); (d) em imperativas negativas, com o pronome *tõ* de Negação na posição final, com em (62); (e) em exortativas, com a marca *tahap* (*vamos*) na posição inicial, conforme (68).

(13) *Lengró koia e*
TOP comer INTENS
O **V**
'O feijão, comi bastante.'

(42) *Unã goio krot*
quem água beber
O **V**
'Quem bebe água?"

(53) *Lengró koia kotit*
Feijão comer **VOC**
O **V**
'Coma feijão, criança!'

(62) *Goio kronia tõ*
Água beber NEG
O **V**
'Não beba água.'

(68) *Tahap nenu koia*
EXORT algo comer
O **V**
'Vamos comer alguma coisa!'

Sentenças bitransitivas sem a presença do sujeito também apresentam ordem OV, como em (120) e (121), em que a marca *ma* de Beneficiário precede o verbo, vindo a ele aglutinado.

(120) *Ma-nim* *kofâra*
BENEF-dar peixe
OI **V** **OD**
'Me dá peixe!'

(121) *Ma-nim* *kamó*
BENEF-dar banana
OI **V** **OD**
'Me dá banana!'

Há ainda sentenças sem verbo, não sendo, portanto, possível determinar sua ordenação, já que tomamos como referência o verbo, como se nota em (114):

(114) *Wi* *weié* *krĩhâ*
3.SG.F flor professora
'Ela dá a flor para a professora.'

Considerações Finais

Sumarizando, notamos que o Kaingáng paulista usa apenas uma marca de Nominativo, não fazendo distinção entre agente iniciador ou não. Além disso, nem todas as sentenças que apresentam a ordem SOV marcam o Nominativo, mostrando, como diz Jolkesky (2010), o processo de obsolescência deste dialeto, que, por apresentar poucos falantes, não usa com regularidade das marcas gramaticais que o caracterizam. O dialeto paulista marca gramaticalmente as ilocuções interrogativas por meio de partículas interrogativas, e as exortativas, por meio do lexema *tahap*. As demais ilocuções se distinguem apenas prosodicamente.

Já a ordem predomimnante no Kaingáng do Sul é também a ordem SOB, em construções transitivas e bitransitivas. Mas, diferentemente do Kaingáng paulista, apresenta aproximadamente dez marcas de Nominativo: *tòg, vỹ, ne, mỹ, jé, tỹ, ta, vé, pijé, pi.* (Cf.WIESEMANN, 2002; GONÇALVES, 2007)

De acordo com D´Angelis (2004, p.73), "as partículas *tag, tóg, tỹ, vỹ e ne* são marcas de caso Nominativo [...], ainda que comportem diferenças relacionadas a papel temático e modo". Segundo Wiesemann (1967), a partícula *ne*, por exemplo, indica que o Sujeito é agente e também responsável pela ação, conforme exemplifica (4).

(4)	*Kỹ*	*ti-ne*	*ã-japỹ*	*pũn*	*mũ*[78]
	Então	3SG.M-**NOM**	2SG-roça	queimar	ASP
		S	**O**	**V**	
	'Então ele queima a sua roça'				(adapatado de Wiesemann, 1967, p.34)

Em (12), a marca *tóg* indica Sujeito agente em sentença transitiva direta:

(12)	*Kofá*	*tóg*	*pỹn*	*tãnh*
	Velho	**NOM**	cobra	matar
	S		**O**	**V**
	'O velho matou a cobra.'			(adaptado D´Angelis, 2006, p.5)

Em (13), *ta* marca também o Sujeito agente em sentença transitiva indireta:

(13)	*Kanhgág*	*ta*	*no*	*ta*	*kajẽr*	*pin*
	Kaingáng	**NOM**	flecha	com	macaco	atirar
	S				**OI**	**V**
	'O índio atirou no macaco com a flecha.'					(adaptado Gonçalves, 2007, p. 16)

[78] Wiesemann (1971, p. 60) considera também a palavra '*mũ*' como um indicador de aspecto, podendo apresentar o sentido de "fazendo, narrativo, ação única, consequência." E apresenta o seguinte exemplo:
"*Ẽg mỹ tag han mũ*? Vamos fazer isto?"

Já em (17), *vỹ* indica um Sujeito enfático:

(17)	*Kanhgág*	*ag*	***vỹ***	*rẽgró*	*ko*	*tĩ.*
	Kaingáng	3PL	**NOM**	feijão	comer	ASP
	‘Os índios comem feijão’.			(adaptado D´Angelis, 2004 *apud* Gonçalves, 2007, p. 96)		

Em sentenças bitransitivas, como (14), (15) e (62), o dialeto do Sul apresenta a marca *tóg* para marcar Nominativo e *mỹ* para marcar o Beneficiário. De acordo com D´Angelis (2006, p.5), “o objeto direto, o beneficiário da ação, aparece acompanhado da posposição ***mỹ*** e, dessa forma, pode estar colocado em lugares diferente da oração”, como se observa nas sentenças abaixo.

(14)	*Inh*	*prũ*	*fi*	*tóg*	*Maria*	***mỹ***	*kukrũ*	*nĩm*
	1SG	esposa	3S.F	**NOM**	Maria	BENEF	panela	dar
		S			**OI**		**OD**	**V**
	‘Minha mulher deu a panela para Maria.’				(adaptado D´Angelis, 2006, p.5)			

(15)	Inh	*prũ*	*fi*	*tóg*	*kukrũ*	*nĩm*	*Maria*	***mỹ***
	1SG	esposa	3S.F	**NOM**	panela	dar	Maria	BENEF
		S			**OD**	**V**	**OI**	
	‘Minha mulher	deu a panela para Maria.’					(adaptado D´Angelis, 2006, p.5)	

(62)	*inh*	***mỹ***	*fi*	*tóg*	*pého*	*nim*
	1SG	**BENEF**	3SG.F	**NOM**	abóbora	dar
	S	**OI**			**OD**	**V**
	‘Ela deu a abóbora para mim.’				(adaptado de D´Angelis, 2004, p.76)	

Na sentença (30) deste dialeto, em que se tem um Sujeito pronominal (*inh = eu*) e um Objeto inanimado (*rẽgró = feijão*), não ocorre a marca de Nominativo:

(30) *Vajkỹ* *inh* *rẽgró* *krãn* *rãj*

Amanhã 1SG feijão plantar começar

S **O** **V**

‘Amanhã eu vou plantar meu feijão.’ (adaptado Gonçalves, 2009a, p.255)

Em síntese, notamos que, no dialeto Kaingáng do Sul, predomina a ordem SOV nas sentenças declarativas, que são o tipo de ilocução presente nos diversos trabalhos que tomamos por base, não havendo exemplos de outras ilocuções para comparação. Também não foram encontradas ocorrências OV, ou seja, sem a presença do Sujeito. Com exceção de uma construção, as demais ocorrências sempre apresentam marca de Nominativo, sendo as mais usadas: *tóg* (em sentenças transitivas diretas e bitransitivas, indicando sujeito agente), *ta* (em sentenças intransitivas), *vy* (indicando sujeito enfático), *ne* (indicando sujeito agente e responsável pela ação). A marca de Beneficiário no dialeto do Sul é *mỹ* enquanto que, no Kaingáng paulista, *mã* é usado para marcar o Beneficiário, podendo vir aglutinado (ou não) ao verbo.

5.1.2 Ordem SVO

Das 145 sentenças que compõem o *corpus* do dialeto Kaingáng paulista, apenas 11 apresentaram ordem SVO. Somente duas sentenças transitivas fazem uso da marca *wã* de Nominativo: na sentença (10), em que o Sujeito é animado (*tâtã tĩ = menina*) e o Objeto inanimado (*no=flecha*), a marca *wã* vem aglutinada ao verbo (*komi = pegar*); já na sentença (21), a marca *wã* não se aglutina ao verbo e parece indicar o Sujeito enfático (*ak = eles*).

(10) *Tãtâ_ tĩ* *wa-komi* *no*

mulher_pequena **NOM**-pegar flecha

S **V** **O**

‘A menina pegou a flecha.’

(21) *Ak* *wã* *Kaingág* *tẽ* *inha* *rĩhô*

3PL.M **NOM** Kaingáng matar ASP tatu

S **O** **V**

‘Os Kaingáng mataram um tatu.’

Kara *kofâra* *pire* *mẽ* *inha* *kara* *ko*

e peixe NUM pegar ASP e comer

‘e pescaram um peixe e comeram.’

Em (1), (2), (3), (4) e (12), porém, o sujeito não é marcado. Os marcadores de quantificação (*e = mais de um*), de intensificação (*bâk = muito*) e de negação (*thu*) ocorrem entre o sujeito e o verbo, conforme (3), (4), (24), (25), (26) e (27).

(1) *Kotit* *ko* *lengró*

criança comer feijão

S **O** **V**

‘A criança come feijão.’

(2) *Kotit* *kronia* *goio*

criança beber água

S **O** **V**

‘A criança bebe água.’

(3) *Kotit_e* *bâk* *ko* *lengró*

Criança_PL INTENS comer feijão

S **O** **V**

‘As crianças comem muito feijão.’

(4) *Kotit_e* *bâk* *kronia* *goio*

Criança _PL INTENS beber água

S **O** **V**

‘As crianças bebem muita água.’

(12) *Ik* *koia* *lengró* e

1SG comer feijão INTENS

S **O** **V**

‘Eu comi bastante feijão.’

(24) *Kotit* *thu* *koia* *lengró*

criança NEG comer feijão

S **V** **O**

‘A criança não come feijão.’

(25) *Kotit* *thu* *kronia* *goio*

criança NEG beber água

S **O** **V**

‘A criança não bebe água.’

(26) *Kotit_e* *thu* *bâk* *koia* *lengró*

criança_PL NEG INTENS comer feijão

S **O** **V**

‘As crianças não comem muito feijão.’

(27) *Kotit_e* *thu* *bâk* *kronia* *goio*

criança_PL NEG INTENS beber água

S **V** **O**

‘As crianças não bebem muita água.’

Já, na sentença bitransitiva (117), há o uso da marca *wã* de Nominativo:

(117) *Ti* *wã* *rat* *nhawe_e* *krĩ-hâ*

3SG.M **NOM** dar livro_PL cabeça-boa

S **V** **OD** **OI**

‘Eles deram os livros para o professor.’

A construção VO (Verbo-Objeto) ocorre apenas na sentença imperativa (50), já o sujeito é expresso.

(50) *Kronia* *goio*
beber água
V **O**
'Beba água.'

Sumarizando, a ordem SVO (Sujeito-Verbo-Objeto), no Kaingáng paulista, ocorre com menor frequência e apenas em sentenças declarativas afirmativas e negativas, com construção transitiva e bitransitiva. A ordem VO ocorre somente no imperativo. A marca de Nominativo *wã*, como na ordem SOV, muitas vezes não é empregada.

É importante observar que a ordem SVO não ocorre nos dados analisados do Kaingáng do Sul, o que faz supor que nessa variedade ela não ocorre.

5.1.3 Ordem SV

As sentenças intransitivas no Kaingáng paulista apresentam sempre a ordem SV, marcando esporadicamente o Sujeito com o Nominativo *wã*, como em (74), (75), (76), (78), (123) e (125).

(74) *Ti_tĩ* *wã* *fã*
3SG.M_pequeno **NOM** chorar
S **V**
'O menino chora.'

(75) *Ti_tĩ* *wã* *kutẽ* *inha*

3SG.M_pequeno **NOM** cair ASP

S **V**

‘O menino caiu.’

(76) *Tãtâ_ tĩ* *wã* *kutẽ*

Mulher_pequena **NOM** cair

S **V**

‘A menina caiu.’

(78) *Ti-wã* *tere*

3SG.M-**NOM** morrer

S **V**

‘Ele morreu.’

(123) *Ti-wã* *ka-kui* *nhe-pru*

3SG.M-NOM árvore-em ATEL-cima (subir)

‘Sobe na árvore’

(125) *Ti-wã* *kaingág* *piri* *tere* *mek*

3SG.M-**NOM** Kaingáng NUM matar sentir

S **V**

‘Ela sente que um índio vai morrer.’

Na maioria das vezes, neste dialeto as intransitivas não marcam o Sujeito, como em (70), (77) e (82), marcando apenas as categorias de Tempo, como em (14), (79) e (80), e de Aspecto, como em (128) e (145).

(70) *Kotit_tĩ* *wewó*

criança_pequena correr

S **V**

‘O menino correu.’

(77) *Ti_tĩ* *wẽwó* *kamã*

3SG.M_pequeno correr sempre

S **V**

‘O menino corre sempre.’

(82) *Ungré_tĩ_e* *wẽhâ* *ka_e* *bâk*

homem_pequeno_PL caçar mata_PL INTENS

S **V**

‘Os meninos caçam muito na mata.’

(14) *Kotit_e* *wuru* *ko*

Criança_PL FUT comer

S **V**

‘As crianças vão se alimentar (vão almoçar).’

(79) *Kofá* *inhut* *kéia*

Velho chegar já

S **V**

‘O velho já chegou.’

(80) *Ak* *kofá* *inhut* *kéia*

3PL.M velho chegar já

S **V**

‘Os velhos já chegaram.

(128) *Wi* *koma* *kaiké* *te* *bre-tĩ’*

3SG.F alma céu LOC morar-ASP

S **V**

‘A alma, ela morre e vai morar no ceú.’

(145) *Uri* *kaingág* *mâ* *fã*
hoje Kaingáng ASP chorar
S **V**
'Hoje os índios estão chorando.'

A ordem SV ocorre também nas interrogativas totais do dialeto paulista, como em (84) e (85), sem marca de Nominativo.

(84) *Tãtâ_ tĩ* *wẽwó*
mulher_pequena correr
S **V**
'A menina corre?'

(85) *Tãtâ_ tĩ* *wẽwó* *wẽ*
mulher_pequena correr MOD
S **V**
'A menina corre (mas não correu)?'

A sentença (86) é uma interrogativa parcial, com marca de modalização *mô* (*poder*); somente nesta construção intransitiva ocorre uma inversão na ordem, passando à ordem VS (Verbo-Sujeito).

(86) *Wẽwó* *tãtâ_ tĩ* *mô*
correr mulher_pequena MOD
V **S**
'A menina pode correr?

Nas interrogativas parciais, com a partícula interrogativa *unã* (*quem*) na função de Sujeito, a ordem SV é preservada, como nas sentenças (88) e (89).

(88) *Unã* *wẽwó*

INTER correr

S **V**

‘Quem corre?’

(89) *Unã* *wẽwó* *tõ*

INTER correr NEG

S **V**

‘Quem não corre?’

Em sentenças imperativas, em que há a presença de vocativos, como em (91) (92), e em sentenças exortativas, como em (93), ocorre apenas o verbo.

(91) *Wẽwó* *tãtâ_tĩ*

correr VOC

V

‘Corra, menina!

(92) *Wẽwó* *tõ* *mahâ*

correr NEG VOC

V

‘Não corra, tá bom!’

(93) *Tahap* *wẽwó*

EXORT correr

V

‘Vamos correr!’

Sumarizando, a ordem SV predomina no Kaingáng paulista em sentenças intransitivas declarativas, podendo ainda ocorrer com interrogativas totais. A inversão dessa ordem ocorre apenas em uma sentença, em que há um verbo modalizador na posição final. Sentenças imperativas com vocativo e exortativas apresentam apenas o verbo. O sujeito nas intransitivas nem sempre é marcado.

A ordem SV também é predominante em construções intransitivas do Kaingáng do Sul, apresentando sempre uma marca de Nominativo, como se observa em (3), (7), (10), (16) e (56).

(3)	*Jãtã*	*vỹ*	*jẽ,*	*garĩnh*	*nỹ*	*nĩ*
	urubu	**NOM**	em_pé	galinha	**NOM**	sentar
				S		**V**

‘O urubu (os urubus) fica de pé enquanto as galinhas sentam’(adaptação Wiesemann, 1967, p.34)

(7)	*Ẽn*	*vỹ-tòg*[79]	*tĩ*	*mũ*	
	3SG.M	**NOM-NOM**	ir	ASP	
	S		**V**		
	‘Aquele vai.’				(adaptação Wiesemann, 1967, p.35)

(10)	*Kófa*	*tỹ*	*jun*	*huri*	
	Velho	**NOM**	chegar	já	
	S		**V**		
	‘O velho já chegou.’				(adaptado D´Angelis, 2004, p.72)

16)	*Rẽkétá*	*inh*	*jóg*	*ta*	*jun*	
	Ontem	1SG	pai	**NOM**	chegar	
		S			**V**	
	‘Meu pai chegou ontem.’				(adaptado Gonçalves, 2007, p.16)	

[79] Segundo Wiesemann (1967, p. 35), algumas marcas de nominativo podem se combinar, como é o caso da marca *vỹ* (sujeito enfático) e *tóg* (sujeito agente e inicia a ação).

(56)	*Inh*	*panh*	*ta*	*kusã*	*ki*	*ĩn*	*jun*	*kamã*	*nĩg*
	1SG	pai	**NOM**	cedo	em	casa	chegar	sempre	ASP
	S						**V**		
	‘Meu pai sempre chegava cedo em casa’						(adaptado Gonçalves, 2007, p.128)		

Notamos que os exemplos encontrados nos textos analisados e exemplificam casos de sentenças declarativas afirmativas, não ocorrendo exemplos com outras ilocuções. Podemos dizer apenas que tanto no Kaingáng do Sul como no Kaingáng paulista, as intransitivas declarativas afirmativas apresentam a ordem SV. Contudo, somente o Kaingáng do Sul apresenta sempre uma marca de Nominativo, enquanto, no Kaingáng paulista, pode ou não ocorrer a marca *wã* de Nominativo.

5.1.4 Outras construções

(a) Identificação

Como já visto, as construções de identificação, no dialeto paulista, ocorrem somente nas declarativas (104), (105) e (106), em que o Sujeito é pronominal, a marca do Nominativo *wã*.

(104)	*Ik*	*wã*	*Kaingág*
	1SG	**NOM**	Kaingáng
	‘Eu sou Kaingáng.’		

(105)	*Ti*	*wã*	*fok_tchâ*
	3SG.M	**NOM**	branco-preto (outro índio)
	‘Ele é terena.’		

(106) *En* *wã* *Kaingág*
1PL **NOM** Kaingáng
'Nós somos Kaingáng.'

Já, no dialeto do Sul, identificamos as sentenças (53) e (55) como exemplos de construção de identificação. Em (53), não há marca de nominativo, mas apenas a marca *vẽ* de modalidade. E, em (55), uma construção de identificação ocorre na oração subordinada condicional. Nela estão presentes a marca de Nominativo *ta*, a marca de aspecto *nĩm* e a marca de modalidade *ra*.

(53) *Fóg* *ag* *pã´i_mág* ***vẽ***
Branco 3PL.M cacique **MOD**
'É um cacique para eles (para os brancos)' (adaptado Gonçalves, 2007, p.133)

(55) *Sa* *ta* *guarani* ***nĩn*** *ra*
1SG **NOM** guarani ASP **MOD**
'Se eu fosse guarani'
sa *guarani* *ag* *mré* ***nĩ-j*** ***mũ*** ***vẽ***
1SG guarani 3PL.M junto ASP-FUT ASP MOD
'eu ficaria junto com eles' (adaptado Gonçalves, 2007, p.137)

Além destas sentenças declarativas, notamos a ocorrência de construção de identificação na sentença (18) do dialeto do Sul, que é uma interrogativa parcial com a presença da partícula interrogativa *ũ (= quem).*

(18) ***Ũ-kósin*** *nẽ*
INTER-criança é
'Quem é a criança?' (adaptados Wisemann, 1967, p. 12)

(b) Predicativas

Como as sentenças de identificação, não apresentam verbo e são constituídas de um adjetivo que predica sobre o Sujeito. O Sujeito, por sua vez, pode apresentar marca de Nominativo, como em (108), (111) e (112), ou não, como em (83) e (110). No dialeto Kaingáng paulista, construções predicativas podem ser declarativas, conforme (83) e (108), ou exclamativas, como (110), (111) e (112).

(108) *Ti_tĩ* *wã* *iãguetara*
3SG.M_pequeno **NOM** triste
'O menino está triste.'

(111) *Ik* *wã* *kãgá*
1SG **NOM** doente
'Estou doente!'

(112) *Ik* *wã* *uri* *korék*
1SG **NOM** hoje ruim
'Estou mal!'

(83) *Kaingág_e* *wã* *takui* *iamã* *tĩ*
Kaingáng_PL **NOM** aqui aldeia HAB
'Os Kaingáng moram em Icatu.

(110) *Ik* *hâ* *tĩ* *tĩ*
1SG bom HAB HAB
'Estou bem!'

No dialeto do Sul, as predicativas ocorrem em declarativas, com marcas de Nominativo e de Aspecto, como em (8) e (43), ou sem marcas gramaticais como em (9).

(8) *Inh-mỹ* *ta* *hà*[80] *tĩ*
1SG-BENEF **NOM** bom ASP
'Eu gosto dele' (de quem já falei) (Wiesemann, 1967, p.35)

(43) *Inh* *mén* *vỹ* *kyjo* *nĩ*
1SG marido **NOM** magro ASP
'Meu marido está magro.' (adaptado Gonçalves, 2007, p.170)

(9) *Hà* *ti* *tĩ*
bom 3SG.M ir
'Está bem' ou 'Ele vai bem' (Wiesemann, 1967, p.35)

Também no Sul, ocorrem predicativas em interrogativas totais, com a marca *mỹ* de Nominativo, como em (17), e em exclamativas, como em (50), que apresenta a marca *ta* de Nominativo, além da marca de aspecto e de modalidade em posição final.

(17) *Ã-mỹ* *hà*
3SG-NOM bem
'Você está bem?' (adaptado Wiesemann, 1967, p. 12)

(50) *Londrina* *ta* *sĩnvĩ* *tavĩ* *nĩn* *vẽnhver*
Londrina **NOM** bonita muito ASP MOD
'Londrina é (uma cidade) muito bonita!' (adaptado Gonçalves, 2007, p.124)

[80] Conforme Wiesemann (2002, p.60), a expressão "*mỹ há*" corresponde a 'gostar de'. Ex.: "*Inh mỹ tóg há tĩ*" (*Gosto disto – é bom para mim.*)

(c) Existenciais

No dialeto de Icatu, como dito no capítulo anterior, as construções existenciais apresentam apenas uma unidade semântica, que pode ser marcada pelo Nominativo *wã*, como em (98), (101), (102), ou não, como em (100) e (103).

(98) *Goiotchô* *wã* *tõ*
Café **NOM** NEG
'Não tem café.'

(101) *Eng* *wã* *goiotchô*
1PL.F **NOM** café
'Nossa...tem café!'

(102) *Wá* *goiotchô* *wã* *tõ*
INTERJ café **NOM** NEG
'Credo... não tem café!'

(100) *Tãtâ_tĩ* *goiotchô*
VOC café
'Ei! Menina! Tem café?'

(103) *Takui* *goiotchô*
Aqui café
'Aqui tem café.'

As sentenças existenciais do Sul foram notadas em (2), em que há a marca *vỹ* de Nominativo, e em (16), com a marca *tóg* de Nominativo.

(2) *Kajèr* *vỹ* *nĩ*

macaco NOM dar

'Existem macacos (Tem macacos).' (Wiesemann, 1967, p. 34)

(16) *Vãsy* *tóg* *jamã* *ki* *fág* *ja* *tĩ*

antigamente NOM aldeia em pinheiro (?) ASP

'Antigamente tinha pinheiros nesta aldeia.' (adaptado D'Angelis, 2004 *apud* Gonçalves, 2007, p.96)

Sumarizando, o *corpus* analisado do dialeto Kaingáng paulista apresenta sempre a marca *wã* de Nominativo em construções de identificação. No entanto, essa marca nem sempre é usada em construções predicativas e existenciais. No caso do Sul, as construções de identificação nem sempre apresentam marca de Nominativo. Já as sentenças predicativas e existenciais do dialeto do Sul fazem sempre uso de marcas de Nominativo.

SENTENÇAS	ORDEM KAINGÁNG PAULISTA DE ICATU	ORDEM NO KAINGÁNG DO SUL
TRANSITIVAS	Predomínio da Ordem SOV Ordem SVO menor frequência	Predomínio da Ordem SOV Não ocorre a ordem SVO
BITRANSITIVAS	Morfema *ma* marca o Beneficiário geralmente vem aglutinado ao verbo	Morfema *mỹ* marca o Beneficiário
INTRANSITIVAS	Predomínio da Ordem SV Ordem VS ocorre com enor frequência	Predomínio da Ordem SV Não ocorre a ordem VS

QUADRO 16: Diferenças entre o dialeto do Sul e o dialeto de Icatu quanto à ordenação

MARCAS	KAINGÁNG PAULISTA DE ICATU	KAINGÁNG DO SUL
NOMINATIVO	Apenas uma marca de Nominativo: *wã*	Várias marcas de Nominativo: *tag, tóg, tỹ, vỹ e ne*
BENEFICIÁRIO	Morfema *ma* aglutinado ao verbo	Morfema *mỹ*

QUADRO 17: Diferenças entre o dialeto do Sul e o dialeto de Icatu quanto às marcas morfossintáticas

Quanto à ordenação, podemos notar, então, algumas semelhanças entre estes dialetos:

a) Sentenças transitivas e bitransitivas apresentam predominantemente a ordem SOV (Sujeito-Objeto-Verbo);
b) Sentenças intransitivas apresentam predominantemente a ordem SV (Sujeito-Verbo);
c) Os constituintes não obrigatórios são sempre posicionados entre o Sujeito e o Verbo;
d) O Beneficiário pode ocupar posições diferentes na sentença.

5.2 Quanto ao TAM

Para tratar do TAM, na comparação entre as duas variedades, optamos por iniciar pela categoria Aspecto, seguido de Modo e, por último, de Tempo, já que essa é a ordem de prioridade entre essas categorias nas duas variedades de línguas aqui enfocadas.

5.2.1 Aspecto

Como já destacado, segundo Gonçalves (2007), a língua Kaingáng distingue Perfectividade e Imperfectividade. Conforme afirma D´Angelis (2005), o Kaingáng geralmente apresenta marcas de Aspecto ao final da sentença. De modo geral, portanto, o Kaingáng sempre marca Aspecto. Para elaborarmos as semelhanças e distinções entre o dialeto paulista de Icatu e o do Sul, consideramos os seguintes tipos de Aspecto: Perfectivo no Passado, Perfectivo no Presente, Imperfectivo e Fasal.

(a) Aspecto Perfectivo no Passado:

No dialeto Kaingáng paulista de Icatu, como já mostrado, o Aspecto Perfectivo no Passado é marcado por *inha* e pela variante *nha*, que estão em distribuição complementar, pois, quando ocorre independente do verbo, é expresso por *inha*, como se nota em (17) e (75), e, quando ocorre como clítico anteposto é marcado por *nha*, conforme exemplificado em (7) e (9).

(17)	*Ti-wã*	*tchopré*	*tẽ*	*kamã*	*un*	*tẽ*	*inha*
	3SG.M-NOM	onça	morrer	ter_costume	INDEF	matar	**PERF.PAS**

‘O caçador matou uma onça.’ (Ele, que costuma matar onça, matou uma.)

(75) *Ti_tĩ* *wã* *kutẽ* *inha*
3SG.M_pequeno NOM cair **PERF.PAS**
'O menino caiu.'

(7) *Kotit_e* *ti-wã* *iamĩ_kuprí* *kakané* *pehut* *nha-tĩ*
Criança_PL 3SG-NOM pão_branco fruta comer **PERF.PAS**-HAB
'As crianças foram comer pão e fruta.'

(9) *Kotit_ tĩ* *nhewe* *nha-tĩ*
Criança_pequeno animal **PERF.PAS**-HAB
'O menino foi caçar o animal.'

Outra marca que indica evento acabado no passado é *nã*, que, nos dados de análise, aparece apenas em (143), co-ocorrendo com a marca de modalidade doxástica *nâ*.

(143) *Fók* *nâ* *nã* *tere* *ka*
Homem_branco CERT **PERF.PAS** matar mata
'O branco acabou com a natureza.'

No dialeto do Sul, observamos que as marcas que indicam Aspecto Perfectivo no Passado são *mũ, nĩ* e *ja*. As marcas *mũ* e *nĩ*, quando indicam evento passado, co-ocorrem com expressões de Tempo, como *rãkétá (ontem)* e *ũri (hoje)*, conforme exemplificado em (37), (60) e (59). Isso não ocorre com o uso da marca *ja*, como em (38).

(37) *Rãkétá* *tóg* *tĩ* ***mũ***
ontem NOM ir **PERF.PAS**
'Ele foi ontem.' (adaptado Gonçalves, 2007, p.140)

(60) *Ũri hã tag ti rãnhrãj kãn mũ*

hoje recente este 3SG.M trabalho terminar **PERF.PAS**

'Hoje terminou o trabalho dele agora.' (adaptado Gonçalves, 207, p. 147)

(59) *Monh tỹ rãkétá ter ja nĩ*

boi NOM ontem morrer (?) **PERF.PAS**

'O boi tinha morrido ontem.' (adaptado D´Angelis, 2004 *apud* Gonçalves, 2007, p. 91)

(38) *Ka ta ti jo vẽnhvó ja ser*

então NOM 3S.M na_frente correr **PERF.PAS** assim

'Então (ele) correu na frente dele.' (adaptado Gonçalves, 2007, p.156)

(b) Aspecto Imperfectivo:

Como já visto, as marcas de Imperfectivo, no dialeto paulista de Icatu, são o habitual *tĩ* de habitual, conforme exemplificado em (83) e (110), e a marca *mã* que co-ocorre com a expressão de Tempo *uri (hoje)*, como se observa em (145).

(83) *Kaingág_e wã takui iamã tĩ*

kaingáng_PL NOM aqui aldeia **HAB**

'Os Kaingáng moram em Icatu.'

(110) *Ik hâ tĩ tĩ*

1SG bom **HAB** **HAB**

'Estou bem!'

(145) *Uri kaingág mâ fã*

hoje Kaingáng **IMPERF** chorar

'Hoje os índios estão chorando'

De acordo com a autora, no dialeto do Sul, os marcadores de Aspecto podem ocorrer tanto em construções com perspectivas de Perfectividade como de Imperfectividade. Vejamos as sentenças (36) e (41) do Sul, que apresentam, respectivamente, a marca *nĩ* e o habitual *tĩ*, expressando Imperfectividade.

(36) *Rỹkétá i_xa kẽj han* ***nĩ*** ***nĩ***
ontem 1SG.NOM cesto fazer **IMPERF** **IMPERF**
'Ontem eu estava fazendo cesto.' (adaptado Gonçalves, 2007, p.164)

(41) *Kyrũ vỹ prỹg kar mĩ ti panh mỹ ẽpã han* ***tĩ***
rapaz NOM ano todo em 3SG.M pai para roça fazer **HAB**
'O rapaz fazia roça para o pai dele todos os anos.' (adaptado Gonçalves, 2007, p.164)

(c) Aspecto Fasal:

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), as distinções de Aspecto Fasal indicam a relação entre o ponto de referência temporal e uma fase dentro do desenvolvimento do Estado-de-coisas.

Assim, observamos no Kaingáng paulista de Icatu a existência dos seguintes aspectos de fase: o egressivo, o ingressivo, o resultativo e o prospectivo.

O aspecto fasal egressivo, relacionado à telacidade, é expresso nesse dialeto por *kéia*, conforme (79), (80) e (81).

(79) *Kofá inhut kéia*
Velho chegar **TEL**
'O velho já chegou.'

(80) *Ak* *kofá* *inhut* *kéia*

3PL.M velho chegar **TEL**

‘Os velhos já chegaram.’

(81) *Ti-wã* *kotit* *tĩ* *ti-wã* *inhut* *kéia*

3SG.M-NOM criança pequena 3SG.M-NOM chegar **TEL**

‘Aquele menino que já chegou.’

Já o aspecto fasal ingressivo, referente à atelicidade, é expresso neste dialeto pelo clítico *nhe-*, como se nota em (123).

(123) *Ti-wã* *ka-kui* *nhe-pru*

3SG.M-NOM árvore-em ATEL-cima (subir)

‘Sobe na árvore’

No dialeto paulista, *nĩ*, em (109), indica um evento acabado, não permanente, podendo-se inferir que, ‘o fato de o menino chorar, revela que ele ficou triste’; assim, parece caracterizar um aspecto fasal resultativo.

(109) *Ti_tĩ* *wã* *fâ* ***nĩ***

3SG.M_pequeno NOM chorar **RES**

‘O menino ficou triste.’

Já, em (127), *nĩ* co-ocorre com a marca de modalidade dubitativa *mã*. Neste caso, o evento caracterizado ocorre posteriormente ao momento de referência. Desse modo, a marca *nĩ* indica um aspecto fasal prospectivo, em que o Estado-de-coisas é caracterizado como um evento a acontecer depois do ponto de referência.

(127) *Tiné* *wi* *koma* *takui* *bret* *nĩ_mã*

Porque 3SG.F alma aqui morar **PROSP**_DUB

'Porque (provavelmente) a alma vai morar aqui.'

Nos dados do dialeto Kaingáng do Sul, não é mencionado o Aspecto Fasal. No entanto, Gonçalves (2007) traz o seguinte exemplo, que nos faz refletir sobre esta questão:

(39) *Vajkỹ* *ta* *kutẽm* *mãg* *ha* *ma*

Amanhã chuva cair grande fazer **ASP**

'Amanhã vai chover bastante.' (adaptado Gonçalves, 2007, p.161)

Sobre esta construção, a autora enfatiza:

> Na sentença acima, a tradução dada pela minha auxiliar de transcrição, uma professora Kaingáng de Votouro (Nilce Cardoso), aponta que o sentido que está sendo dado pelo marcador '*ma*' é que "naquele momento futuro, 'amanhã', o evento de 'chover (bastante)' já vai acontecer". O evento estará circunscrito a esse 'amanhã', é algo iminente, mas possivelmente considerando o ponto final do evento ou seu término. Em outras duas situações talvez possamos também inferir essa acepção:
>
> (65) *Vajkỹ* *ta* *lua* *cheia* *nỹj* *ma*.
> amanhã ms lua cheia ASP ASP
> 'Amanhã vai ser lua cheia'.
>
> (66) *Pi* *vajkỹ* *kysã* *nỹj* *ma*.
> negação amanhã lua ASP ASP
> 'Amanhã não tem lua'.
>
> nelas podemos entender que, quando o falante diz - 'vai ser lua cheia amanhã' fazendo uso da partícula '*ma*', pode querer estar dizendo que naquele momento 'futuro', essa 'fase' da lua já vai estar consolidada, já vai estar completada, ou seja, ele não está fazendo referência às etapas que a lua passa, por exemplo, de crescente a cheia; mas considerando o resultado final do evento mostrado, que é quando o processo se completa: naquele dia 'a lua já está cheia'. (GONÇALVES, 2007, p.162)

Notamos, assim, que os exemplos (65) e (66), acima destacados por Gonçalves (2007), parecem indicar fases de um evento posterior. Similarmente à construção (127), a marca *nỹj*, desses exemplos no Kaingáng do Sul, parece referir-se a aspecto Prospectivo. Em (40), Gonçalves (2007, p.161) mostra quando a marca *ma* co-ocorre com marca de Tempo Futuro.

Para a autora, o *ma* é uma ocorrência especial, sendo usado principalmente quando o Momento de Referência é posterior ao Momento da Fala. A marca *ma*, nessa perspectiva, parece-nos indicar aspecto Prospectivo.

(40)	*Vajkỹ*	*ja*	*inh*	*rãnhrãj*	*tag*	*ta*	*tũ*	*kej*	*ma*
	amanhã	ASP	1SG	trabalho	este	NOM	terminado	**FUT**	**ASP**
	‘Amanhã vai chover bastante.’						(adaptado Gonçalves, 2007, p.161)		

Nos dados do Kaingáng paulista de Icatu, ocorrem construções que apresentam, em português, distinção entre um evento Presente e um evento Passado. No entanto, no dialeto paulista somente há a marca de Perfectivo Passado, como podemos comparar nas sentenças (107), (108) e (109).

(107)	*Ti_tĩ*	*iãguetara*	
	3SG.M_pequeno	triste	
	‘O menino é triste.’		

(108)	*Ti_tĩ*	*wã*	*iãguetara*	
	3SG.M_pequeno	NOM	triste	
	‘O menino está triste.’			

(109)	*Ti_tĩ*	*wã*	*fâ*	***nĩ***
	3SG.M_pequeno	NOM	chorar	**ASP**
	‘O menino chorou (ficou triste).’			

No dialeto do Sul, Gonçalves (2007) nos mostra que:

> [...] pudemos observar o emprego, em diferentes formulações no Kaingáng, de construções com o uso de um mesmo marcador, mas traduzidas de maneira bem distinta:
> (4) *Rãkétá tóg tĩ* ***mũ***.
> ontem (1p)+ms v. ir ASP
> 'Ele foi ontem'
> que expressa, em Português, um evento Perfectivo, acabado, em contraste com:
> (5) *Hãra ta rãkétá kaga* ***mũ***.
> mas/então ms ontem doente ASP
> 'Então ele estava doente ontem.'
> construção essa dada para a sentença proposta: 'Ele estava doente ontem' e que não leva a uma interpretação de evento concluído. O mesmo se vê abaixo,
> (6) *Rãkétá ta kaga* ***mũ*** *hãra ta ũri há* ***nĩ***.
> ontem ms doente ASP mas ms hoje bom ASP
> 'Ontem ele estava doente, mas hoje já está bom'. (GONÇALVES, 2007, p.140)

O fato de determinadas sentenças estarem marcadas (ou não) com o Aspectual adequado ao evento descrito é uma das dificuldades encontradas tanto por nós, nas sentenças do Kaingáng de Icatu, como por Gonçalves (2007), em seus dados do Kaingáng do Sul. Assim, concordamos com Gonçalves (2007, p.141) nestes aspectos:

a) "diferentes formulações para uma mesma sentença solicitada [...] demonstra diferentes perspectivas adotadas pelo falante ao referir-se aos eventos";

b) "[...] várias sentenças em Kaingáng, traduzidas para o Português (por falantes Kaingáng) como sentenças que têm perspectiva Perfectiva, podem ocorrer sem a presença de marcadores de Aspecto."

ASPECTO	KAINGÁNG PAULISTA DE ICATU	KAINGÁNG DO SUL
PERFECTIVO	*inha/ nha, na*	*mũ, nĩ, ja*
IMPERFECTIVO	*mâ*	*nĩ*[81], *tĩ*
FASAL	Egressivo: *kéia* Ingressivo: *nhe-* Resultativo: *nĩ* Prospectivo: *nĩ* + modalidade	Prospectivo: *ma, nỹj*

QUADRO 18: Diferenças entre o dialeto do Sul e o dialeto de Icatu quanto à categoria Aspecto

5.2.2 Modo:

Como já visto, esta categoria, relaciona-se à modalidade. O Kaingáng paulista de Icatu apresenta as seguintes modalidades: a modalidade doxástica, a modalidade dubitativa, a modalidade epistêmica e a modalidade deôntica.

(a) Modalidade Doxástica

A modalidade doxástica indica que o falante tem certeza de que o evento comunicado na proposição de fato ocorreu. No Kaingáng de Icatu, a partícula *na* marca a modalidade doxástica, como se nota em (141), (142), (143) e (144).

[81] Marcadores de Aspecto podem expressar tanto Aspecto Perfectivo como Imperfectivo, como *nĩ, jẽ, nỹ*. (cf. Gonçalves, 2007, p. 170)

(141) *Fók* *nâ* *peinh* *ũn* *ã* *gag*

homem_branco **CERT** roubar de alguém 3PL terra

'O branco (de fato) roubou nossa terra'

(142) *Fók* *nâ* *ti* *tẽ* *kaingág*

homem_branco **CERT** 3SG.M matar Kaingáng

'O branco (de fato) matou os índios.'

(143) *Fók* *nâ* *nã* *tere* *ka*

homem_branco **CERT** PERF.PAS matar mata

'O branco (de fato) acabou com a natureza.'

(144) *Fók* *nâ* *peinh* *ũn* *ã* *kofâra*

homem_branco **CERT** roubar de alguém 3PL peixe

'O branco (de fato) acabou com os peixes.'

Segundo Gonçalves (2007), a partícula *nâ*, no dialeto do Sul, corresponde a uma partícula de Modo que pode significar '*é isso mesmo, mesmo, é mesmo'*, enfatizando ou confirmando uma asserção, conforme exemplificado em (51).

(51) *Ũri* *rã* *ta* *rỹjgy* *tavĩ* *na*

Hoje sol NOM muito_quente bastante **CERT**

'Hoje o sol está muito quente mesmo!' (adaptado Gonçalves, 2007, p.125)

Outro marcador que é comumente usado no Kaingáng do Sul para expressar 'certeza, crença' do falante é a marca *pẽ,* conforme exemplificado em (48).

(48)	*Inh*	*vo*	*vỹ*	*ta*[82]	*Ligeiro*	*ta*	*ke*	*pẽ*	*nĩ*
	1S	avô	NOM	(3SG)NOM	Ligeiro	lá	fazer	**CERT**	ASP
	‘Meu avô, ele é lá de Ligeiro.’					(adaptado Gonçalves, 2007, p.122)			

No dialeto do Sul, também a marca *mỹ*, segundo Gonçalves (2007), indica uma avaliação pessoal do falante, como se nota em (58).

(58)	*Ũri*	*rã*	*ta*	*rỹjgy*	*tavĩ*	*mỹ*
	Hoje	sol	NOM	muito_quente	bastante	**CERT**
	‘Hoje o sol está muito quente (mesmo).’				(adaptado Gonçalves, 2007, p.130)	

(b) Modalidade Dubitativa

Como vimos anteriormente, a modalidade dubitativa refere-se ao falante em demostrar alguma dúvida sobre a verdade do conteúdo proposicional apresentado, ou seja, há uma incerteza por parte do falante. No Kaingáng paulista de Icatu, essa modalidade é marcada por *mã*, que vem aglutinada à marca *nĩ* de aspecto prospectivo, conforme se nota em (127).

(127)	*Tiné*	*wi*	*koma*	*takui*	*bret*	*nĩ-mã*
	Porque	3SG.F	alma	aqui	morar	PROSP-**DUB**
	‘Porque (provavelmente) a alma vai morar aqui.’					

[82] Em sua glosa original, Gonçalves (2007, p.122) apresenta o marcador “*ta*” dessa maneira*: ta = (3p) + ms*. Podemos subentender que essa marca se refere ao Nominativo e a uma terceira pessoa, que não vem explícita nesse tipo de construção.

No dialeto do Sul, segundo Gonçalves (2007, p.121), “há ainda construções de orações simples que estabelecem para o indicador de Modo ‘*ra*’ essa acepção de hipotético, mas com a possibilidade de demonstrar dúvida”, como se nota em (46).

(46)	*Kurã*	*rẽgre*	*ti*	*kaga*	*nĩ*	*ra*	*ser*
	dia	dois	3SG.M	doente	ASP	**DUB**	então
	‘Ele (provavelmente) estava (esteve) doente dois dias.’						(adaptado Gonçalves, 2007, p.121)

De acordo com Gonçalves (2010b), o modal ‘*ra*’ pode ser um condicional hipotético, como se nota em (52).

(52)	*Sa*	*anta*	*ven*	*ra*	*ta*	*inh*	*mỹ*	*sér*	*tĩnh*
	1SG.NOM	anta	ver	**COND**	NOM	1SG	NOM	feliz	andar
	‘Se eu visse uma anta eu andaria feliz.’							(adaptado Gonçalves, 2010b, p.01)	

Outros marcadores de opinião do Kaingáng paulista, que parecem expressar esta modalidade, são *hẽnỹ* e *vẽnhver*, como se nota respectivamente em (49) e (50).

(49)	*Inh*	*titio*	*ta*	*kanẽ*	*pir*	*nĩ*	*kanẽ*	*kaga*	*hẽnỹ*	*tó*
	1SG	tio	NOM	olho	um	ASP	olho	doença	**DUB**	dizer
	‘Acho que é por causa da (pela) doença que ele só tem um olho.’									

(50)	*Londrina*	*ta*	*sĩnvĩ*	*tavĩ*	*nĩn*	*vẽnhver*
	Londrina	NOM	bonita	muito	ASP	**DUB**
	‘(Acho) Londrina é (uma cidade) muito bonita!’					(adaptado Gonçalves, 2007, p.124)

(c) Modalidade Epistêmica:

A modalidade epistêmica, como já visto, indica que o falante acredita na possibilidade de ocorrência do evento comunicado na proposição. No dialeto paulista, *kamã* (*gostar de, fazer sempre, algo que sempre acontece, sempre, ter costume*) indica esta modalidade, como se nota em (46) e (77).

(46) *Ne* *tãtâ_ tĩ* *goiotchô* *kronia* *kamã*
por que mulher_pequena café beber **sempre**
'Por que a menina sempre bebe café?'

(77) *Ti_tĩ* *wẽwó* *kamã*
3SG.M_pequeno correr **sempre**
'O menino corre sempre.'

Com expressão de modalidade *kamã* pode co-ocorrer marcas de Aspecto, como em (17). Ou, junto a um elemento qualitativo, como *nhô (brava)* em (122).

(17) *Ti-wã* *tchopré* *tẽ* *kamã* *un* *tẽ* *inha*
3SG.M-NOM onça matar **ter-costume** INDEF matar ASP
'O caçador matou uma onça. (Ele, que sempre mata onça, matou uma.)'

(122) *Tchopré* *gag* *nhô-kamã*
Onça chão brava-**sempre**
'Quando a onça está no chão, sempre fica brava.'

Como já visto, no dialeto paulista de Icatu, a partícula *wẽ* também expressa modalidade epistêmica orientada para o evento, como se nota em (48) e (49).

(48) *Tãtâ_tĩ* *goiotchô* *krot* ***wẽ***

Mulher_pequena café beber MOD

'A menina bebe café (mas não bebeu).'

(49) *Wi* *wã* *goiotchô* *krot* ***wẽ***

3SG.F NOM café beber MOD

'Ela bebe café (mas não bebeu).'

No dialeto do Sul, segunto Gonçalves (2010b), o *'vẽ'* assertivo indica modalidade epistêmica, já que o falante se compromete com a verdade da proposição, como em (54).

(54) *Kanhgág* *ag* *no* *tu* *vẽmen* *hã* ***vẽ***

kaingáng 3PL.M flecha em direção falar parecido **ASSERT**

'Isso é o que falam sobre a flecha dos Kaingáng.' (adaptado Gonçalves, 2010b, p.03)

Já nos exemplos que seguem, retirados de Gonçalves (2007), esta partícula, como no dialeto paulista, indica que, apesar de possível ou esperado, o evento não acontece.

(52) *Inh* *titio* *ta* *ti* *kanẽ* *tũn* ***vẽ***

1SG tio NOM 3SG.M olho ter **MOD**

'Meu tio é cego (não tem um olho).' (adaptado Gonçalves, 2007, p.132)

(53) *Fóg* *ag* *pã´i_mág* ***vẽ***

branco 3PL.M cacique **MOD**

'É um cacique para eles (para os brancos)' (adaptado Gonçalves, 2007, p.133)

(54) *Inh* *panh* *vỹ* *mỹg* *pẽfỹn* *vyr* ***vẽ*** *harã* *ta* *ta* *kutã*

1SG pai NOM mel furar ir.PAS **MOD** mas chuva NOM cair

'Meu pai foi 'buscar' mel (no mato), mas choveu.' (adaptado Gonçalves, 2007, p.136)

Assim, há várias discussões acerca do marcador *vẽ* como evidencial; nesse estudo, tomamos a definição atribuída por Gonçalves (2010b) de se caracterizar como um marcador de modalidade epistêmica. Vejamos os exemplos no dialeto do Sul:

O dialeto do Sul apresenta as seguintes expressões de modalidade epistêmica, como *kamã (costumeiramente, sempre), fã (frequentemente)*, como se nota em (56) e (57).

(56)	*Inh*	*panh*	*ta*	*kusã*	*ki*	*ĩn*	*jun*	*kamã*	*nĩg*
	1SG	pai	NOM	cedo	em	casa	chegar	**costumeiramente**	ASP
	‘Meu pai sempre chegava cedo em casa’						(adaptado Gonçalves, 2007, p.128)		

(57)	*Inh*	*vovo*	*vỹ*	*ta*	*ẽkrénh*	*fã*	*ja*	*nĩ*
	1SG	avô	NOM	NOM	caçar	**faz sempre**	ASP	ASP
	‘Meu avô foi (sempre) um bom caçador.’							

(d) Modalidade Deôntica:

O dialeto paulista de Icatu apresenta dois marcadores de modalidade deôntica: a partícula *ra* e *mô* (*poder*). A partícula *ra*, como já vimos, indica que o ato de ‘*quebrar*’ e ‘*carregar*’ o milho é uma ação obrigatória para quem deseja fazer a receita dada pelo falante; logo, o *ra* orienta para o evento comunicado, como se nota em (130).

(130)	*I_we*[83]	*hike_ra*
	1SG_quebrar	carregar_**MOD**
	‘Eu quebro e carrego (o milho).’	

[83] Segundo Wiesemann (1971, p.271-272), a forma “*vê*” *(ou wé)* corresponde a “*fãn*”, que significa ‘*quebrar milho*’; e a forma “*rĩnh*” significa ‘*carregar*’.

Já a partícula *mô (poder)* indica a permissão, como se vê em (47).

(47) *Tãtâ_tĩ* *goiotchô* *kronia* *mô*

mulher_pequena café beber **poder**

'A menina pode beber café?'

De acordo com Gonçalves (2010b), *ra* pode expressar uma modalidade orientada, em que o falante impõe condições diretivas ao destinatário, como, por exemplo, um comando, uma recomendação. Conforme a autora, a partícula *ra* pode também indicar uma modalidade orientada, ocorrendo em sentença Imperativa, como se nota em (53).

(53) (a) *Ke ra* (b) *Kyvãn ra*

'Faça!' 'Desamarre!' (adaptado Gonçalves, 2010b, p.02)

Sumarizando, ambas as variedades apresentam modalidade doxástica, dubitativa, epistêmica e deôntica, como notamos no quadro 19:

MODALIDADE	KAINGÁNG PAULISTA DE ICATU	KAINGÁNG DO SUL
DOXÁSTICA	Gramatical: *nâ*	Gramaticais: *na, pẽ, mỹ*
DUBITATIVA	Gramatical: *mã*	Gramaticais: *ra, hẽnỹ, vẽnhver*
EPISTÊMICA	Gramatical: *wẽ* Lexical: *kamã (ter costume, sempre, etc)*	Gramatical: *vẽ* Lexicais: *fã (faz sempre), kamã (ter costume, sempre, etc.)*
DEÔNTICA	Gramatical: *ra (Imperativas)* Lexical: *mô (poder)*	Gramatical: *ra (Imperativas)*

QUADRO 19: Diferenças de marcas de modalidade entre o Kaingáng de Icatu e o do Sul

5.2.3 Tempo:

O dialeto Kaingáng paulista de Icatu distingue o tempo Presente e o tempo Futuro. O tempo Presente é sempre marcado por meios lexicais, como *hâ (agora)* em (19), *uri (hoje)* em (112) e (145).

(19)	*Ak*	*wã*	*rĩhô*	*ko*	*hâ*
	3PL.M	NOM	tatu	comer	**agora**
	‘Eles comem tatu agora.’				

(112)	*Ik*	*wã*	*uri*	*korék*
	1SG	NOM	**hoje**	ruim
	‘Hoje estou mal!’			

(145)	*Uri*	*kaingág*	*mâ*	*fã*
	hoje	Kaingáng	ASP	chorar
	‘Hoje os índios estão chorando.			

O tempo Futuro neste dialeto é expresso pela marca gramatical *wuru*, como se nota em (14), e de marcas lexicais, como *mã* que significa ‘*dali a pouco’* em (126).

(14)	*Kotit*	*e*	*wuru*	*ko*
	Criança	PL	FUT	comer
	‘As crianças vão se alimentar (almoçar).’			

(126) *Mã* *kaingág* *piri* *tere* *mek*

dali a pouco Kaingáng NUM morrer sentir

'Dali a pouco senti que um índio morreu.

Resumindo, o dialeto Kaingáng paulista de Icatu distingue o tempo Presente, com marcas lexicais, e o Futuro por meio de marcas lexicais e gramaticais.

Como já demonstrado, segundo Gonçalves (2009a), o dialeto do Sul apresenta marcas lexicais, mostrando o tempo em relação ao Momento da Fala, como, por exemplo, *ũri (hoje),* que em (28) indica simultaneidade ao MF, *rãkétá (ontem)*, que em (29) indica anterioridade ao MF, e *vajkỹ (amanhã),* que indica posterioridade ao MF em (30).

(28) ***Ũ**ri* *rã* *ta* *rỹjgy* *tavĩ* *na*

h**oje** sol NOM muito_quente bastante ENF

'Hoje o sol está muito quente.' (adaptado Gonçalves, 2009a, p.254)

(29) *Rãkétá* *kysãg* *ki* *ta* *ta* *kutẽ* *nỹ* *nĩ*

ontem cedo em chuva NOM cair MP ASP

'Ontem de manhã estava chovendo.' (adaptado Gonçalves, 2009a, p.254)

(30) *Vajkỹ* *inh* *rẽgró* *krãn* *rãj*

amanhã 1S feijão plantar começar

'Amanhã eu vou plantar meu feijão.' (adaptado Gonçalves, 2009a, p.255)

Segundo essa autora, as unidades lexicais *"rãkétá" (ontem) e "ã hã" (recente)* permitem distinguir um Passado Recente, enquanto o uso de *"vãsy" (antigamente)* permite exprimir um Passado Remoto ou Antigo, como podemos observar, respectivamente, em (31) e (32):

(31) *Ti* *serviço* *kãn* *ta* *ã_hã*

3SG.M serviço acabar NOM **recente**

‘Ele terminou o serviço dele recente.’ (adaptado Gonçalves, 2009a, p.254)

(32) *Vãsy* *inh* *sóg* *jẽsĩ* *kar* *jyjy* *kĩgra* *nĩg_nĩ* *vẽ*

Antigamente 1SG NOM passarinho todos nomes conhecer ASP_ASP MOD

‘Antigamente eu sabia o nome de muitos passarinhos...’ (adaptado Gonçalves, 2009a, p.255)

Em (31), o Tempo não se refere ao Momento da fala, mas sim do evento. Em (32), o evento é anterior ao Momento da Fala, referindo-se indeterminadamente ao passado. Desse modo, não é possível precisar o momento exato em que o evento se realiza. (GONÇALVES, 2007)

Em (61), *ha (agora)* faz referência a um evento no presente. Neste caso, conforme Gonçalves (2009a) o Momento do Evento coincide com o Momento da Fala.

(61) *Ta* *ta* *kãtĩg* *ha.*

chuva NOM vir agora

‘A chuva está vindo agora’. (adaptado Gonçalves, 2009a, p.255)

Gonçalves (2009a, p.255) também afirma que a categoria gramatical de Tempo “ocupa-se prioritariamente de indicar ‘anterioridade’ ou ‘posterioridade’ em relação ao Momento de Referência [...], na utilização dos adjuntos *hur e ha* [...]”, como observamos em (33):

(33) *Inh panh ta jun hur*

1SG pai NOM chegar **agora.PAS**

‘Meu pai (já) chegou.’ (adaptado Gonçalves, 2009a, p.255)

Outra indicação gramatical é a de Tempo Futuro, ou seja, relação de posterioridade ao Momento de Fala, que se realiza pelas marcas *kej e ke:*

(34) *Inh mỹnh fi ta krẽ vẽne kej tĩg*

1SG mãe F NOM balaio vender **FUT** andar

‘Minha mãe vai vender o artesanato (o balaio).’ (adaptado Gonçalves, 2009a, p.256)

Desse modo, Gonçalves (2009a) considera que a categoria Tempo no Kaingáng não se orienta, prioritariamente, pela indicação Presente, Passado e Futuro em relação ao Momento da Fala (MF), mas à anterioridade e à posterioridade do evento quanto ao Momento de Referência (MR), podendo também ser igual ao MF.

No *corpus* analisado, observamos que a categoria Tempo no dialeto paulista distingue Presente e Futuro, fazendo uso de marcas de Aspecto para expressar o Passado. Já, no dialeto do Sul, notamos diferentes marcas que expressam Tempo Presente, Passado e Futuro.

Parece-nos que, como o dialeto do Sul, o Kaingang de Icatu também faz distinção de Anterioridade e de Posterioridade do evento quanto ao Momento de Referência.

Vejamos o quadro 20 que se refere à distinção da Categoria Tempo:

TEMPO	KAINGÁNG PAULISTA DE ICATU	KAINGÁNG DO SUL
PRESENTE	Lexical: *uri (hoje), hâ (agora)*	Lexical: *ũri (hoje), ha (agora)*
PASSADO	O tempo Passado não apresenta marcas[84]	Lexical: *rãkétá (ontem), ã_hã (recente), vãsy (antigamente), hur/ha (agora – anterioridade do evento)*
FUTURO	Gramatical: *wuru* Lexical: *mã (dali a pouco)*	Gramatical: *kej/ ke* Lexical: *vajkỹ (amanhã)*

QUADRO 20: Diferenças entre o Kaingáng de Icatu e o do Sul quanto à categoria Tempo

Considerações Finais

De modo geral, notamos que o Tempo, o Aspecto e o Modo (TAM) tanto o dialeto do Sul como o paulista necessitam ainda de uma descrição mais completa e pormenorizada, já que é de grande relevância na língua Kaingáng.

Em ambos, observamos que o Aspecto é uma categoria gramatical expressa por partículas que, geralmente, ocupam a posição imediatamente após o verbo ou na posição final da sentença. O Aspecto, nesses dialetos, pode co-ocorrer com outras marcas de Aspecto, de modalidade e de Tempo. E, ainda, ambos fazem uso de marcas gramaticais e lexicais para expressarem o TAM.

[84] O Passado, como já visto, é marcado neste dialeto por marcas aspectuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das propostas mais significativas deste estudo é efetuar a descrição morfossintática de um dialeto em obsolescência, o dialeto Kaingáng paulista de Icatu, que, por ter poucos falantes nativos, é por muitos pesquisadores considerado um dialeto 'em extinção'.

Apesar de Icatu contar com apenas duas falantes nativas, o desejo dessa comunidade Kaingáng em manter sua tradição, cultura e língua indígena, em especial o dos professores indígenas, vem contribuindo para que essa variedade Kaingáng não desapareça por completo.

No entanto, o fato de a língua portuguesa ser hoje, nessa comunidade, a primeira língua falada (L_1) vem ocasionando algumas mudanças, como a redução do número de marcas de Nominativo, ou mesmo a não marcação desse caso. Outra alteração diz respeito à ordenação de constituintes, uma vez que algumas construções transitivas exibem a ordem SVO.

A regra fundamental da sintaxe do Kaingáng que, segundo D´Angelis (2008), é a ordem OV (Objeto-Verbo) continua sendo mantida nesse dialeto. E, como já dito, podemos notar que o Kaingáng paulista não vem sofrendo tanta influência do português, em sua morfossintaxe, a ponto de mudar sua ordem. Diferentemente da ordem do português (SVO e VS), conforme esclarece Pezatti (1992), o dialeto de Icatu apresenta a ordem SOV, verificando que a sua ordenação predominante é como a do Sul. Diferentemente do português que, segundo Pezatti (1992) é uma língua preposicional, o dialeto Kaingáng paulista de Icatu é posposicional. A ordem SVO, no dialeto paulista, aparece com pouca frequência, revelando que este dialeto pode estar em fase transição.

Diferentemente do Sul que apresenta diversas marcas de Nominativo (como *tóg*, *ta*, entre outras), o dialeto paulista tem predominantemente a marca *wã* de Nominativo.

Em relação ao TAM, esse dialeto apresenta marcas semelhantes ao do Sul, como a marca lexical *uri (hoje)* da categoria Tempo, o habitual *tĩ* da categoria Aspecto e *kamã (sempre, ter costume)* da categoria Modo.

Este estudo mostra que este dialeto, apesar de sua obsolescência e de seu distanciamento geográfico com o Kaingáng do Sul, conserva, de modo geral, a morfossintaxe própria da língua Kaingáng: (i) em estruturas transitivas, preserva a ordem básica SOV; (ii) em estruturas intransitivas, apresenta a ordem SV; (iv) configura-se como uma língua posposicional; (v) marca tanto gramatical como lexicalmente as categorias de aspecto, tempo e modo.

A verdade é que as poucas divergências, seja em relação à ordenação seja em relação ao TAM, entre o Kaingáng do Sul e o Kaingáng paulista, devem-se ao distanciamento geográfico entre os dois dialetos e ao uso do Kaingáng como $L_{2,}$ já que o português é a L_1. Além disso, há a convivência com o terena o que faz de Icatu uma comunidade multicultural, um contexto de multilinguismo. Para Couto (2009), o contexto de bilinguismo ou multilinguismo, como em Icatu, gera a diversificação linguística, podendo reduzir as marcas gramaticais da língua anteriormente falada, como é o caso do Kaingáng.

Não podemos dizer, por este estudo, que o Terena tem influenciado nestas mudanças, já que não fizemos nenuma comparação e nem coleta de dados sobre esta língua; mas podemos afirmar que o fato de Icatu já ser um contexto, no mínimo, bilíngue, em que a língua portuguesa é a primeira língua falada entre os Kaingáng e também por ser reduzido o número de falantes nativas do Kaingáng (apenas duas), leva-nos a confirmar a hipótese de D´Angelis (2008a), que o uso do português é o principal fator das mudanças morfossintáticas neste dialeto paulista.

Notamos que, apesar das similiridades com o Kaingáng do Sul, a ortografia do léxico do Kaingáng paulista de Icatu também vem se distanciando dos demais dialetos.

Como nos esclarece D´Angelis (2008), a fonologia está mais simplificada e, em nossa pesquisa, pudemos observar que nem os professores Kaingáng de Icatu distinguem determinados sons das palavras de seu dialeto, o que dificultou a redigir e traduzir as sentenças. E, por essa razão, optamos pela escrita ortográfica das sentenças do *corpus* desta pesquisa, e não a fonológica, mantendo a forma que eles as redigiram.

Consideramos, assim, o objetivo geral e os objetivos específico desse estudo alcançados, pois foi possível, mesmo com as dificuldades da tradução, de ortografia e de categorização, descrever o dialeto paulista de Icatu, abordando sua ordenação e suas marcas do TAM e apresentar suas semelhanças e divergências com o Kaingáng do Sul.

Podemos concluir que de fato o dialeto paulista está mudando, em razão do multilinguismo existente na aldeia. Como afirma D´Angelis (2008a), a diversificação linguística no Kaingáng é uma consequência natural da autonomia de seu povo sobre sua língua e deve, portanto, ser respeitada segundo a vontade e interesse da comunidade de Icatu.

Para pesquisas futuras sobre este dialeto, sugerimos um estudo histórico-comparativo mais aprofundado, elaborando-se, separadamente, um trabalho para cada categoria aqui tratada (ordem, Tempo, Aspecto e Modo). Este trabalho incita outros estudos relacionados à fonética/ à fonologia do Kaingáng paulista, de modo a se descrever melhor a sua ortografia, bem como a um estudo lexicográfico direcionado a esta variedade. E, por fim, esta pesquisa pretende estimular trabalhos voltados à Educação Bilingue ou Multilingue que ocorre em muitas comunidades indígenas no Brasil, sendo uma delas a aldeia Icatu.

E, para continuarmos a trilhar com sabedoria, respeito e ciência os estudos das línguas indígenas brasileiras, finalizamos com esta reflexão de Rodrigues:

> Cada língua indígena brasileira não só reflete, assim, aspectos importantes da visão de mundo desenvolvida pelo povo que a fala, mas constitui, além disso, a única porta de acesso ao conhecimento pleno dessa visão de mundo que só nela é expressa. (RODRIGUES, 2002, p.27)

REFERÊNCIAS

ABREU, E.R.R.de. *Descrição do sistema pronominal na estrutura frasal em Kaingang*. Londrina, 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina – UEL.

ALMEIDA, L. *A marcação (tempo), modo e aspecto na língua Kaingáng: uma proposta de análise*. Londrina, 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina – UEL.

ALMEIDA, L.; SANTOS, L. A concordância de número em Kaingáng. In: TELLES, S.; DE PAULA, A.S. (Orgs.) *Topicalizando Macro-Jê.* . Recife: Néctar, 2008.p.229-246.

BACCILI, V.C.L. *Reflexões sobre a influência da língua materna Kaingang no aprendizado do português como segunda língua.* Londrina, 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina – UEL.

BARROS, M.C.D.M. A missão *Summer Institute of Linguistics* e o indigenismo latino-americano: história de uma aliança (décadas de 1930-1970). *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2004, v. 47, n.1, 2004.

BERTINETTO, P.M. *Tempo, aspetto e azione nel verbo italiano*. Il sistema dell´indicativo. Florença: Accademia della Crusca, 1986.

BHAT, D.N.S. *Prominence of tense, aspect and mood*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1999.

BICKEL, B; COMRIE, B. *The Leipzig Glossing Rules:* Conventions for interlinear morpheme-by-glosses morpheme University of Leipzig, set/2004.

BOMFOCO, M.A. Ergatividade em Kaingáng: um estudo descritivo funcional. Porto Alegre, 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

BRAGGIO, S.L.B. *The solciolinguistics of literacy: a case study of the Kaingang*. Albuquerque, 2008. Thesis (PhD) University of New Mexico – EUA.

CÂMARA JUNIOR, J.M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 42.ed. Petropólis: Vozes, 2009.(1ª. versão – 1970)

_____. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. 3.ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A; Brasília: Inst. Nac. do Livro, 1977. (1ª. versão – 1965)

_____. *Princípios de Lingüística Geral*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

CAMPOS, A.C.R. *Uma etnografia indígena da Aldeia Icatu:* aspectos contemporâneos. São Paulo, 2008. Monografia da Conclusão do Curso de Formação Intercultural Superior do Professor Indígena – Faculdade de Educação - Universidade Estadual de São Paulo – USP.

CASTILHO, A.T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto: 2010.

_____. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. Revista *Alfa*, Marília, n.12, p. 7-135, 1968.

CAVA, F.V.B.B. *Relato mítico cultural material dos índios Kaingáng frente à indústria cultural: resistência e cooptação*? Bauru, 2004. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual Paulista – UNESP.

CAVALCANTE, M. P. Ensaio sobre os processos fonéticos intra-segmentar na língua kaingang. *Revista Signótica*, Universidade Federal de Goiás (UFG), v. 5, n.1, 1993. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br> (artigo em pdf).

_____. *Fonologia e morfologia da língua Kaingáng***:** o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná. Campinas, 1987. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Campinas – UNICAMP.

COMRIE, B. *Tense.* 4 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. *Tense.* Cambridge/UK: Cambridge University Press, 1985.

_____. *Language universals and linguistic typology*. Oxford: Basil Blackwell Pub.Limited, 1981.

_____. *Aspect.* An introduction to the study of verbal aspect and related problems. Cambridge/UK: Cambridge University Press, 1976.

CONSELHO NACIONAL DA EDUCAÇÃO. Brasil. *Parecer CNE n. 14/99* – Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena.

CONSELHO NACIONAL DA EDUCAÇÃO. Brasil. *Resolução CNE/CEB n. 3, de 10 de novembro de 1999.* Diretrizes Nacionais para o funcionamento das Escolas Indígenas e dá outras providências.

CORÔA, M.L.M.S. *O tempo nos verbos do português*. São Paulo: Parábola, 2005.

COTUI, E.; BARBOSA, R. *Recuperação e valorização da cerâmica Kaingáng: seu lugar na sala de aula.* São Paulo, 2008. Monografia da Conclusão do Curso de Formação Intercultural Superior do Professor Indígena – Faculdade de Educação - Universidade Estadual de São Paulo – USP.

COUTO, H.H. *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas*. São Paulo: Contexto, 2009.

CRYSTAL, D. *A dictionary of linguistics and phonetics*. 4a. ed. London /Malden, Massachussetts: Blackwell Publishers, 1997.

DAHL, Ö. *Tense and aspect systems*. Oxford: Blackwell, 1985.

DAMULAKIS, G.N. Variação Interlinguística no tronco Macro-Jê: o Kaingáng e o Parkatêjê. *Estudos da Lingua(gem)*, Vitória da Conquista, v.4, n.2, p. 169-184, dez/2006. (Artigo em pdf)

D´ANGELIS, W.R. Algumas notas comparativas sobre o dialeto Kaingáng paulista. In: TELLES, S.; DE PAULA, A.S. (Orgs.) *Topicalizando Macro-Jê*. Recife: Néctar, 2008a., p.29-48.

_____. *Pensar o Proto-Jê Meridional e revisitar o Proto-Jê, numa abordagem pragueana - Relatório Acadêmico de Pós-Doutorado*. Brasília: UnB (Inédito), 2008b.

_____. *A língua Kaingáng*. Disponível em: <www.portalKaingáng.org>. Acesso em: 13 julho 2006a.

_____. Aryon das línguas Rodrigues. *Estudos da Lingua(guem)*, Vitória da Conquista, n.2,v.4, p. 13-19, 2006b. (Artigo em pdf)

_____. Unificação x Diversificação Ortográfica: um dilema indígena ou de lingüistas? In: RODRIGUES, A.D.; CABRAL, A.S.A.C. (Orgs.) *Novos estudos sobre línguas indígenas***.** Brasília: UnB, 2005. p. 23-33.

_____. Concordância verbal de número em Kaingáng: algumas pistas. *Revista LIAMES 4*, Campinas, p.71-82, Primavera 2004.

_____. O primeiro século de registro da língua Kaingáng (1842-1950): valor e uso da documentação etnográfica. *3º. Encontro Macro Jê*, Brasília, LALI-UnB, dez/2003. Disponível em: http:// www.portalkaingang.org

_____. *Gênero em Kaingáng*? In: SANTOS, L.; PONTES, I. (Orgs.) Línguas Jê – Estudos Vários. Londrina: EDUEL, 2002a. p.215-242.

_____. Kaingáng: questões de língua e identidade. *Revista Liames*, Universidade de Campinas – UNICAMP, v.2, p. 105-128, Primavera 2002b.

_____. Nasalidade e soanticidade em línguas Jê: o Kaingáng paulista e o Mẽbengokre. In: CABRAL, A.S.A.C.; RODRIGUES, A.D. (Orgs.) *Línguas Indígenas Brasileiras: Fonologia, Gramática e História.* Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL. Belém: Ed. Universidade Federal do Pará – EDUFPA, 2002c. Tomo I. p. 86-95.

_____. *Traços de modo e modos de traçar geometrias: línguas Macro-Jê e teoria fonológica.* Campinas, 1998. Tese (Doutorado em Linguística), 2 vols – Universidade de Campinas – UNICAMP.

_____. (Trad.) Cap. 5: Some Universals of Grammar with particular reference to the order of meaningful elements.IN: GREENBERG,J. H. Greenberg. *Universals of Language*. 2.ed. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1966.

D´ANGELIS, W.R.; SILVA, M.A.R. Estructura silábica y nasalidad vocálica en el Kaingang paulista. *Actas I Congreso de Lenguas Indígenas de Sudamérica*, Lima-Peru, tomo I, Universidad Ricardo Palma, p. 127-134, 2000.

DIK, S.C. *The theory of Functional Grammar*. Pt II. New York: Mouton, 1997.

FERREIRA JUNIOR, A.; BITTAR, M. Pluralidade Linguística, Escola de Bê-Á-Bá e Teatro Jesuítico no Brasil do Século XVI. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 25, n.86, p. 171-195, abril/2004. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>

GIVÓN, T. *Syntax:* a functional – typological Introduction. Amsterdam: Jonh Benjamin's Publishing Company, 1984.

GODOI, C. K. *ET AL*. (Orgs.) *Pesquisa Qualitativa em estudos organizacionais:* paradigmas, estratégias e Métodos. São Paulo: Saraiva, 2006.

GONÇALVES, S.A. *A expressão de habitualidade em contexto discursivos no Kaingáng Sul (Jê).* Estudos Linguísticos, São Paulo, 39 (1), p. 247-157, jan-abr/2010a.

_____. *Algumas considerações sobre Modo e Modalidade na língua Kaingáng Sul (Jê).* Comunicação Individual. 58º GEL, São Carlos, julho/2010b.

_____. A expressão Tempo na língua Kaingang (Jê). *Estudos Linguísticos*, São Paulo, n. 38, v. 1, p. 249-258, jan-abr/2009a.

_____. Tempo, aspecto e modo na língua Kaingáng do Sul (Jê) em contextos discursivos: uma discussão inicial. *Anais do SETA*, UNICAMP, n.3, 2009b, p.881-891.

_____. *Aspecto no Kaingáng*. Dissertação (Mestrado em Linguística, área de Línguas Indígenas). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2007.

GREENBERG, J.H. "The Typological method". In: T.A. Sebeok (ed) Diachronic, areal, and typological lingüistics. The Hague, Paris. Mouton, vol 11, pp. 149-193, 1973.

_____. "Some universals os grammar with particular reference to the order of meaningful elements". In: GREENBERG, J.H. (Ed.) Universals of Language.Cambridge, Mass. The MIT Press, pp. 58-90, 1966.

HAWKINS, J.A. *Word order universals*. New York, Academic Press, 1983.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar*: a typologicalyy-based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.

JOLKESKY, M.P.V. *Reconstrução Fonológica e Lexical do Proto-Jê Meridional*. Campinas, 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística, área de Línguas Indígenas). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

JOLKESKY, M.P.V.; SANTOS, L. Construções relativas restritivas em Kaingáng. In: TELLES, S.; DE PAULA, A.S. (Orgs.) *Topicalizando Macro-Jê*. . Recife: Néctar, 2008.p.247- 260.

LEHMANN, W.P. A structural principle of language and its implications. *Language*, n. 49, v.1, p. 47-66, 1973.

LIMA SILVA, M. de. *Análise de bilinguismo na escrita em língua portuguesa de sociedades indígenas Kaingáng*. Campinas, 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística, área de Línguas Indígenas). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

LYONS, J. *Introdução à Linguística Teórica*. São Paulo: Ed. USP, 1979.

_____. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MAIA, M.A.R. *Aspectos tipológicos da língua javaé.* Dissertação (Mestre em Letras). Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Rio de Janeiro, 1986.

MANIZER, H.H. *Os Kaingáng de São Paulo*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2006. (Trad.J.Veiga)

MANTOVANELLI DA SILVA, T.R. *Relações sociais e espacialidade das crianças de Icatu (SP): a casa e o quintal.* (Ensaio) São Carlos: UFSCar, 2010. (Artigo em pdf)

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Brasil. Fundação Nacional da Saúde – Funasa. Saúde Indígena. Disponível em: <http://www.funasa.gov.br>. Acesso em: setembro 2010.

MOMBEIG, P. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: Hucitec : Polis, 1984.

NASCIMENTO, S.H.L. *Aspectos morfológicos e sintáticos e marcação de caso da língua Kaingang.* Florianópolis, 1995. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

NELSON, C. *ET AL*. (Eds.) *Cultural studies*. New York:Routledge, 1992.

PEZATTI, E.G. *A ordem de palavras no português*. Tese de Doutorado em Lingüística. Universidade Estadual Paulista, Campus Araraquara, 1992.

PINHEIRO, N.S. *Etnohistória Kaingáng e seu contexto***:** São Paulo, 1850-1912. Assis, 1992. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista.

PORTAL DO INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Povos indígenas no Brasil. Figuras e informações. Disponível em:<http://www.socioambiental.org.> Acesso em: agosto/2010

RODRIGUES, A.D. *Línguas brasileiras:* para o conhecimento das línguas indígenas. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2002.

SANTOS, L.; PONTES, I. (Orgs.) *Línguas Jê:* Estudos Vários. Londrina: UEL, 2002.

SEKI, L. Línguas indígenas do Brasil no limiar do século XXI. *Revista Impulso*, n. 27, p. 233-256, 2000. (artigo em pdf)

SILVA, M.S.R. da. A morfossintaxe do dialeto Kaingáng paulista. *Relatório Acadêmico de Doutorado-Sanduíche*. Campinas: UNICAMP; Brasília: CNPq, ago/2010.

_____. (Org) *Kotit-Kalivónohiko:* um livro bilíngue para o ensino das línguas indígenas da aldeia Icatu. São José do Rio Preto, SP: BlueCom, 2009.

SILVA, C.R. *História crítica da construção da escrita do Kaingang.* Londrina, 1996. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina – UEL.

SOUSA E FILHO, S.M. de. *Aspectos morfossintáticos da língua Akwẽ-Xerénte (Jê).* Jundiaí: Paco Ed, 2010.

TABOSA, L.P. *Construções Causativas da língua Kaingang*. Londrina, 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina – UEL.

TARALLO, F; ALKMIM, T. *Falares crioulos*: Línguas em contato. SP: Ática, 1987.

TEIXEIRA, J.B. *Contribuição para a fonologia do dialeto Kaingáng de Nonoai (RS).* Campinas, 1988. Dissertação (Mestrado em Linguística, área de Línguas Indígenas). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

TOMMASINO, K. *Kaingáng.* Instituto Socioambiental - Povos indígenas no Brasil. Quadro geral com informações sobre os 218 povos no Brasil contemporâneo, 2001. Disponível em:<http://www.socioambiental.org.>

VENNEMANN, T. *Topics, subjects and word order:* From SXV to SVX via TVX. In: J.M. Anderson & C. Jones, eds., 1974.

WIESEMANN, U.G. *Kaingáng-Português Dicionário Bilíngue*. Curitiba: Ed. Evangélica Esperança, 2002. Disponível em: < www.geocities.com/norsan_bolor/KGDict.pdf >

_____. *Dicionário Kaingáng-Português/ Português-Kaingáng*. Rio de Janeiro: Instituto Linguístico de Verão, 1971.

_____. *Introdução na língua Kaingáng. Summer Institute of Linguistics*, 1967.

Autorizo a reprodução xerográfica para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 03 de agosto de 2011.

MARIA SUELI RIBEIRO DA SILVA